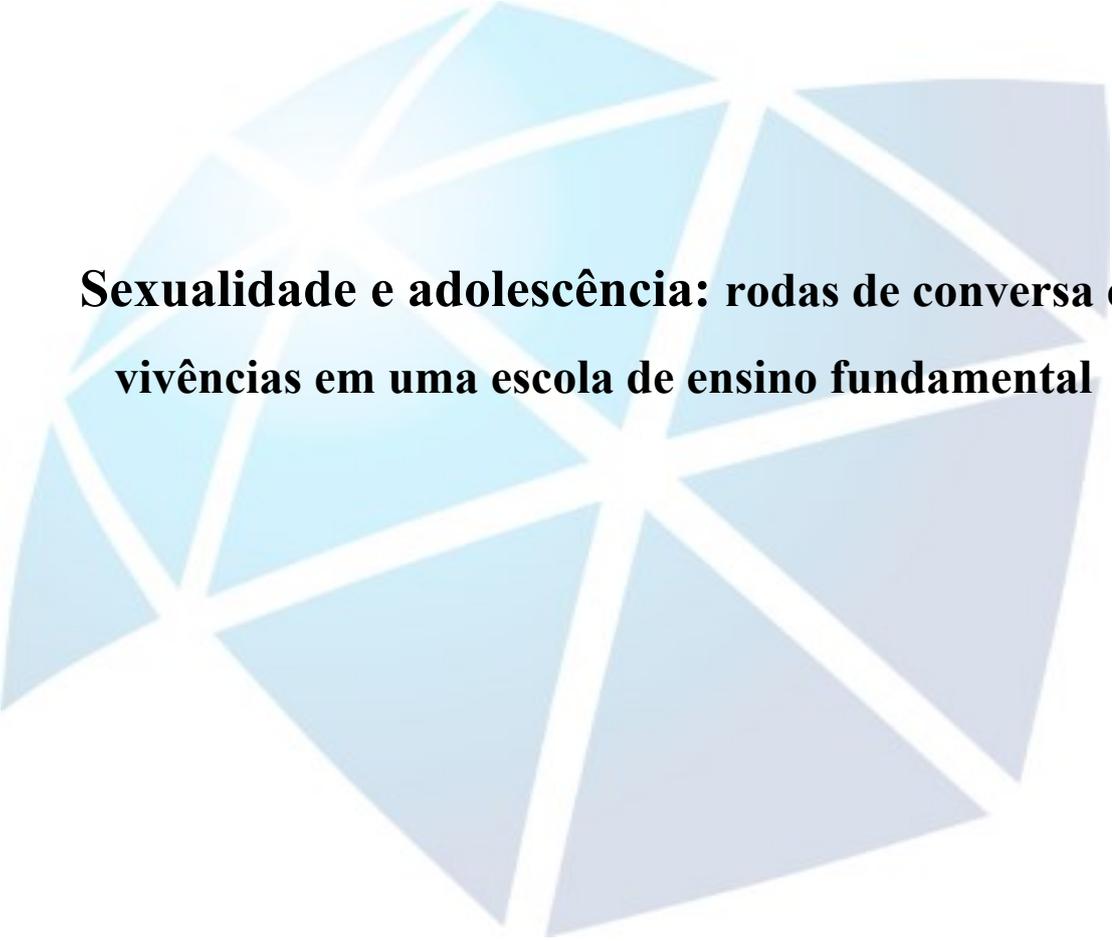


UNESP 

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP**

DÉBORA BRANDÃO BERTOLINI



**Sexualidade e adolescência: rodas de conversa e
vivências em uma escola de ensino fundamental**

ARARAQUARA - SP

2015

Débora Brandão Bertolini

Sexualidade e adolescência: rodas de conversa e vivências em uma escola de ensino fundamental

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Educação Sexual da Faculdade de Ciência e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

Linha de Pesquisa: Desenvolvimento, sexualidade e diversidade na formação de professores

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Fátima Elisabeth Denari

ARARAQUARA - SP

2015

Bertolini, Débora Brandão

Sexualidade e adolescência: rodas de conversa e vivências em uma escola de ensino fundamental /
Débora Brandão Bertolini – 2015
104 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Sexual) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara)

Orientador: Fátima Elisabeth Denari

1. Sexualidade. 2. Educação Sexual. 3. Adolescência.
4. Puberdade. 5. Roda de Conversa. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

DÉBORA BRANDÃO BERTOLINI

Sexualidade e adolescência: rodas de conversa e vivências em uma escola de ensino fundamental

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Educação Sexual da Faculdade de Ciência e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

Linha de Pesquisa: Desenvolvimento, sexualidade e diversidade na formação de professores.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Fátima Elisabeth Denari

Data da defesa: __/__/____

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fátima Elisabeth Denari
Universidade Federal de São Carlos

Membro Titular: Prof. Dr. Manoel Antônio dos Santos
Universidade de São Paulo

Membro Titular: Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro
Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita”

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Ao Lu...

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, profa. Dra. Fátima Elisabeth Denari, pela amizade, orientação, aprendizado e oportunidade de fazer parte desse programa de pós-graduação.

À UNESP pelo mestrado em educação sexual, em especial ao prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro por todas contribuições, aberturas de portas, ousadia e acreditar que educação sexual é necessário, é vital.

À escola que tão bem recebeu esta pesquisa e pesquisadora bem como agradeço a todos os funcionários, professores e alunos, em especial à diretora Fernanda.

Aos alunos participantes desta incrível experiência em educação sexual. Ao carinho ofertado por todos eles; às confidências, confiança, carinho, risadas, trocas... e que se fazem presente ainda nos meus dias.

À profa. Dra. Luci Regina Muzzeti, pela participação e contribuições durante a qualificação, além do agradecimento em me apresentar Bourdieu que sempre me delata nos meus *habitus*.

À querida Ana Cristina Canosa Gonçalves por ser meu equilíbrio nos dias mais doidos, pelas dicas e pelas sempre sábias palavras. Ana, você mora em meu coração!

Ao João W. Nery, por ser o homem incrível que é e por modificar minha maneira de enxergar o outro, por ousar e acreditar em si.

Ao meu amado Luciano Pimentel, para quem eu também dedico este trabalho, o amor da minha vida, o ser que faz com que o dia seja leve, por nunca medir esforços em me ver feliz, por incentivar cada pensamento por mais insano que pareça, por me amar como sou, por acreditar em mim e em todo o meu potencial muito mais do que eu mesma, inclusive. Sou eternamente grata por não me permitir desistir, por me apresentar um mundo recheado de boas surpresa. Amo você!

Aos amigos que ganhei e levarei comigo durante todo o mestrado, em especial Alessandra e Gustavo e aos que compartilharam conhecimento, reflexão e risadas durante as idas e vindas entre Ribeirão e Araraquara: Alex, Fran, Daniel, Karina e Gabi.

À minha família por me permitirem transitar entre o que seria “de homem” e “de mulher” perante a nossa sociedade, sem preconceitos ou medos, em especial aos meus avós que sempre me deram muito amor, compreensão e fizeram e fazem meus dias mais leves, em especial ao Diego, meu irmão, que fez a ideia deste trabalho acontecer e ao Daniel por ser minha base e a pessoa que me incentivou a sempre estudar.

Aos meus amigos por sempre me acolherem e torcerem por mim, além de se fazerem presente nos momentos de *relax*.

A Deus e aos amigos espirituais por acompanharem todos os meus passos e possibilitar que pessoas incríveis transitem pelo meu caminhar por esta existência.

“Feliz aquele que transfere o que sabe e
aprende o que ensina.”

(Cora Coralina)

RESUMO

A adolescência é uma época de conflito onde há uma percepção de si como ser com defeitos e em fase de construção final de sua própria identidade se fazendo necessário que esta seja a mais saudável e prazerosa possível para que se tornem adultos mais alegres e com menos culpa. Nesse contexto, essa pesquisa exploratória com abordagem qualitativa teve como objetivo investigar junto a um grupo de adolescentes na faixa etária de 11 a 13 anos, tanto do sexo feminino quanto do sexo masculino, como se manifestam a respeito de sua própria sexualidade e como a vivenciam. O caminho metodológico utilizado foi a roda de conversa sendo esta um espaço para diálogos, debates, troca de informações e aquisição de novos conhecimentos acerca da temática sexualidade possibilitando aos 20 jovens participantes, estudantes do sétimo ano do ensino fundamental de uma escola pública do interior paulista, que os mesmos refletissem suas próprias atitudes e comportamentos sexuais através de vivências envolvendo aulas de educação sexual, temas estes relatados como transversais e descritos nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Ao final das dez rodas de conversa foi possível verificar elementos que pontuassem que vivências de educação sexual em ambiente escolar se faz necessária para que jovens adolescentes vivenciem sua própria sexualidade de maneira segura, emancipatória, saudável e com uma visão prazerosa, sem culpa e com total responsabilidade, auxiliando desta forma, o processo de transição da infância para a vida adulta de uma maneira mais harmoniosa.

Palavras-chave: Adolescentes. Sexualidade. Educação sexual. Roda de conversa.

ABSTRACT

Adolescence is a period of conflict in which there is a perception of themselves how being imperfect and building their own identity in a way that is as healthy and enjoyable as possible to become happier and less guilt adults. In this context, this exploratory study, by using qualitative approach, aimed to investigate how a group of adolescents aged 11-13 years, both female as male, manifested regarding their own sexuality and how they experience it. The methodological approach used was the conversation circle as a place for dialogue, debates, exchange of information and acquisition of new knowledge about the theme sexuality enabling 20 young participants, students of the seventh grade of elementary school to a public school in São Paulo, the reflection of their own sexual attitudes and behaviors through vivencias involving sex education classes, known as transversal themes and described in the National Curriculum Parameters. At the end of the ten conversation circles it was possible to verify elements that supported that sex education classes in school environment is necessary, so that young adolescents to experience their sexuality safely, emancipatory, healthy and with a pleasant view without fault and full responsibility, helping the child transition to adulthood in a more harmonious way.

Abstract: Adolescents. Sexuality. Sex education. Conversation circle.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Perspectivas do Desenvolvimento Humano na Psicologia	27
Quadro 2 - Primeira fase de estudos sobre adolescência (do início do século XX até 1970)	28
Quadro 3 - Segunda fase de estudos sobre adolescência (após 1970)	29
Quadro 4 - Estratégias de Ensino de Educação Sexual em escolas	44
Quadro 5 - Artigos selecionados a partir de descritores específicos.....	46
Quadro 6 - Características dos Participantes.....	50
Quadro 7 - Programação das Rodas de Conversa	51
Quadro 8 - Questão 1: O que é ser adolescente?.....	55
Quadro 9 - Questão 2 - Quais são os sonhos e expectativas em relação à própria vida?.....	56
Quadro 10 - Questões 3 e 4: Como me vejo? Como sou visto?.....	57
Quadro 11 - Frases do grupo A sobre o que é ser homem e o que é ser mulher	61
Quadro 12 - Frases do grupo B sobre o que é ser homem e o que é ser mulher	62
Quadro 13 - Frases do grupo C sobre o que é ser homem e o que é ser mulher	63
Quadro 14 - Vulgo nome dos órgãos sexuais masculinos e femininos.....	64
Quadro 15 - Como é ser adolescente?.....	83
Quadro 16 - Sonhos e expectativas em relação à própria vida.....	84
Quadro 17 - Como me vejo? Como sou visto?	85

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Desenho de homem e mulher realizado pelo grupo A.....	62
Figura 2 - Desenhos de homem e mulher realizado pelo grupo B	63
Figura 3 - Desenho de homem e mulher realizado pelo grupo C	64
Figura 4 - Figura ilustrativa sobre redesignação sexual	68
Figura 5 - Desenho realizado pelos participantes	86

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

APA	<i>American Psychological Association</i>
AIDS	<i>Acquired Immune Deficiency Syndrome</i>
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CFE	Conselho Federal de Educação
DIU	Dispositivo Intrauterino
DF	Distrito Federal
DST	Doença Sexualmente Transmissível
ECA	Estatuto da Criança e Adolescente
EERP	Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FFCLRP	Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto
HIV	<i>Human Immunodeficiency Virus</i>
HPV	<i>Human Papilloma Virus</i>
IST	Infecção Sexualmente Transmissível
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONG	Organização Não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
OPAS	Organização Pan-americana de Saúde
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PUC	Pontifícia Universidade Católica
RC	Roda de Conversa
SIDA	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TPM	Tensão Pré-Menstrual
UEM	Universidade Estadual de Maringá
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UNESP	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
UNICEF	<i>United Nations Children's Fund</i>
USP	Universidade de São Paulo
WHO	<i>World Health Organization</i>

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	21
2. INTRODUÇÃO	24
2.1 Desenvolvimento humano e adolescência	25
2.2 Sexualidade e adolescência	32
2.3 Sexualidade nas escolas	36
2.4 Educação Sexual e adolescência	39
2.5 Procedimentos para seleção de revistas e periódicos	45
3 MÉTODO	49
3.1 Local da pesquisa e participantes.....	50
3.2 Procedimentos para coleta de dados.....	51
3.3 Aspectos éticos.....	52
3.4 Encontro com pais, mães e responsáveis legais.....	53
4 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	54
4.1 Características e Peculiaridades da Comunidade.....	54
4.2 Roda de Conversa 1: Contato inicial.....	55
4.3 Roda de Conversa 2: Ser homem e/ou ser mulher.....	60
4.4 Roda de Conversa 3: Sistemas Reprodutores.....	67
4.5 Roda de Conversa 4: Sexualidade e Família.....	69
4.6 Roda de Conversa 5: Sexo, gênero e atração sexual.....	71
4.7 Roda de Conversa 6: Puberdade e Adolescência.....	73
4.8 Roda de Conversa 7: Relações Sexuais e Mídia.....	76
4.9 Roda de Conversa 8: Saúde Sexual e Métodos Contraceptivos.....	78
4.10 Roda de Conversa 9: Infecções sexualmente transmissíveis.....	80
4.11 Roda de Conversa 10: Aula Final.....	82
4.12 Atividades na escola em paralelo com a pesquisa.....	87
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
Curiosidades pós pesquisa.....	89
REFERÊNCIAS	91

Apêndice I – Carta Convite de Reunião.....	99
Apêndice II - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	100
Apêndice III - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido	101
Apêndice IV - Dúvidas e curiosidades depositadas na caixinha	102
Anexo I - Aprovação do Comitê de Ética.....	103
Anexo II – Autorização da Escola	106

SEXUALIDADE E ADOLESCÊNCIA: RODAS DE CONVERSA E VIVÊNCIAS EM UMA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL

1. APRESENTAÇÃO

Iniciarei com uma apresentação pessoal sobre minha trajetória profissional e o grande interesse e prazer em atuar com sexualidade e educação sexual. Sou a segunda filha de uma prole de cinco filhotes com pai e mãe talvez modernos para a visão de algumas pessoas.

Nasci e fui criada em uma cidade com temperaturas em torno de 40°C e a ausência de utilização de roupas dentro de casa era frequente. Minha mãe é educadora infantil e nos ensinou que todas as cores são belas sem diferenciação entre menino e menina e de que todos os brinquedos ou brincadeiras são para crianças independentes do sexo, afinal meninos se transformarão em homens que poderão ter filhos e casas próprias podendo desta forma, na fase infantil, cuidar de suas bonecas e/ou suas panelinhas bem como meninas tornar-se-ão mulheres podendo dirigir os seus carros, jogar futebol ou qualquer outro jogo, quando tiverem vontade; meu pai nunca opinou contrário a isso.

Sou graduada em enfermagem desde 2008 pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (EERP-USP) e desde o primeiro ano de graduação atuo em pesquisas voltadas para adolescentes e saúde mental. O foco das pesquisas inicialmente era o planejamento familiar, saúde sexual e emocional. No entanto, sentia a necessidade de avançar o conhecimento. Neste mesmo período atendi uma criança de 9 anos, grávida, e com uma constituição familiar praticamente nula. A garota grávida poderia dizer que morava sozinha nas diversas casas que a acolhiam dentro de uma favela na cidade de Ribeirão Preto, pois a mãe era usuária de drogas, vivia nas ruas e se sustentava do pouco dinheiro que a prostituição lhe oferecia; o pai era desconhecido.

No ano seguinte à minha formação fui atuar em uma prefeitura de uma cidade próxima à Campinas com 20 mil habitantes sendo boa parte destes vindos do Ceará para o corte da cana. A cidade sem a imigração era constituída por 14 mil habitantes. Sendo assim, dificilmente encontravam-se lugares vagos para turistas ou recém-chegadas como eu. No entanto, eu havia reservado um lugar no único hotel da cidade (hoje arrendado pelas usinas) e com 15 dias de antecedência. Apesar do planejamento prévio, na véspera da minha chegada, a dona do hotel avisou que não havia mais reserva. A vontade de atuar como enfermeira era tão imensa que resolvi assumir a minha convocação do jeito que fosse; confiando que tudo se ajeitaria no final. Com a mochila pequena nas costas e três mudas de roupa cheguei à cidade e

após um dia inteiro de trabalho me hospedei no sofá da recepção do hotel. Os homens, cortadores de cana, ao se depararem com a cena, se reorganizaram indo adormecer no chão de outros quartos para me oferecerem um quarto e durante o café da manhã dos dias seguintes, me olhavam “de rabo de olho”, quando resolviam me observar. No entanto, sempre se levantavam de uma mesa com 4 lugares para que eu pudesse me sentar, sozinha, como se eu fosse superior e compartilhar da companhia deles fosse algo proibido (como esta experiência me deixou sem jeito). Mais um momento da sexualidade gritando na minha vida!

Nesta mesma cidade atuei efetivamente com planejamento familiar e pude perceber a tristeza (e posteriormente felicidade pela descoberta) de mulheres que não conheciam o próprio corpo, que engravidaram sem ter o conhecimento de que havia um útero, óvulos e trompas, quiçá o clitóris. Atendi homens casados com infecções sexualmente transmissíveis (IST) (sim, utilizarei este termo IST em substituição à DST - Doença sexualmente transmissível, por “chatice” desse povo da saúde, no qual eu me “encaixo” afinal, nem todas as infecções acarretam doenças sexuais) e que não quiseram que suas parceiras tivessem o conhecimento da contaminação para um posterior tratamento. Nesta época eu senti a natureza humana em diversas realidades quando o assunto em foco era saúde sexual ou até mesmo afetividade e relação humana. Deliciei-me em poder apresentar sexualidade para pessoas leigas. Aprendi nesta cidade e na profissão amada o tanto que eu gostava de pessoas principalmente quando simples, sem oportunidade e carente do conhecimento. Eu respirava sexualidade!

Tempos depois, voltei à minha cidade de origem e atuei em um hospital generalizado de atenção terciária e uma maternidade da rede pública. Cada dia de trabalho eram novos aprendizados e muito mais necessidade de conhecimento. Educação sexual se fazia tão necessário que tive uma exemplificação em casa, junto ao meu irmão caçula em fase de puberdade e com a presença da dor do estirão junto à ignorância, medo e conflito das sensações e sentimentos provindos das transformações ocasionadas pela puberdade e adolescência. Nesta fase é que se deu a busca pela formação na área, pois como enfermeira me faltava informação e suporte para auxiliá-lo. Infelizmente não se abordam sexualidade em cursos universitários e quando o fazem é de maneira superficial. Na procura por onde estudar, surgiu o mestrado da UNESP de Araraquara, região próxima à minha cidade natal. Era a primeira turma! A notícia veio em julho de 2012.

A ânsia de buscar conhecimento na temática veio por questões familiares: as descobertas e angústias do irmão caçula. No entanto, um incômodo habitava meus pensamentos: se ele, que tinha liberdade para conversar sobre qualquer coisa ligada à

sexualidade, estava com dificuldades para lidar com as mudanças próprias desta fase, imagine quem habitava famílias onde o assunto era um tabu?! Daí a escolha pela faixa etária desta pesquisa e a relação com as rodas de conversa (onde há espaço aberto ao diálogo).

Sobre a pesquisa, senti um imenso prazer em realiza-la bem como compartilhar parte da minha vida com esses jovens; muitos com os quais eu mantenho contato ainda nos dias atuais, mesmo após a pesquisa. É muito gratificante auxiliá-los neste processo de transição da infância para a vida adulta, e em muitos momentos, a única necessidade que esses adolescentes possuem é de alguém para ouvi-los, durante um desabafo, principalmente na questão dos desamores.

A minha maior dificuldade, em relação à pesquisa, foi quanto ao cuidado com o significado de cada palavra. Como é difícil ser imparcial, não rotular ou colocar em caixas, além de constantemente e em um trabalho diário tentar reduzir o viés de pesquisadora. Atualmente, estudar educação sexual é o que mais me completa como ser humano e o que mais tenho feito com os meus dias, através de leituras e novos cursos. Compartilhar conhecimento envolvendo a temática me faz sorrir, ainda que nos dias mais difíceis. Educação Sexual é o meu grande vício!

2. INTRODUÇÃO

A era digital trouxe um maior acesso à sexualidade, no entanto, familiares e educadores apresentam dificuldades em explorar o tema com crianças e jovens. Esse bloqueio sobre a sexualidade pode estar relacionado ao tabu, medo de explorar precocemente o sexo infantil, inexperiência dos educadores, ou até mesmo, imaturidade por parte desses familiares (Picazio, 1999; Cerqueira & Guia, 2007).

Em meados da década de 1990, com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (1998) que abordam a educação sexual como tema transversal em uma educação formal, incluiu-se a possibilidade de inserção do assunto nas escolas de ensino fundamental. No entanto, estudos recentes apontam que ainda há professores despreparados para lidar com questões envolvendo a temática sexualidade e o mais agravante é quando se percebe que esse despreparo é fundamentado pelo preconceito enraizado aos valores pessoais (Rodrigues, Amaral, Guizio, & Maia, 2011). Desta forma, em inúmeras vezes, pais e educadores que deveriam exercer uma educação sexual aos adolescentes acabam trazendo aos jovens uma conotação negativa à sexualidade.

Como consequência, muitos jovens crescem com a ideia negativa de que a libido seja algo proibido, impuro dando à sexualidade valores não reais. Criam-se mitos e estereótipos baseados em estigmas moldados pela religião, orientação sexual, repreensão e falta de informação. Isso gera problemas que a sociedade passa a enfrentar com cada vez mais frequência como intolerância, homofobia, transfobia, disseminação de infecções sexualmente transmissíveis (IST), gravidez precoce ou não planejada na adolescência e falta de estrutura e planejamento familiar (Picazio, 1999; Serrano, 2007; Murakami, Petrilli Filho & Telles Filho, 2007).

Estes problemas ou conflitos ocorrem com frequência na passagem da infância para a fase de adolescência, que ocorre entre os 11 e 13 anos de idade. Esta fase também é marcada pelo momento em que o jovem aprende a conhecer e lidar com suas emoções e em que define os papéis de homens e mulheres a serem assumidos na sociedade com a maturidade. A adolescência é considerada um fenômeno universal, porém apresenta características dependentes do ambiente sociocultural em que o indivíduo está inserido. Dúvidas, conflitos e incertezas estão presentes e fazem parte da adolescência. “O jovem não se considera mais criança, mas ainda não é adulto; vivem na instabilidade entre estes dois extremos” (Frisson, 2000, p.3).

Considerando este cenário, esta pesquisa apresenta a seguinte questão: Como os adolescentes da faixa etária de 11 a 13 anos manifestam e vivenciam sua própria sexualidade?

Segundo Richardson (2007, p. 62) os objetivos de um trabalho científico devem ser extraídos do problema de pesquisa e são divididos em objetivo geral e objetivos específicos. De acordo com o autor, o objetivo geral define o que se pretende alcançar com a realização da pesquisa, e os objetivos específicos definem as etapas que devem ser cumpridas para alcançar o objetivo geral. Com base nesse entendimento, são apontados os objetivos desta pesquisa:

Objetivo geral:

Investigar junto a um grupo de adolescentes na faixa etária de 11 a 13 anos, tanto do sexo feminino quanto do sexo masculino, como se manifestam a respeito de sua própria sexualidade e como a vivenciam.

Objetivos específicos:

1. identificar, por meio de questionário, qual o grau de conhecimento e quais os sentimentos vivenciados quando o assunto em foco for sexualidade e adolescência;
2. propiciar aos jovens, participantes da pesquisa, por meio de roda de conversa, conhecimentos sobre sexualidade para que possam ter a possibilidade de exercer a mesma de maneira segura, responsável e prazerosa; livre de preconceito, medo e/ou culpa;
3. acompanhar a evolução do comportamento destes jovens perante os temas abordados por meio de novo questionário.

2.1 Desenvolvimento humano e adolescência

O desenvolvimento humano caracteriza-se como fenômeno complexo, dinâmico e situado em marcos espaço-temporais concretos sendo que, ao integrar o processo de construção do ser humano, a adolescência deve ser compreendida à luz da dinâmica histórico-cultural das sociedades (Araújo & Oliveira, 2010). Com a complexidade das condições de

desenvolvimento contemporâneas surge também a necessidade de ampliarem as pesquisas que abordem o conjunto sistêmico de transformações da pessoa no tempo, em referência às diferentes instituições que fazem parte deste processo, dentre elas o contexto familiar e a escola.

Senna e Dessen (2012), na tentativa de descrever a adolescência, caracterizam esta fase como vital ao desenvolvimento humano. Segundo Araújo e Oliveira (2010), no século XIX, a adolescência se torna um construto no discurso médico e pedagógico passando a ser definida tal como uma fase com características específicas, processos e comportamentos relativamente normativos e previsíveis, diferenciados da infância e da idade adulta.

No século XX, com os avanços teóricos científicos e adoção de modelos sistêmicos para a compreensão do desenvolvimento, a adolescência tornou-se tema de interesse para a psicologia que passou a analisar esta fase do desenvolvimento humano por meio de um conjunto de fatores inter-relacionados de ordem individual, histórica e cultural, vinculando os aspectos do indivíduo ao seu contexto de desenvolvimento (Senna & Dessen, 2012).

Segundo Souza, Branco e Oliveira (2008), entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, foi possível identificar alguns teóricos que adotaram uma psicologia do desenvolvimento qualitativa, marcada pelo pensamento universalizante e com explicações limitadas, com destaque para Preyer, Stern, Hope-Graff, Buehler, Bernfeld, Baldwin, Piaget, Vygotsky e Werner. Nesta fase a ênfase era dada nas relações e na complexidade.

Durante o século XX foram desenvolvidas várias teorias sobre a adolescência e o desenvolvimento do adolescente. Segundo Ribeiro (2005), neste período surgiram diversas linhas de pensamento e perspectivas para discutir o desenvolvimento humano, destacando-se os teóricos ambientalistas, inatistas, construcionistas, sociointeracionistas, evolucionistas e psicanalistas.

O Quadro 1 apresenta um resumo das teorias e perspectivas do desenvolvimento humano em psicologia.

Quadro 1 - Perspectivas do Desenvolvimento Humano na Psicologia

Perspectiva	Pensadores	Características
Ambientalistas	Skinner e Watson (movimento behaviorista),	As crianças nascem como tábulas rasas, que vão aprendendo tudo do ambiente por processos de imitação ou reforço.
Inatistas	Chomsky	As crianças já nascem com tudo que precisam na sua estrutura biológica para se desenvolver. Nada é aprendido no ambiente, e sim apenas disparado por este.
Construcionistas	Piaget	O desenvolvimento é construído a partir de uma interação entre o desenvolvimento biológico e as aquisições da criança com o meio.
Sociointeracionista	Vygotsky	O desenvolvimento humano se dá em relação nas trocas entre parceiros sociais, através de processos de interação e mediação.
Evolucionista	Fodor	O desenvolvimento humano se dá no desenvolvimento das características humanas e variações individuais como produto de uma interação de mecanismos genéticos e ecológicos, envolvendo experiências únicas de cada indivíduo desde antes do nascimento.
Psicanalítica	Freud, Klein, Winnicott e Erikson	Procura entender o desenvolvimento humano a partir de motivações conscientes e inconscientes da criança, focando seus conflitos internos durante a infância e pelo resto do ciclo vital.

Fonte: Adaptado de Ribeiro (2005)

Senna e Dessen (2012) apontam que ao longo do século XX os teóricos se preocuparam com as mudanças sistemáticas do comportamento do adolescente, como foco na descrição dessas mudanças ou em algum aspecto particular (emoção, cognição), ou nas relações entre estes aspectos.

Neste sentido, os autores apontam duas fases sobrepostas, sendo a primeira caracterizada pela realização de estudos descritivos e não teóricos (de 1904 até 1970) e a segunda fase com foco na avaliação de modelos teóricos e hipóteses, modelos sistêmicos e estudos longitudinais (observacionais) com o objetivo de justificar os processos de desenvolvimento humano sob influência de contextos amplos e diversificados (a partir de 1970).

A primeira fase de estudos sobre a adolescência teve vários autores como influência, com destaque para Granville Stanley Hall, Sigmund Freud, Erik Erikson, Margaret Mead e Jean Piaget. O Quadro 2 apresenta a relação dos principais autores e a base teórica que direcionou estudos sobre a adolescência entre as primeiras décadas do século XX e o ano de 1970.

Quadro 2 - Primeira fase de estudos sobre adolescência (do início do século XX até 1970)

Autor	Base teórica	Características
Granville Stanley Hall	Relação entre aspectos psicológicos com outros fatores	Em 1904 Hall publicou uma importante obra sobre a adolescência, relacionando os aspectos psicológicos dos adolescentes com fisiologia, antropologia, sociologia, além de também relacionar os aspectos psicológicos com sexo, religião, educação e crimes. Com base filogênese e na ontogênese, Hall define a adolescência como um período de transição universal e inevitável, reconhecendo a influência da cultura e valorizando as diferenças individuais do adolescente e sua maleabilidade.
Sigmund Freud	Pressupostos da Psicanálise	Baseado nos pressupostos da psicanálise de Freud, um grupo de teorias não identificou a adolescência uma fase distinta do desenvolvimento (ainda que crucial) considerando o indivíduo como dotado de impulsos biológicos básicos, com o surgimento de determinado aspecto da sexualidade humana a cada fase distinta do seu ciclo vital. Na adolescência ocorre a reativação de vários impulsos sexuais e agressivos experimentados nas fases iniciais (oral, anal, edípica) do desenvolvimento da criança.
Erik Erikson	Teoria do desenvolvimento psicossocial	Erik Erikson enfatiza a interação entre as dimensões sociocultural, histórica, biológica e intelectual, destacando a influência dos ambientes e o impacto da experiência social durante a vida. Em cada estágio do desenvolvimento o indivíduo se depara com um conflito a ser ultrapassado, que na adolescência este conflito (crise) se caracteriza pelo desenvolvimento da identidade (que está em constante mudança) e depende das experiências e interações sociais. Como consequência, os adolescentes que recebem apoio e encorajamento apropriados para seu crescimento pessoal tendem a passar por esta fase com um sentimento de independência e melhor autoestima.
Margaret Mead	Aspectos socioculturais da adolescência	Com base na influência dos aspectos socioculturais da adolescência, um grupo de teorias sugere que o comportamento do adolescente é moldado pelo ambiente social imediato (pais e pares) e pelo ambiente social amplo (cultura). Neste sentido, os autores (com destaque para Margaret Mead) buscam relacionar a rebeldia da puberdade contra a autoridade dos pais com o idealismo do jovem dependendo do estilo de vida e ambiente sociocultural que ele está inserido.
Jean Piaget	Processos cognitivos do desenvolvimento	Com base nas teorias de Piaget, um grupo de teorias afirma que o comportamento dos adolescentes que gera preocupações nos adultos tem origem no início da fase da adolescência dada a mudança na forma de pensar dos jovens. Neste sentido, com o desenvolvimento do pensamento formal o adolescente desenvolve sua própria maneira pensar e de compreender sua realidade.

Fonte: Adaptado de Senna e Dessen (2012)

A segunda fase de estudos envolvendo adolescência é caracterizada pelo surgimento de novos modelos e questões sobre o desenvolvimento humano na década de 1970, refletindo uma visão contextualista, relacionando o indivíduo, o ambiente e suas interações. Segundo Senna e Dessen (2012), o desenvolvimento passou a ser relacionado a fatores biológicos

(processos genéticos e fisiológicos) e contextuais (eventos culturais e interações sociais) reciprocamente interativos gerando um grande desafio para seu estudo. Neste sentido, as orientações teóricas que representam esta perspectiva do desenvolvimento são a teoria do curso de vida e a teoria bioecológica e de Bronfenbrenner (Bronfenbrenner, 2005; Bronfenbrenner, & Morris, 2006). Para Senna e Dessen (2012), a complexidade das interações entre o indivíduo e o ambiente gerou muitos questionamentos. Segundo as autoras,

[...] tais questionamentos exigiram o entrelaçamento e a integração de disciplinas de diversas áreas, a fim de desvelar os complexos processos que levam os seres humanos a se desenvolverem dentro de uma dinâmica de forças existentes no mundo em constante transformação. Neste sentido, a perspectiva sistêmica foi fundamental para a compreensão das questões de investigação sobre o desenvolvimento humano, tanto no que tange a relação mútua entre sistemas e entre os componentes de um sistema, como a sua evolução em padrões no tempo (p. 103).

O Quadro 3 apresenta as teorias desenvolvidas após 1970, conhecido como segunda fase dos estudos sobre adolescência.

Quadro 3 - Segunda fase de estudos sobre adolescência (após 1970)

Teorias	Característica
Teoria do Curso de Vida	Esta teoria propõe a identificação dos estágios de vida (infância, adolescência, fase adulta e velhice) nos seus aspectos temporais, contextuais e processuais como uma das formas de compreender as mudanças que ocorrem no desenvolvimento humano. Estas mudanças podem ocorrer em diversos níveis: macro (sociedade e ordem social), intermediário (comunidade e vizinhança) e micro (escola e família). Nesta visão as trajetórias são interdependentes e não restritas a histórias individuais.
Modelo Bronfenbrenner	Modelo criado para orientar pesquisas em desenvolvimento humano (denominado modelo ecológico e, posteriormente, modelo bioecológico). Este modelo defende que para compreender o desenvolvimento humano é necessário inserir nas análises, além do indivíduo e suas capacidades perceptuais, motoras ou cognitivas, também as interações e padrões relacionais que se estabelecem em diversos contextos ao longo do tempo

Fonte: Adaptado de Senna e Dessen (2012)

De acordo com Souza, Branco e Oliveira (2008), a partir de 1970, sob a marcante influência inicial da perspectiva do ciclo de vida de Baltes (1979) e da perspectiva ecológica de Bronfenbrenner (1977; 1989; 1996; 1999), os aspectos qualitativos são redescobertos, expressando o interesse crescente nos fenômenos cotidianos, nas interações e na ecologia, por meio do pensamento sistêmico e holístico.

O final da infância e a transição para a adolescência constituem a fase na qual as questões relacionadas às autopercepções encontram-se mais acentuadas. Uma imagem

positiva de si mesmo depende tanto da própria avaliação quanto do apoio social recebido. Um bom autoconceito ou uma representação positiva de si mesmo é um indicador de bem-estar, de satisfação pessoal e de saúde mental tanto na criança quanto no adulto. Isto ocorre porque há um desenvolvimento mais acelerado da consciência (Mussen, Congor, Kagan, & Huston, 1995).

As falhas ou problemas na educação e no desenvolvimento da criança nesta fase implicam problemas na fase adulta, o que inclui questões relacionadas à sexualidade. De acordo com Facchini, Maia e Maia (2004), a educação sexual está envolvida no processo de educação geral que, mesmo sem ser completamente consciente, permeia todo o comportamento humano.

A adolescência representa um período de profundas transformações em jovens, que começam a vivenciar a transição para a fase adulta. Estas alterações biológicas, físicas, hormonais, psicológicas, sociais e sexuais, juntamente com a compreensão destas mudanças, determinarão padrões de comportamento e atitudes futuras na fase adulta. De acordo com Eisenstein (2005),

[...] a adolescência é o período de transição entre a infância e a vida adulta, caracterizado pelos impulsos do desenvolvimento físico, mental, emocional, sexual e social e pelos esforços do indivíduo em alcançar os objetivos relacionados às expectativas culturais da sociedade em que vive (p.6).

A definição cronológica do início da adolescência varia de acordo com organizações e países. No Brasil, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (Lei 8069, 1990) considera-se adolescente o jovem entre 12 e 18 anos. Para o Ministério da Saúde (1996), a faixa cronológica da adolescência varia entre 10 e 19 anos, a mesma que a faixa adotada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e pela Organização Pan-americana de Saúde (OPAS), que define a adolescência como um processo fundamentalmente biológico de vivências orgânicas, no qual se aceleram o desenvolvimento cognitivo e a estruturação da personalidade (WHO, 2004; UNICEF, 2011a; WHO, 2011).

Por questões políticas e estatísticas, algumas organizações internacionais adotam outros limites cronológicos, sendo a mais conhecida a Organização das Nações Unidas (ONU) que classifica jovens e adultos em um mesmo grupo com idade variando entre 15 e 24 anos.

Para a UNICEF (2011a), devido ao abismo de experiências que separa os adolescentes mais jovens dos mais velhos, é útil avaliar essa segunda década de vida em dois momentos distintos, a fase inicial e fase final da adolescência. Neste sentido, a adolescência abrange o

que é chamado de pré-adolescência que compreende a faixa etária de 10 a 14 anos e a adolescência propriamente dita, dos 15 aos 19 anos (Macedo, Miranda, Pessoa Junior, & Nobrega, 2013). De acordo com a UNICEF (2011a),

[...] pode-se considerar como fase inicial da adolescência o período que se estende dos 10 aos 14 anos de idade. Em geral, é nessa etapa que começam as mudanças físicas, normalmente com uma aceleração repentina do crescimento, seguida pelo desenvolvimento dos órgãos sexuais e das características sexuais secundárias. [...] Podem ser vítimas ou participar de *bullying* (assédio moral), e podem sentir-se confusos em relação à sua própria identidade pessoal e sexual. [...] A fase final da adolescência, de maneira geral, vai dos 15 aos 19 anos de idade. A essa altura, as principais mudanças físicas normalmente já ocorreram, embora o corpo ainda se encontre em desenvolvimento. [...] No início dessa fase, as opiniões dos membros de seu grupo ainda são importantes, mas essa influência diminui à medida que o adolescente adquire maior clareza e confiança em sua própria identidade e em suas opiniões (p.6).

Wüsthof (1996) relata que seria uma definição muito simplista segmentar a adolescência apenas pela idade e, desta forma, defende que adolescência é o tempo necessário para que a criança se transforme em adulto tanto nos aspectos biológicos quanto psíquicos e sociais. Esta fase de adolescência, segundo o mesmo autor, seria um “gigantesco laboratório de vivências” com exploração de diversos caminhos até impetrar a trilha que mais se aproxima com o ideal que se busca para si. Nesta transição entre a criança e o adulto, há um impulso sexual que se explode com a “força de um vulcão”, segundo o mesmo autor (1996). Ocorrem alterações hormonais que acarretam insegurança por falta de conhecimento: menarca (primeira menstruação), desenvolvimento de mamas e pelos, alteração na voz, ereção peniana com ejaculação e presença de sêmen. Esta ausência de informações a respeito de tamanhas modificações é o que justificaria a presença de gravidez precoce e aumento nos índices de adolescentes contaminados por infecções sexualmente transmissíveis (WHO, 2007; 2010).

De acordo com Freitas, Viana e Dias (2010), no período da adolescência, em que há transição da fase infantil para a fase adulta, o adolescente se depara com a perda da onipotência infantil, tornando-se um ser autocrítico na descoberta de seus defeitos. Além das próprias cobranças, o adolescente ainda sofre com os rótulos e cobranças que a sociedade os atribui. Desta forma, é comum que estes adolescentes se percebam como sujeitos com defeitos. Considerando que o conceito de sexualidade engloba, dentre outros fatores o bem-estar, a educação sexual se faz necessária no autoconhecimento, aceitação de cada jovem com seu próprio corpo e sexualidade, além de uma melhor percepção de si mesmo e da construção da própria identidade.

2.2 Sexualidade e adolescência

A sexualidade “constitui-se numa dimensão fundamental em todo ciclo de vida de homens e mulheres, a qual envolve práticas e desejos ligados à satisfação, à afetividade, ao prazer, aos sentimentos, ao exercício da liberdade e à saúde” (Macedo, Miranda, Pessoa Junior & Nobrega, 2013, p. 104). Nas palavras de Freitas, Viana e Dias (2010), a sexualidade é

[...] o desejo de contato, calor, carinho ou amor. Isso inclui olhar, beijar, autoprazer e produção de orgasmo mútuo. Aspecto central do ser humano, que abrange o ato sexual, as identidades, os papéis sociais, a orientação sexual, o erotismo, o prazer, a intimidade e a reprodução, a sexualidade também é percebida através dos pensamentos, fantasias, desejos, opiniões, atitudes, valores, comportamentos, práticas e nos relacionamentos. A interação dos fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, éticos, legais, históricos, religiosos e espirituais influenciam as práticas sexuais de cada grupo social (p. 352).

A sexualidade é, primeiramente, uma realidade biológica. No entanto, nossa identidade sexual e a nossa identidade de gênero são construções sociais, mediadas pelos contextos sociais e históricos, pelas ideias e pelos papéis que são socialmente veiculados pelos micro e macros contextos da nossa socialização (Vilar, 2012). A sexualidade, no entanto, não pode ser tida apenas como aspectos biológicos ou genitais; mas sim abarcar todos os aspectos tidos como importantes e imprescindíveis ao entendimento do indivíduo como um todo, em toda sua dimensão, e passando por todas as fases do ciclo vital. Para Maia e Ribeiro (2011),

[...] sexualidade é um conceito amplo e histórico. Ela faz parte de todo ser humano e é representada de forma diversa dependendo da cultura e do momento histórico. A sexualidade humana tem componentes biológicos, psicológicos e sociais e ela se expressa em cada ser humano de modo particular, em sua subjetividade e, em modo coletivo, em padrões sociais, que são aprendidos e apreendidos durante a socialização. Assim, as atitudes e valores, comportamentos e manifestações ligados à sexualidade que acompanham cada indivíduo desde o seu nascimento constituem os elementos básicos do processo que denominamos educação sexual. Tem um caráter não intencional e existe desde o nascimento, ocorrendo inicialmente na família e depois em outros grupos sociais. É o modo pelo qual construímos nossos valores sexuais e morais, e se constitui de discursos religiosos, midiáticos, literários etc (pp. 75-76).

É necessário que se obtenha clareza nesses aspectos, sejam estes, biopsicossocial, morais, religiosos ou culturais. Tabus e conflitos ligados à sexualidade nos acompanham

desde o nascimento, apesar de ignorarmos esse fato. Sendo assim a sexualidade nos molda no jeito de pensar, sentir e agir e as típicas condutas humanas interferem os diferentes gêneros na maneira como esses veem o mundo ou como estes interagem com o que está ao seu redor ou criam significados (Denari, 2002).

Conceitualmente a sexualidade é uma construção histórica e sociocultural, que se transforma e se molda ao longo do tempo, adaptando-se ao estilo de vida da população, e historicamente foi limitada devido a tabus, mitos, preconceitos, interdições e relações de poder. Para Quirino e Rocha (2012), a sexualidade ganhou visibilidade no início do século XX, impulsionado pelos estudos de Freud e, posteriormente na década de 1980, por Foucault. Louro (2007) destaca que a sexualidade implica ou envolve mais do que corpos, uma vez que na sexualidade estão envolvidos valores, fantasias, linguagens, rituais, comportamentos, representações mobilizadas ou colocadas em ação para expressar desejos e prazeres.

Segundo Cano, Ferriani e Gomes (2000), embora Freud tenha debatido sobre sexualidade e comportamento sexual no final do século XIX e início do século XX, o tema se tornou um dos assuntos mais discutidos nos tempos modernos.

Ao tratar de sexualidade, Foucault (2009) procura reconstituir uma ordem sexual baseada em procedimentos para produzir a verdade do sexo, a *ars erotica* (arte erótica) e a *scientia sexualis* (conhecimento sexual). No oriente se desenvolveu a *ars erotica* produzida pela experiência e encarada como prática e extraída do prazer. Em algumas civilizações (Japão, China, Índia e mundo árabe-mulçumano) é aplicada como mistério e processo de iniciação. Segundo Foucault (2009),

[...] na *ars erotica*, a verdade é extraída de prazer em si, entendida como prática e como a experiência acumulada, o prazer não é considerado em relação a uma lei absoluta do permitido e do proibido, nem por referência a um critério de utilidade, mas em primeiro acima de tudo em relação a si mesmo; ele é experimentado como prazer, avaliado em termos de sua intensidade, a sua qualidade específica, a sua duração, suas reverberações no corpo e na alma. Além disso, este conhecimento deve ser desviado de volta para a própria prática sexual, a fim de moldá-la como se a partir de dentro e amplificar seus efeitos. Os efeitos dessa arte magistral, que são consideravelmente mais generosos do que a escassez de suas prescrições levariam imaginar, são ditas para transfigurar a sorte de receber seus privilégios: um domínio absoluto do corpo, uma felicidade singular, esquecimento ao tempo e limites, o elixir da vida, o exílio da morte e suas ameaças. [...] Nossa civilização não possui *ars erotica* (p. 65).

Em oposição à *ars erotica* surgiu no ocidente cristão, sob influência do renascimento e do desenvolvimento da ciência a *scientia sexualis*. Como o objetivo de tratar o sexo sob enfoque de reprodução e com o ritual da confissão obrigatória e exaustiva, a *scientia sexualis*,

difundiu seus efeitos na medicina, pedagogia e relações interpessoais, familiares e amorosas (Rocha, 2011).

Dada a complexidade do tema, em muitas famílias (que são consideradas uma importante fonte de conhecimento e orientação para os adolescentes), os pais tendem a apresentar grandes dificuldades com a sexualidade dos filhos adolescentes, transferindo o papel educativo para terceiros e reproduzindo formas disciplinares de controle. De acordo com Bretas e Silva (2005),

[...] muitas vezes os pais têm dificuldades em abordar questões de sexualidade com seus filhos, justamente por não terem muito claro o que aconteceu com eles próprios. Neste contexto a maioria dos pais atribui a tarefa da orientação sexual de seus filhos à escola e esta, por sua vez, apresenta dificuldade em cumprir tal tarefa. Neste sentido, [...] é importante considerar também o fato de que o professor pode sentir-se despreparado em lidar com aspectos da orientação sexual junto a seus alunos (pp. 327-328)

Segundo Cano, Ferriani e Gomes (2000), a adolescência é uma etapa em que a personalidade está em fase final de estruturação. De acordo com as autoras, neste processo de formação e estruturação da personalidade, a sexualidade se insere como um elemento estruturador da identidade do adolescente. Dada a importância da sexualidade na formação da personalidade e identidade dos adolescentes, há uma grande necessidade por parte dos adultos, em especial pais e professores de melhor compreensão de mitos, tabus e a realidade da sexualidade para que este tema seja abordado de forma mais tranquila com os adolescentes.

Durante o período de transformações na adolescência, os garotos e garotas começam a perceber mudanças em seus corpos e passam a preocupar-se com a aparência e valorizar seu visual, adotando comportamentos sociais e sexuais atribuídos a cada sexo, o que de certa forma delineiam a construção da identidade do adolescente. De acordo com Bretas, Ohara, Jardim, Aguiar Junior e Oliveira (2011, p. 3222), “a identidade constitui-se talvez, o fator central do gênero e da sexualidade, tendo em vista a identificação desta enquanto processo constante de mudança, como também nas suas implicações para a experiência da vida sexual”.

Com relação à identidade, gênero e sexualidade, para Louro (2008), ainda que normas culturais, valores morais e princípios religiosos sejam reiterados por várias instâncias, é importante observar que os modos de compreender, de dar sentido e de viver os gêneros e a sexualidade multiplicaram-se.

Desta forma, hoje o grande desafio é aceitar que as posições se multiplicaram e entender que é impossível adotar classificações binárias dos gêneros e das orientações sexuais (masculino ou feminino; heterossexual ou homossexual). De acordo com a autora, o

surgimento destes novos grupos (em fronteiras sexuais e de gênero) não implica em uma aceitação progressiva por parte da sociedade, podendo gerar nestes grupos marginalização e repressão.

Assim, percebe-se a necessidade de informações aos adolescentes bem como uma educação sexual trabalhada tanto em serviços de saúde quanto educacionais. Programas educativos nas escolas ainda são escassos e primam pela manutenção da biologização do sexo, em detrimento aos demais aspectos a serem considerados. Nossa educação, enquanto educadores e familiares deve-se dar na medida em que adotamos atitudes positivas aos esclarecimentos sobre sexualidade. Há que se lembrar de que são jovens que possuem necessidade de amar e serem amados; de aprender, partilhar, fraquejar, sofrer, crescer, experimentar e, sobretudo, ter direito a essas experiências (Denari, 2002).

Além da lacuna de conhecimento, o adolescente lida com seus conflitos interiores e mudanças corporais em uma sociedade contraditória, cuja complexidade gera muitas confusões à cabeça o que aumenta a angústia deste período da vida. O jovem, nesta fase de modificações, se defronta com uma cultura em intensa mutação onde velhos e decadentes valores se contrapõem às novas visões e conceitos sem que haja sequer tempo para assimilação (Becker, 1994).

Neste sentido, pertencer a um grupo é importante para a autoafirmação de identidade e desenvolvimento das habilidades sociais e, desta forma, os adolescentes justificam suas atitudes para garantirem sua permanência nesse grupo. Neste ambiente é comum que, no intuito de camuflar a timidez, o comportamento dos adolescentes em grupos seja agressivo ou provocativo (Freitas, Viana & Dias, 2010).

Dados da OMS relatam que uma em cada cinco pessoas no mundo é um adolescente e 85% deles habitam países em desenvolvimento e que muitos dos óbitos prematuros (quase dois terços do total) e um terço do total de doenças em adultos estão relacionados com condições ou comportamentos que tiveram início na adolescência, incluindo tabaco, falta de atividade física, relação sexual desprotegida e exposição à violência. Há um apontamento, ainda, de que infecções sexualmente transmissíveis afetam desproporcionalmente mulheres e adolescentes. A cada ano, um em cada 20 adolescentes se contamina através do contato sexual, e as infecções são vistas cada vez mais precoce as idades (WHO, 2004, 2011).

Gravidez na adolescência (11% em todo o mundo) também tem se transformado em um grande problema de saúde pública. Adolescentes possuem poucas informações e uma vida sexual ativa cada vez mais incipiente. Há um despreparo para assumir responsabilidades de mãe além de ausentar-se de uma fase importante do desenvolvimento para tornar-se adulto.

Mais preocupante do que a gravidez precoce seria o aumento no número de abortos e as consequências desta prática, pois o risco de morte relacionado à gravidez na adolescência é maior do que em mulheres adultas. Estudos assinalam que adolescentes menores de 16 anos estão em risco de morte materna quatro vezes maiores do que mulheres com idade entre 20 e 30 anos e a taxa de mortalidade de seus filhos é de cerca de 50% maior, segundo o consultor de saúde do adolescente James Rosen que coordena pesquisa sobre gravidez na OMS (WHO, 2007).

Com relação à formação dos adolescentes, a presença dos adultos, sejam eles pais, educadores, parentes, amigos, vizinhos e autoridades, é crucial em sua formação e desenvolvimento psicopedagógico. De acordo com a UNICEF (2011b, p. 19), os adultos precisam assumir uma perspectiva pedagógica, de diálogo, de respeito e de referência para a construção de limites e de cuidados para com os adolescentes, assegurando seu desenvolvimento integral.

Assim, considerando a importância do papel da escola na orientação e formação dos conceitos sobre sexualidade para os adolescentes, a subseção seguinte aborda a questão da sexualidade nas escolas.

2.3 Sexualidade nas escolas

Sexualidade é um tema bastante abordado pela sociedade e suas instituições, desde a mídia até a universidade (Vidal & Ribeiro, 2008). Denari (2010) descreve que essa temática também está presente em todas as faixas etárias bem como independe de padrões de normalidade esperados por determinada sociedade para que essa sexualidade seja vivenciada.

Denari (2002) ainda refere que pais transferem para a escola os primeiros ensinamentos sobre sexualidade. Esquecem que a família detém de uma convergência de três modalidades educativas: gesto, palavra e exemplo (ações). Porém a escola se julga despreparada e dessa forma, cria-se estereótipos universais e não se atende às condições concretas de existência desses jovens. A maioria das estratégias educativas é fundamentada numa concepção negativa, tanto da sexualidade de gênero quanto da negação das particularidades e necessidades concretas.

Em relação à família, o diálogo sobre sexualidade e educação sexual ainda é tabu. Neste sentido, os pais transferem a responsabilidade das mesmas para a escola, e a escola para os pais. Segundo Freitas, Viana e Dias (2010), a educação sexual

[...] deve envolver vários aspectos da evolução psíquica do adolescente. É relevante que o profissional ou a pessoa que irá abordar essa temática tenha ciência dos processos evolutivos e conflitivos que envolvem a adolescência e seja desprovido de preconceitos e julgamentos, atuando como mediador nas discussões sobre a sexualidade, construindo, em parceria com os adolescentes, alternativas e formação de opiniões coerentes com a realidade de cada um deles. É importante ressaltar que a educação sexual deve ser abordada pela escola, em conjunto com a família e a rede de saúde e educação. (p. 356)

Presente nas escolas, a temática da sexualidade tem se configurado como um desafio aos profissionais da educação por inúmeras questões, tanto relacionadas à formação quanto às questões pedagógicas (Barcelos & Jacobucci, 2011). As dificuldades dos professores englobam as percepções e conhecimento sobre o assunto, que geralmente é limitado devido à formação inadequada para discutir o assunto, problemas com o tipo de abordagem em sala de aula, em especial por se tratar de um assunto que gera grande interesse e alvoroço entre os adolescentes e discussão de temas considerados mitos, tabus e preconceitos. Os professores ainda precisam lidar com questões que possam conflitar com orientações religiosas e familiares e as diversidades de gênero, dentre outras dificuldades.

De acordo com Figueiró (2009), no ambiente escolar, apesar do reconhecimento da importância da sexualidade no processo de formação de alunos, muitos professores se preocupam e sentem-se inseguros diante dessa tarefa pelo despreparo e por valores morais e preconceitos adquiridos durante a vida, geralmente associando a sexualidade à promiscuidade e imoralidade.

Para Barcelos e Jacobucci (2011) a maioria dos professores não se considera preparado para abordar temas relacionados à educação sexual no contexto escolar sendo que, para alguns destes educadores, apenas os aspectos biológicos do sexo são suficientes para a construção da sexualidade dos alunos e conscientização sobre eventuais problemas que os adolescentes enfrentam. Assim, uma das formas de minimizar o problema da formação dos professores e prepará-los melhor para a função é pelo oferecimento de cursos de formação continuada em sexualidade pelas universidades e secretarias de educação. De acordo com os autores (2011),

[...] embora a formação dos professores para atuarem na educação sexual seja apontada como fundamental por vários autores, a produção acadêmica brasileira sobre esse tema ainda é muito escassa. [...] É importante introduzir na formação inicial de professores, temas relacionados à educação sexual, para que possa ocorrer uma melhor orientação aos alunos sobre os mitos que envolvem as questões sexuais, informações na perspectiva do conhecimento científico e reconstrução dos saberes que a sociedade, mídia e família imprimiram nos discentes, por meio de padrões de comportamento e diversas linguagens, incluindo textos e imagens. (p. 336)

Muitos professores acreditam que a dificuldade exista pela falta de uma formação específica, em consequência de uma educação repressiva recebida pelos pais ou mesmo de uma educação sexual informal, que Figueiró (2013) define como “ações não planejadas, acontecidas no dia a dia”. Nunes (2005) destaca que além dos professores encontrarem dificuldades em utilizar uma linguagem adequada com os alunos para falar sobre sexualidade, alguns professores, apesar de considerarem sexualidade como algo natural, muitas vezes adotam atitudes preconceituosas ou conservadoras.

Para Quirino e Rocha (2012), um dos grandes desafios para o educador é abordar a sexualidade em suas múltiplas dimensões e implementar práticas pedagógicas alinhadas às práticas conceituais. Segundo os autores, essa atividade exige conhecimentos pedagógicos específicos, qualificação, competências, atitudes e valores.

Neste sentido, a sexualidade deve ser tratada ao longo de todos os ciclos de escolarização, todavia, “a partir da quinta série, além da transversalização, a orientação sexual comporta também uma sistematização e um espaço específico” (Altmann, 2001). A autora sugere que os programas de sexualidade devam ser organizados em torno de três eixos norteadores: “Corpo: matriz da sexualidade”, “Relações de gênero” e “Prevenção de “doenças” (infecções) sexualmente transmissíveis/AIDS”. Para Figueiró (2009), o ensino da sexualidade não pode limitar-se à aula expositiva, pois há conteúdos básicos que requerem explanação teórica por parte do professor. Segundo Silva e Megid Neto (2006),

[...] a intervenção pedagógica deve ser não-diretiva em relação ao comportamento dos alunos, buscando informar e problematizar questões da sexualidade, ressaltando o trabalho a partir das posturas, das crenças, dos tabus e dos valores a ela associados, o que garante o espaço de formação dos educandos e não apenas a veiculação de informações. Prevê que o professor prepare-se para a intervenção prática mediante leituras e discussões e tenha um espaço grupal de supervisão continuada e sistemática que possibilite uma reflexão sobre essa prática e sobre seus próprios valores e limites, o que o ajudará a ampliar sua consciência em relação à sexualidade e à visão de mundo, além de assumir uma postura ética na sua atuação (p. 186)

Além disso, é também importante que haja por parte do aluno a compreensão da busca pelo prazer como um direito e uma dimensão da sexualidade humana; conhecer seu corpo, valorizar e cuidar de sua saúde como condição necessária para usufruir prazer sexual [...]; identificar e expressar seus sentimentos e desejos, respeitando os sentimentos e desejos do outro; reconhecer o consentimento mútuo necessário para usufruir prazer numa relação a dois; [...] conhecer e adotar práticas de sexo protegido, desde o início do relacionamento sexual, evitando contrair ou transmitir doenças sexualmente transmissíveis; evitar uma gravidez

indesejada, procurando orientação e fazendo uso de métodos contraceptivos; consciência crítica e tomar decisões responsáveis a respeito de sua sexualidade (Ministério da Saúde, 1996, 2006, 2010).

Altmann (2001) aponta ainda que a escola é local privilegiado de implementação de políticas públicas que promovam a saúde de crianças e adolescentes. Neste mesmo sentido, para Barcelos e Jacobucci (2011), a sexualidade adolescente surge como um importante foco de investimento político e instrumento de governo, sendo a escola um espaço de intervenção sobre a conduta sexual dos estudantes. De acordo com Altmann, (2009),

[...] no cerne dessa questão está o sexo, sendo necessário analisar a taxa de natalidade, a idade do casamento, os nascimentos legítimos e ilegítimos, a precocidade e a frequência das relações sexuais, a maneira de torná-las fecundas ou estéreis, o efeito do celibato e das interdições, a incidência das práticas contraceptivas. É a primeira vez que, de maneira mais constante, uma sociedade afirma que seu futuro e sua fortuna estão ligados à maneira como cada um vive seu sexo. A administração do sexo torna-se um importante “princípio regulador” da população, dando margem a medidas massivas, a estimativas estatísticas, a intervenções que visam a todo o corpo social ou grupos tomados globalmente (pp. 181-182). Presente em diversos espaços escolares ultrapassa fronteiras disciplinares e de gênero, permeia conversas entre meninos e meninas e é assunto a ser abordado na sala de aula pelos diferentes especialistas da escola; é tema de capítulos de livros didáticos, bem como de músicas, danças e brincadeiras que animam recreios e festas. (2001, p. 575)

2.4 Educação Sexual e adolescência

A Educação Sexual vem sendo reconhecida como necessária e importante na formação de adolescentes (Figueiró, 2009). A educação sexual, bem como orientações e determinação de padrões de comportamento, se faz presente no ambiente familiar, no ambiente escolar presencial ou à distância, nos parâmetros e propostas curriculares, programas sociais e políticas públicas e na mídia em geral, em especial matérias de jornais, revistas e programas de televisão voltados ao público jovem, geralmente com grande alcance neste grupo.

Além disso, há um consenso entre os autores pesquisados que os conteúdos dos programas de educação sexual não podem se resumir aos aspectos biológicos da sexualidade, mas adicionar a esses, os aspectos psicológicos; especialmente os afetivos, a dimensão do prazer e do erótico, os aspectos econômicos, sociais, políticos e culturais que permeiam o sentido e o exercício da sexualidade em nossa sociedade (Carradore & Ribeiro, 2004).

Nessa maneira de pensar, o que se espera de um educador é que esse possa tratar a sexualidade, por parte dos jovens, como uma busca desse prazer e reconhecer as curiosidades

manifestas acerca da sexualidade com uma postura ética, valorizando esse jovem em sua total dimensão (Denari, 2010).

De acordo com Furlani (2007), a escola assume uma função estratégica no contexto da Educação Sexual uma vez que constitui um local potencialmente explicitador e questionador das complexas formas pelas quais as identidades culturais são construídas, articuladas, experienciadas, transgredidas e rearticuladas no âmbito do social. Neste sentido, o currículo escolar¹ é fundamental na construção das diferenças e das identidades. No Brasil, no âmbito do currículo escolar oficial, a Educação Sexual é uma temática a ser transversalizada nos diversos conteúdos ministrados em cada ciclo. Segundo Silva e Megid Neto (2006),

[...] a Educação Sexual de crianças e de jovens sempre existiu, mas se fez mais pela omissão e repressão do que por intermédio de uma educação dialogal, humanista e libertária. A família, desde o nascimento da criança, incute o que é permitido ou não em matéria de sexualidade, nem sempre de forma verbalizada. Na escola, os professores repassam consciente ou inconscientemente noções sobre Sexualidade e Educação Sexual, por meio de verbalizações e/ou posturas, noções essas que recebem reforço dos meios de comunicação, podendo ser positivas e instrutivas ou repressoras e castradoras (p. 186).

No Brasil, a inserção da educação sexual na escola se originou a partir de uma reformulação de conceitos sobre a sexualidade de crianças e adolescentes. De acordo com Altmann (2001), nos anos 1920 e 1930, os problemas de “desvios sexuais” deixam de ser percebidos como crime para serem concebidos como doenças. Desta forma, a escola passou a ser tida como um espaço de intervenção preventiva da medicina higiênica, com o objetivo de cuidar da sexualidade de crianças e adolescentes a fim de produzir comportamentos normais. Silva e Megid Neto (2006) complementam que no Brasil a preocupação com a sexualidade foi pautada no estímulo ao medo das “doenças venéreas” e, como consequência, na repressão à sexualidade. Altmann (2001) destaca que nos anos de 1930 a discussão sobre educação sexual eclodiu na escola num momento em que a sífilis fazia numerosas vítimas.

Nos anos 1960, nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, foram fomentadas as primeiras experiências formais e sistematizadas de Educação Sexual nas escolas. Com o aumento da repressão no governo militar, em especial após 1968, estas experiências iniciadas na década de 1960 foram extintas. Segundo Altmann (2001, p.579), “elas deixam de existir em 1970 após um pronunciamento da Comissão Nacional de Moral e

¹ Não apenas definido como a relação de disciplinas, conteúdos, atividades, metodologias, avaliações, regulamentos, currículo é “todo um sistema de comportamento e de valores [...] todo o tipo de aprendizagens e de ausências que os alunos obtêm como consequência de estarem sendo escolarizados” (Furlani, 2007, p. 272).

Civismo dando parecer contrário a um projeto de lei de 1968 que propunha a inclusão obrigatória da Educação Sexual nos currículos escolares”, aprovado em 1971 (Lei 5.692, 1971).

A década de 1970 representou um período de ambiguidade. Por um lado, o governo militar ainda mantinha uma postura rígida de repressão, contudo, por outro lado surgiram iniciativas legais abrindo caminho para a inserção de tópicos ligados à educação sexual nas escolas (Lei 5692, 1971; CFE, 1974). No início da década de 1970, a publicação da lei 5.692/71 (Lei 5.692, 1971) tornou obrigatória a inclusão de Programas de Saúde no currículo escolar, não proibindo a discussão de questões ligadas à sexualidade pelas escolas. Posteriormente, o Parecer 2.264 do Conselho Federal de Educação (CFE, 1974) recomendou que os Programas de Saúde fossem planejados de acordo com as necessidades dos alunos, visando, dentre outros fatores, o desenvolvimento biopsicológico e a reprodução.

No final da década de 1970 começaram a surgir novas iniciativas e programas relacionados à Educação Sexual no Brasil. De acordo com Altmann (2001), em 1976, a posição oficial brasileira afirmava que a família era principal responsável pela educação sexual, podendo as escolas inserir ou não a educação sexual em programas de saúde. Neste contexto, em 1978 foi lançado pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo um programa de Educação Sexual, que atingiu três escolas, sendo rapidamente ampliado nos anos seguintes.

Em um estudo sobre a produção teórica relacionando educação sexual e sexualidade no Brasil entre 1980 e 1993, Figueiró (2009) aponta que os trabalhos publicados neste período refletiam diferentes concepções filosóficas, pedagógicas e metodológicas, em que foram identificadas várias abordagens de sexualidade (religiosa católica, religiosa protestante, médica, pedagógica e política).

Com base em um estudo feito por Rosemberg, Piza e Montenegro (1990) que fizeram um levantamento de publicações acadêmicas entre 1975 e 1989 sobre educação e estudos sobre a mulher, Figueiró (2009) destaca a importância da necessidade de uma revisão crítica da produção do conhecimento em Educação Sexual que abranja outras áreas que contribuem para esse conhecimento, como Saúde Coletiva, Medicina, Psicologia, Enfermagem e Antropologia.

Nos anos de 1990, já com o foco no avanço da AIDS foi publicada em 1992 a Portaria Interministerial 796 (Portaria Interministerial, 1992) incentivando ampliação do projeto educativo em sexualidade. Esta portaria, no entanto, deixa evidente a preocupação com a epidemiologia da doença e não com a Educação Sexual propriamente dita. Neste sentido, a

proposta de inclusão da Educação Sexual nas escolas só ganhou força com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) em meados dos anos 1990 por meio de temas transversais (Secretaria de Educação Fundamental, 1998).

Segundo Quirino e Rocha (2012), no Brasil, constatou-se a necessidade de discutir os aspectos da sexualidade no espaço escolar por meio dos temas transversais nos PCNs. Segundo os autores, por meio da incorporação do conteúdo sobre sexualidade nas diversas áreas de conhecimento, a abordagem se configura em uma tentativa de direcionar a prática educacional para a construção de uma realidade social, política e ambiental cidadã. Altmann (2001) destaca que a criação do tema transversal Orientação Sexual nos PCNs foi feita com o objetivo de disseminar este conhecimento por todo campo pedagógico.

De acordo com os PCNs, a “orientação sexual” deve ser trabalhada na escola de forma a estimular a reflexão dos jovens sobre a sexualidade. “Ao tratar do tema orientação sexual, busca-se considerar a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, que se expressa no ser humano do nascimento até a morte” (Secretaria de Educação Fundamental, 1998). Dessa forma, a escola deve se organizar para que os alunos, ao fim do ensino fundamental, sejam capazes de: respeitar a diversidade de valores, crenças e comportamentos relativos à sexualidade, reconhecendo e respeitando as diferentes formas de atração sexual e o seu direito à expressão, garantida a dignidade do ser humano (Secretaria de Educação Fundamental, 1998).

Apesar de previstas nos PCNs, Maia, Demonico e Ferrari (2012) apontam que as discussões em educação sexual não parecem ser realidade dos contextos das instituições de ensino, em especial pela formação deficiente dos profissionais que atuam na educação infantil como um dos impasses à inserção dos conteúdos ligados à sexualidade infantil no cotidiano de ação dos educadores. Neste contexto, caberia à escola atuar em seu papel na formação dos cidadãos e debater temas, como o da educação sexual, pois, para se obter a cidadania, o aspecto da sexualidade, inerentemente humano, precisa ser considerado.

Embora os PCNs tenham incluído oficialmente a educação sexual como um tema importante a ser discutido em sala de aula, ele ainda não tem efetivamente criado um contexto educacional onde a sexualidade pode ser discutida de uma forma positiva, não discriminatória, culturalmente e historicamente sensível. Como o próprio PCN enfatiza, os professores não devem ficar sozinhos neste empreendimento; eles devem ser apoiados com palestras, discussões em grupo, leituras e supervisão que permitam uma maior compreensão de seus próprios valores e limites, bem como, ajudá-los a desenvolver uma atitude ética (Moscheta; Macnamee & Santos, 2011)

Segundo Figueiró (2009), de acordo com os PCNs, cada escola poderá criar, de 5ª a 8ª série, espaço e horário próprios para que os alunos tenham, semanal ou quinzenalmente, aulas específicas de Educação Sexual.

A abordagem do tema nas escolas pode ser feita de maneira formal ou informal. Na Educação Sexual formal há um planejamento prévio e o conteúdo é explicado dentro de uma programação preestabelecida.

Figueiró (2009, pp. 150-151) destaca que na Educação Sexual formal as estratégias de ensino devem estar ancoradas nos seguintes princípios:

1. educar sexualmente é muito mais que ensinar os conteúdos de biologia e fisiologia da sexualidade;
2. educar sexualmente é criar oportunidades para o aluno expressar seus sentimentos, angústias e dúvidas, refletir sobre suas atitudes e rever preconceitos;
3. para educar sexualmente é preciso saber ouvir;
4. o aluno deve ser visto como sujeito ativo no processo ensino-aprendizagem e deve ter muito espaço para falar e ouvir seus colegas;
5. o professor deve ser a pessoa que cria as condições para o aluno aprender, ao invés de ser um simples transmissor de conhecimentos.

Na Educação Sexual informal, os educadores devem aproveitar de forma espontânea as curiosidades, questionamentos ou situações ocorridas durante as aulas e ampliar os conhecimentos sobre o tema. Ainda que alguns estudiosos sugiram que os professores só devem responder o que a criança pergunta, Figueiró (2009) refuta esta orientação considerando que não basta responder à questão, pois há necessidade de conversar e ampliar os conhecimentos sobre sexualidade. Neste sentido, Peres, Gonçalves, Bessa, Silva e Paiva, (2000), consideram que:

[...] o ideal é não trabalhar com uma programação prévia e fechada dos temas a serem desenvolvidos. Nada impede que o educador acrescente temas, desde que estejam relacionados com os interesses dos adolescentes. É sempre mais produtivo organizar seu trabalho a partir do levantamento de temas e expectativas do grupo (p.24).

Figueiró (2009) sugere algumas estratégias de abordagens sobre educação sexual em sala de aula. Segundo a autora, as principais estratégias devem ser a pronúncia de apelidos e palavrões, o debate aberto, a dramatização, o desenho, recortes e colagens, filmes, músicas,

livros, revistas e jornais, o questionário, o uso de cartas ou depoimentos e a resolução de exercícios.

O Quadro 4 apresenta a relação de estratégias de abordagens de educação sexual e os conceitos que estas técnicas envolvem.

Quadro 4 - Estratégias de Ensino de Educação Sexual em escolas

Estratégias	Conceitos
Pronúncia de apelidos e palavrões	Baseado nos trabalhos de Guirado (1997) e Paiva (2000), Figueiró (2009) defende a ideia de exercitar a pronúncia de apelidos e palavrões para dessensibilizar, o que tende a gerar risos durante este exercício. Este exercício deve ser feito sem inibir a espontaneidade do riso para que os alunos possam extravasar o constrangimento de falar sobre o assunto
Debate aberto	Reconhecido na década de 1970 como experiência eficaz, o debate aberto consiste em dispor os educandos, na classe como um todo, para debater e trocar ideias com seus colegas sobre o tema em estudo, possibilitando os alunos a conhecer outros pontos de vista
Dramatização	Esta técnica baseia-se em pedir para que os alunos encenem algum tema relacionado com a sexualidade, como por exemplo a conversa entre duas amigas sobre virgindade, gravidez ou possibilidade de estar com AIDS
Desenho	Por meio desta técnica, o professor pode pedir para que os alunos desenhem sobre temas relacionados à sexualidade de acordo com sua idade, como por exemplo pedir para os alunos desenharem o corpo masculino e feminino, nomeando as partes do corpo
Recortes e colagens	Nesta abordagem o professor pede ao adolescente que recorte gravuras de revistas dispostas na sala e monte um cartaz com figuras que demonstrem o que pensa sobre o sexo (ou algum tema relacionado à sexualidade). Na sequência, cada aluno fala, ao grupo todo, sobre seu cartaz.
Filmes, músicas, livros, revistas e jornais	O uso de diversos tipos de mídias pode ser utilizado para apresentar ou explicar temas relacionados à sexualidade de modo a diversificar o tipo de aula dada (geralmente apenas expositiva)
Questionário	O uso do questionário como técnica de ensino é sugerido pela facilidade de aplicação em aula pois, além de envolver o aluno de maneira ativa no aprendizado, permite saber o que ele conhece previamente sobre o tema
Uso de cartas ou depoimentos	Por meio do uso de cartas e depoimentos encontrados em revistas juvenis, os alunos podem ter contato com situações de outros jovens e dar opiniões sobre o tema (o que pode gerar um debate)
Resolução de exercícios	Uma das maneiras de abordar sexualidade seria por meio de resolução de exercícios com palavras ligadas ao tema. Desta forma, ao perguntarem sobre estas palavras, os professores criariam oportunidade de conversar sobre o assunto e transmitir ao aluno naturalidade destas palavras no linguajar e vocabulário.

Fonte: Adaptado de Figueiró (2009)

2.5 Procedimentos para seleção de revistas e periódicos

Baseado nas lacunas envolvendo educação sexual, adolescentes e escolas, esta pesquisa busca trabalhar com um grupo de jovens a sua própria sexualidade e para início da mesma foi realizado um levantamento bibliográfico com artigos que abordassem a temática.

O levantamento foi realizado em oito revistas com Qualis² A1/ A2, segundo avaliação da CAPES, para educação, enfermagem, psicologia e/ou interdisciplinaridade. As revistas de escolha foram: Paidéia (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo – FFCL USP), Estudos Feministas (Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC), Fractal (Universidade Federal Fluminense - UFF), Ciências e Educação (UNESP), Psicologia em Estudo (Universidade Estadual de Maringá - UEM), Estudos de Psicologia (PUC Campinas), Estudos de Psicologia (Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN), Revista Brasileira de Enfermagem (ABEn) e Revista Latino-Americana de Enfermagem (USP - RP). O levantamento foi realizado em todos os periódicos entre 2004 e 2014, por ser a partir desta data o nascimento das redes sociais Orkut e Facebook (Ferreira, Pimentel, Cirino, Santos & Oliveira, 2008; Cortela, 2013) as quais influenciam a vida dos jovens, foco desta pesquisa.

Os resultados do levantamento e o número de artigos encontrados por descritor são: Educação sexual (16 artigos); educação sexual e escola (11); educação sexual e adolescentes (7); educação sexual e jovens (2); sexualidade (139); sexualidade e escola (34); sexualidade e adolescente (25) e sexualidade e jovens (12).

A busca utilizando estes descritores levou a 246 artigos, sendo 72 em duplicidade ao modificar o (s) descritor (es); restando um total de 174 artigos encontrados. Destes, 21 artigos abordavam a temática adolescência como foco do estudo o que pode apontar um déficit em relação à produção na área desta pesquisa. Os artigos são apresentados no Quadro 5.

² Qualis é o conjunto de procedimentos utilizados pela Capes para estratificação da qualidade da produção intelectual dos programas de pós-graduação. A classificação de periódicos é realizada pelas áreas de avaliação e passa por processo anual de atualização. Esses veículos são enquadrados em estratos indicativos da qualidade – A1, o mais elevado; A2; B1; B2; B3; B4; B5; C - com peso zero.

Quadro 5 - Artigos selecionados a partir de descritores específicos

Autores / ano	Revista	Título	Resumo do artigo
Levandowski e Schmidt (2010)	Paideia	Oficina sobre sexualidade e namoro para pré-adolescentes	Realizações de oficinas denominadas Namoro e Sexualidade para 270 alunos de 12 a 15 anos, de quinta a oitava série do ensino fundamental de escolas públicas de Caxias do Sul, com o foco em proporcionar espaços para troca de experiências e discussões sobre assuntos relacionados aos relacionamentos e sexualidade em geral, informações sobre métodos contraceptivos e DSTs.
Dias e Teixeira (2010)	Paideia	Gravidez na adolescência: um olhar sobre um fenômeno complexo	Revisão não sistemática da literatura sobre gestação na adolescência com o objetivo de desenvolver uma reflexão sobre a problemática da gravidez na adolescência.
Giami (2008)	Paideia	A experiência da sexualidade em jovens adultos na França: entre errância e vida conjugal.	Pesquisa qualitativa realizada com 24 estudantes franceses de 18 a 24 anos por meio de entrevistas com o foco na vida conjugal e na sexualidade destes estudantes de ambos os sexos.
Rodrigues, Brino e Williams (2006)	Paideia	Concepções de sexualidade entre adolescentes com e sem histórico de violência sexual	Pesquisa realizada com 16 adolescentes do sexo feminino com idades entre 12 e 18 anos, sendo oito delas vítimas de violência sexual e outras oito sem abuso para verificar concepções de sexualidade e avaliar se há diferença em relação aos escores de depressão utilizando roteiro de entrevista semiestruturado, escala de Auto estima e Inventário de Depressão.
Brasil, Alves, Amparo e Frajorge (2006)	Paideia	Fatores de risco na adolescência: discutindo dados do D.F.	Aplicação de 852 questionários em adolescentes cursando o ensino médio, com idades entre 13 e 27 anos, de escolas públicas localizadas em regiões indicadoras de risco psicossocial com o objetivo de investigar e discutir situações de risco psicossocial em adolescentes do Distrito Federal tomando por base a Teoria dos Sistemas Ecológicos.
Duque (2012)	Estudos Feministas	Reflexões teóricas, políticas e metodológicas sobre um morrer, virar e nascer travesti na adolescência	Pesquisa etnográfica sobre questões de gênero e sexualidade com adolescentes travestis na cidade de Campinas.
Altmann (2007)	Estudos Feministas	Educação sexual e primeira relação sexual: entre expectativas e prescrições	Pesquisa etnográfica que buscou investigar como ocorria a construção social da educação sexual em uma escola municipal de ensino fundamental (5ª a 8ª série), situada na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. A pesquisa contou com entrevistas à 30 adolescentes com idade entre 12 e 15 anos (20 meninas e 10 meninos).
Xavier Filha (2011)	Estudos Feministas	Era uma vez uma princesa e um príncipe...: representações de gênero nas narrativas de crianças	Pesquisa ação sobre as representações de gênero no universo dos contos de fadas. Participaram da pesquisa 90 adolescentes (40 meninas e 50 meninos) com faixa etária entre 10 e 15 anos, estudantes de quinta série do ensino fundamental.
Vidal e Ribeiro (2008)	Fractal: Revista de Psicologia	Algumas reflexões sobre relacionamentos afetivos e relações sexuais na adolescência	Pesquisa que descreve a partir de 255 redações como jovens de 14 a 19 anos de uma escola pública de ensino médio no interior de SP pensam e se comportam frente à questões e atitudes envolvendo sexo e sexualidade.

Brum e Carrara (2012)	Estudos de Psicologia (PUC Campinas)	História individual e práticas culturais: efeitos no uso de preservativos por adolescentes	Pesquisa que investiga, através de um questionário semiestruturado, autorrespondido e anônimo, o uso de preservativos por adolescentes. Pesquisa ocorreu dentro de uma escola pública na cidade de Bauru e contou com a participação de 191 adolescentes (92 meninos e 99 meninas) com idades entre 13 e 18 anos, estudantes das sétimas e oitavas séries do ensino fundamental bem como primeiro ano do ensino médio.
Carvalho, Rodrigues e Medrado (2005)	Estudos de Psicologia (Natal)	Oficinas em sexualidade humana com adolescentes	Pesquisa de intervenção com 08 encontros semanais de oficinas utilizando dinâmicas em grupo onde trabalhou-se sexualidade como dimensão integradora do ser humano em um grupo de 13 adolescentes (8 meninos e 5 meninas), com idade entre 13 e 15 anos, matriculados na oitava série do ensino fundamental no interior do estado de Minas Gerais.
Macedo; Miranda; Pessoa Junior e Nobrega (2013)	Revista Brasileira de Enfermagem	Adolescência e sexualidade: scripts sexuais a partir das representações sociais.	Estudo descritivo com abordagem qualitativa fundamentado na Teoria das Representações Sociais com 13 adolescentes com faixa etária de 15 a 19 anos, alunos do EJA (Unidade de Educação de Jovens e Adultos) na cidade de Jandaíra – RN. Utilizou-se entrevista semiestruturada com questões de sexualidade, diálogo entre pais e filhos, abordagem da escola em relação à sexualidade, métodos contraceptivos e gravidez precoce além de grupo focal com dramatização e estudo de caso focando gravidez precoce.
Monteiro; Costa; Nascimento e Aguiar (2007)	Revista Brasileira de Enfermagem	A violência intrafamiliar contra adolescentes grávidas.	Pesquisa descritiva com abordagem qualitativa com 15 puérperas, adolescentes de Teresina, Piauí, com idades entre 17 e 19 anos que descrevem relacionamentos familiares antes e após descoberta de gravidez.
Borges; Nichiata e Schor (2006)	Revista Latino-Americana de enfermagem	Conversando sobre sexo: a rede sociofamiliar como base de promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes	Entrevista com 383 adolescentes (203 meninas e 180 meninos) de 15 a 19 anos matriculados em uma unidade de saúde da família da zona leste de SP com o objetivo de identificar com quem estes adolescentes compartilham informações e diálogos sobre sexualidade. Estudo quantitativo do tipo transversal.
Arraes et al. (2013)	Revista Latino-Americana de enfermagem	Masculinidade, vulnerabilidade e prevenção relacionadas às doenças sexualmente transmissíveis/HIV/AIDS entre adolescentes do sexo masculino: representações sociais em assentamento da reforma agrária	Estudo descritivo de natureza qualitativa com o objetivo de compreender algumas inquietações de 11 adolescentes do sexo masculino na faixa etária de 12 a 24 anos, residentes em um assentamento de Reforma Agrária na periferia de Goiânia.
Lima e Pedro (2008)	Revista Latino-Americana de enfermagem	Crescendo com hiv/aids: estudo com adolescentes portadoras de hiv/aids e suas cuidadoras-familiares.	Estudo exploratório com abordagem qualitativa descreve o processo de adolescer na ótica de 4 adolescentes de 11 a 14 anos, portadores de HIV e 03 cuidadoras acompanhados por um Serviço de Atendimento Especializado na cidade de Porto Alegre – RS.

Murakami; Petrilli Filho e Telles Filho (2007)	Revista Latino-Americana de enfermagem	Conversando sobre sexualidade, ist e aids com adolescentes pobres.	Relato de experiência de uma ação educativa sobre sexualidade e IST (infecção sexualmente transmissível) com 06 adolescentes do sexo feminino em uma Unidade de Saúde da Família no interior do estado de São Paulo.
Moura e Pedro (2006)	Revista Latino-Americana de enfermagem	Adolescentes portadores de deficiência visual: percepções sobre sexualidade.	Estudo de natureza exploratória descritiva com abordagem qualitativa. Entrevista semiestruturada com 08 adolescentes, portadores de deficiência visual e que descrevem as próprias percepções acerca da sua sexualidade em uma instituição pública na cidade de Porto Alegre – RS.
Alencar; Silva; Silva e Diniz (2008)	Ciências e Educação	Desenvolvimento de uma proposta de educação sexual para adolescentes.	Pesquisa experimental com abordagem qualitativa. Programa educativo (SOS Bombeiro – Resgate da Cidadania) em sexualidade (com o foco em sexo e sexualidade, anatomia e fisiologia humana, métodos contraceptivos e DST/ AIDS) com 58 adolescentes (42 meninos e 16 meninas) de uma comunidade carente de Botucatu.
Mano; Gouveia e Schall (2009)	Ciências e Educação	“Amor e sexo: mitos, verdades e fantasias”: jovens avaliam potencial de material multimídia educativo em saúde	36 adolescentes com idade entre 16 e 21 anos, estudantes de escolas públicas, do ensino médio, do Rio de Janeiro navegam e avaliam um material de multimídia como instrumento educativo com questões envolvendo sexualidade. O material é do Museu da Vida (Fundação Oswaldo Cruz) com o nome de “Amor e Sexo: mitos, verdades e fantasias”.
Nogueira; Barcelos; Barros, e Schall (2011)	Ciências e Educação	Criação compartilhada de um jogo: um instrumento para o diálogo sobre sexualidade desenvolvido com adolescentes	Pesquisa participante com o desenvolvimento (produção compartilhada) de um material educativo (jogo) sobre sexualidade. Projeto realizado numa comunidade de Saúde da Família, numa favela de Belo Horizonte que contou com a participação de 17 adolescentes (06 meninos e 11 meninas) com idade entre 10 e 14 anos.

Fonte: Elaborado pela autora (2015)

O levantamento bibliográfico realizado, anterior á pesquisa, demonstra carência de aplicação da educação sexual em ambiente escolar no período da transição da infância para a adolescência com o foco nos jovens. Percebe-se também, nas referências encontradas que educação sexual se resume em apenas relações sexuais, infecções sexualmente transmissíveis (IST) e uso de preservativo como método anticonceptivo o que aumenta a importância da execução desta dissertação de mestrado.

3 MÉTODO

Essa dissertação de mestrado é uma pesquisa exploratória com abordagem qualitativa utilizando como caminho metodológico a roda de conversa. Essa pesquisa ofereceu a um grupo de adolescentes um espaço de vivências para discussão, debate e aquisição de informações, possibilitando que os mesmos refletissem sobre atitudes e comportamentos sexuais e que conseguissem, ao final da pesquisa, ter elementos que lhes mostrassem que é possível vivenciar uma sexualidade de maneira segura, saudável, prazerosa, sem culpas e com total responsabilidade tendo como objetivo: investigar como jovens de 11 a 13 anos manifestam e vivenciam sua própria sexualidade, através de dez rodas de conversa.

Segundo Cervo, Bervian e Silva (2007), as pesquisas exploratórias têm por objetivo familiarizar-se com determinado assunto com a finalidade de obter nova percepção sobre o tema além de descobrir novas ideias.

A roda de conversa foi utilizada nesta pesquisa como forma de possibilitar estas descobertas por meio de troca de experiência entre os adolescentes. Segundo Souza (2012), a roda de conversa é uma prática social recheada de aprendizado compartilhado baseando-se na conversa dialogada e com uma diversidade de visões de mundo, personalidades e histórias.

Silva e Bernardes (2007) apontam ainda que a roda de conversa é um método vantajoso para coletar informações, esclarecer ideias e posições além de desenvolver-se em um clima de informalidade e de descontração entre os participantes. Sendo assim, na escolha do instrumento de pesquisa compreendeu-se que a roda de conversa era um instrumento de produção de dados que poderia produzir relatos recheados de dados, por isso atendeu à necessidade desta pesquisa.

Warschauer (2001) relata que a roda de conversa é uma construção própria de cada grupo e que se constitui em um momento de diálogo por excelência em que ocorre a interação entre os participantes do grupo sob a organização do coordenador. Cria-se espaço de diálogo e reflexão. Desta forma, a escolha da roda surgiu como possibilidade de prazer da troca com a produção de dados que pudessem ser ricos em conteúdos e significados.

3.1 Local da pesquisa e participantes

Esta pesquisa foi realizada com a participação de estudantes de uma escola pública em um município de médio porte do interior paulista. O local foi a própria escola, em encontros semanais, às sextas-feiras, em horários diferentes aos de aula com duração de 90 minutos.

Inicialmente realizou-se convite aos 42 alunos do sétimo ano do ensino fundamental para a participação na pesquisa e destes, 27 alunos manifestaram interesse em participar das Rodas de Conversa. No entanto houveram apenas 20 participantes, pois 7 destes não receberam autorizações dos responsáveis legais. Desta forma, esta pesquisa contou com a participação de vinte alunos do sétimo ano (antiga 6ª série) do ensino fundamental, sendo estes 12 do sexo feminino e 8 do sexo masculino.

Apenas uma aluna deixou de participar da pesquisa, a partir da oitava roda de conversa, devido à necessidade de mudança de escola. Sendo assim o grupo finalizou a pesquisa com 19 participantes: 11 do sexo feminino e 8 do sexo masculino. Por questão de sigilo, os nomes dos participantes são fictícios. Os dados dos jovens são apresentados no Quadro 6.

Quadro 6 - Características dos Participantes

Nome	Sexo	Idade
Valentina	Feminino	12 anos
Nicole	Feminino	12 anos
Helena	Feminino	11 anos
Ester	Feminino	12 anos
Ágata	Feminino	12 anos
Pietra	Feminino	12 anos
Clara	Feminino	12 anos
Ludimila	Feminino	13 anos
Betina	Feminino	12 anos
Fernanda	Feminino	13 anos
Gilda	Feminino	13 anos
Marlene	Feminino	12 anos
João	Masculino	12 anos
Danilo	Masculino	12 anos
Samuel	Masculino	12 anos
Igor	Masculino	12 anos
Kauã	Masculino	12 anos
Rafael	Masculino	13 anos
Túlio	Masculino	12 anos
Yago	Masculino	13 anos

Fonte: Elaborado pela autora

3.2 Procedimentos para coleta de dados

Após a escolha da escola (sendo esta pública e no interior do estado de São Paulo), houve apresentação e explicação da pesquisa por parte da pesquisadora à diretora que autorizou a realização da pesquisa.

Posterior à autorização da pesquisa na escola específica, houve divulgação e extensão do convite à participação entre os 42 alunos do sétimo ano do ensino fundamental. Em seguida, e após o assentimento dos alunos, prováveis participantes, ocorreu uma reunião de pais, mães e/ou responsável legal para a exposição da pesquisa com esclarecimento de possíveis dúvidas, contato com a pesquisadora bem como a assinatura de autorização da participação destes jovens através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (apêndice II). Após o aceite por parte dos alunos (apêndice III) e a autorização de todos os responsáveis, formou-se o grupo de participantes. A pesquisa deu-se em 10 encontros de rodas de conversa e com duração de 90 minutos cada um. A ordem dos encontros foi sendo construída ao decorrer do processo e reprogramada por necessidade do grupo. O Quadro 7 apresenta as rodas de conversa (RC) conforme a ordem de programação

Quadro 7 - Programação das Rodas de Conversa

Roda de Conversa	Programação
Roda de Conversa 1 (RC1)	Contatos iniciais para apresentação da pesquisa e conhecimentos mútuos.
Roda de Conversa 2 (RC2)	Questões de gênero. O que é ser mulher? O que é ser homem?
Roda de Conversa 3 (RC3)	Apresentação dos aparelhos sexuais (feminino e masculino).
Roda de Conversa 4 (RC4)	Conceitos iniciais sobre sexualidade e família.
Roda de Conversa 5 (RC5)	Diferença entre sexo e gênero. Questões transexualidade e transfobia.
Roda de Conversa 6 (RC6)	Apresentação das mudanças que ocorrem na fase da puberdade e adolescência.
Roda de Conversa 7 (RC7)	Relações sexuais e influência da mídia.
Roda de Conversa 8 (RC8)	Métodos contraceptivos: utilização de preservativos. Ocorrência de gravidez e aborto.
Roda de Conversa 9 (RC9)	Informações sobre infecções Sexualmente Transmissíveis
Roda de Conversa 10 (RC10)	Roda de conversa final com presença de confraternização.

Fonte: Elaborado pela autora

Foram utilizados, durante as rodas de conversa, equipamentos eletroeletrônicos completos (computador, gravador de voz, filmadoras), livros, revistas, preservativos, recursos didáticos específicos, planilha para registros das rodas e diário de campo. Todas as informações foram e serão mantidas em sigilo e utilizadas apenas pela pesquisadora, sua

orientadora e os dois juízes, com a finalidade de avaliação dos objetivos apresentados nesta pesquisa.

Esta pesquisa utilizou, para análise dos dados, dois juízes, além da autora. Uma delas sendo educadora infantil com trinta anos de atuação e o outro, doutor em ciência e professor universitário em constante contato com jovens. Os juízes, em separado, assistiram aos vídeos das dez rodas de conversa e realizaram um registro no diário de campo que posteriormente foram confrontados com os registros e percepção da autora. Para efeito de descrição e análise foram consideradas apenas percepções sobre as quais se verificou concordância na caracterização dos juízes.

Esta pesquisa só se realizou após aprovação no Comitê de Ética (anexo I) bem como o aceite da escola (anexo II), a assinatura do Termo de Assentimento (apêndice III) dos adolescentes participantes juntamente com a assinatura no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (apêndice II) pelo responsável legal de cada aluno.

3.3 Aspectos éticos

Esta pesquisa foi encaminhada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” sob o Parecer Nº 532.197 (anexo I).

Posteriormente à aprovação do CEP e da diretoria escolar é que realizou-se um contato (seja pessoalmente ou por intermédio do jovem) com mães, pais e/ou responsável legal e os mesmos assinaram um Termo de Consentimento Livre Esclarecido (respeitando os critérios éticos da Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 do Ministério da Saúde) esclarecendo todas as dúvidas apresentadas pelos responsáveis, bem como, dando-lhes autonomia para decidirem sobre a participação dos alunos, tendo o cuidado de não identificar os sujeitos participantes, garantindo-lhes confidencialidade e privacidade; protegendo-lhes a imagem e evitando a estigmatização.

Os adolescentes, participantes da pesquisa, assinaram um termo de Assentimento Livre e Esclarecido concordando com a participação. A escola também apresentou autorização para a realização da pesquisa em suas dependências, em horários contrários às aulas. É importante destacar que a identificação dos participantes da pesquisa foi alterada garantindo seu total sigilo; que a mesma não envolveu recursos financeiros para estes

participantes, sendo a participação voluntária e podendo ser interrompida a qualquer momento sem dano algum aos envolvidos.

As rodas de conversa foram realizadas após a autorização de todos os pais, incluindo os ausentes na reunião, bem como o assentimento de todos os participantes. As rodas de conversa ocorreram em uma sala reservada na própria escola em que os participantes estudavam, com acomodações adequadas e livres de ruídos. As rodas de conversa foram filmadas, gravadas em áudio e conferidas por três juízes independentes. Houve um registro em diário de campo após cada encontro e por cada juiz separadamente. Os juízes escolhidos foram a própria pesquisadora, uma educadora infantil e um docente universitário.

3.4 Encontro com pais, mães e responsáveis legais

Anteriormente às rodas de conversa, foi enviado uma carta Convite de Reunião (apêndice I) para todos os pais, mães e responsáveis legais dos alunos, possíveis participantes da pesquisa, com o objetivo de explicar os procedimentos e esclarecer dúvidas.

Estiveram presentes nesta reunião, 8 mães e 2 pais. Sendo um pai acompanhando a esposa (mãe) e o outro pai sem acompanhante. Apesar de o horário ser único (19:30h), os responsáveis pelos alunos chegaram em momentos diferentes devido a saída do trabalho. Desta forma, a reunião foi individual. O pai que estava sozinho se sentiu muito gratificado pela proposta da pesquisa, pois a filha mais velha, não participante, já havia sofrido abuso sexual, aos 15 anos. Desta forma, dos 20 participantes, incluídos na pesquisa, 9 tiveram seus responsáveis legais presentes na reunião.

Durante a reunião, houve apresentação dos tópicos a serem abordados bem como a possibilidade de novos tópicos se estes fossem a necessidade e/ou curiosidade do grupo. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi entregue e assinado pelos responsáveis ficando esses em posse de uma cópia com dados tanto da pesquisadora quanto de sua orientadora. Os responsáveis ausentes também assinaram os TCLEs.

4 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção são apresentados os resultados e análises de cada roda de conversa bem como a percepção da pesquisadora e dos juízes em relação ao meio em que os alunos estão inseridos (sociedade, ambiente familiar, ambiente escolar) e a evolução do comportamento dos alunos perante os temas abordados.

A aplicação da pesquisa ocorreu no período de um trimestre. Foram realizadas rodas de conversa com presença de oficinas temáticas, apresentações de vídeos, fotografias e aplicações de dinâmicas utilizando materiais didáticos tais como cartolinas, canetas, arroz, giz, papéis e lápis.

4.1 Características e Peculiaridades da Comunidade

A pesquisa foi realizada em uma escola pública localizada em um bairro antigo, de classe média, com predominância da classe C, em uma cidade de médio porte no interior do estado de São Paulo. Segundo bate papo informal com diretora da escola, o prédio escolar possui uma ampla infraestrutura com sala de informática, biblioteca, sala de vídeo, cantina, quadras poliesportivas e amplo pátio para recreação. Estes espaços são bem utilizados pelos alunos e equipe pedagógica onde também há desenvolvimentos de projetos. Há uma boa interação entre coordenação, direção e alunos. Existe também uma tendência e influência forte na escola em relação à vida esportiva destes alunos.

A maior parte dos alunos são moradores dos bairros e se locomovem até a escola a pé, de bicicletas ou skates. Dada a ausência de parte de alguns pais por necessidade de trabalho ou modificações de estruturas familiares (separações, um dos pais cumprindo pena judicial, envolvimento com álcool e drogas), alguns dos jovens participantes da pesquisa assumem a responsabilidade de cuidar dos irmãos mais novos como, por exemplo, levá-los e buscá-los na escola os trazendo em suas garupas e quadros da bicicleta (entre selim e guidão) e mochilas pesadas penduradas nos guidões.

Durante o contato com os adolescentes algo chamou a atenção: uma educação e respeito fora do comum para os dias de hoje. O tempo todo utilizaram palavras como “obrigado”, “por favor” e “senhora” tanto para lidarem entre si quanto com a pesquisadora.

4.2 Roda de Conversa 1: Contato inicial

A primeira roda de conversa teve como objetivo a apresentação da pesquisadora e dos participantes; a facilitação no entrosamento entre os presentes; e a escrita de algumas questões individuais: “O que é ser adolescente? Quais são os sonhos? Como me vejo? Como sou visto?”.

O questionário escrito se torna uma forma de avaliação não constrangedora e dessa forma o aluno pode melhor expressar suas ideias, desejos, pensamentos sobre o tema em foco.

A finalidade das questões propostas foi identificar qual o conhecimento destes jovens acerca de sua própria sexualidade e como a vivenciam. A seguir, são apresentados quadros com respostas para cada questão específica. O Quadro 8 apresenta a questão 1 (O que é ser adolescente?) e as respectivas respostas dos alunos.

Quadro 8 - Questão 1: O que é ser adolescente?

Nome	Resposta
João	Ser adolescente é muito chato. Ter pressões dos amigos, da escola e até, às vezes, dos pais.
Danilo	Ser adolescente é querer ser independente, mostrar que tem responsabilidade, ser feliz, rir, sorrir, brincar, zoar, saber respeitar. Ser adolescente é ser rebelde.
Samuel	Ser adolescente é ter capacidade de fazer as coisas que a gente sempre quis sem medo e sem vergonha. É ter orgulho de ser aquela pessoa tal e ter responsabilidade com as coisas.
Igor	Ser adolescente é quando acontecem mudanças. É uma mudança boa que meu corpo evolui para melhor. Sim, tem umas coisas estranhas que passo a entender. O tamanho passa para maior. Eu fico maior. Eu fico maior de tamanho e outras coisas ficam maiores... e muitas coisas a mais. Isso é meio ser adolescente, eu acho.
Kauã	Quando você vira adolescente você amadurece e também você fica mais bravo e também começa a ter pelos, etc. A pessoa muda e não quer mais brincar. Quer ficar no celular ou em redes sociais como Facebook. Também quer jogar vídeo game tipo Xbox e também no computador.
Rafael	Ser adolescente é querer ser independente e passar por cima de tudo e de todos sozinho.
Túlio	Ser adolescente significa que o seu corpo está em transformação, os órgãos estão se preparando para ser adulto, andar de carro, tirar carta de carro e moto.
Yago	Ser adolescente é poder ser livre, dirigir, fazer faculdade.
Valentina	Ser adolescente é sonhar, ter expectativas de muitas coisas; saber que você vai crescer e se tornar um adulto mais experiente. É namorar, ter TPM, brigar, ter amigos, conhecer a falsidade. Enfim, a gente passa muita coisa na adolescência: sonha, briga, brinca, corre e faz muitas coisas.
Nicole	Ser adolescente é viver loucuras como beijar, dançar, comer, fazer o que você gosta. Começar a descobrir as coisas, os sentimentos. Começar a amadurecer, descobrir os prazeres. Ser adolescente talvez seja a melhor fase da vida.
Helena	Ser adolescente é você aprender coisas novas, saber qual é o seu sonho... só que existe muitos conflitos... e tem muitas coisas que eu sinto, mas isso não importa. Ser adolescente é também saber as coisas boas tipo beijar muito na boca.
Ester	Ser adolescente é bom e ruim. Você tem que fazer o serviço (de casa), virar mocinha e tudo mais. Odeio quase tudo.

Ágata	Ser adolescente é entrar num mundo novo e aprender várias coisas importantes que um adolescente deve saber. Também é aprender o que é certo ou errado.
Pietra	Ser adolescente é bom, mas também é chato. Você tem que fazer o serviço de casa, tem que ter responsabilidade.
Clara	Ser adolescente é ruim por um lado, pois tenho responsabilidades em minha casa... às vezes me sinto triste e outras alegres. Minha vida não é tão boa assim comigo.
Ludimila	Ser adolescente é ser uma pessoa responsável para si mesma, fazer coisas interessantes que eu nunca tinha feito na vida, ter mais liberdade. Eu me sinto as vezes sozinha, triste, alegre e acho que sou vista pela minha família como uma menina inteligente, estudiosa, bonita e para eles sou a ovelha “negra” da família porque vou ser para todos se deus quiser o futuro da família.
Betina	Eu me sinto um pouco cansada da vida. A gente é visto como se fossem uns rebeldes. Na adolescência há muitos conflitos com os pais e as adolescentes, principalmente na fase da menstruação, são chatas.
Fernanda	Muito ruim porque tem muita responsabilidade. Eu me sinto muito triste, humilhada, zangada, etc.
Gilda	Nada escreveu sobre o que é ser adolescente. Não abordou esta questão.
Marlene	Ser adolescente para mim é meio difícil porque minha mãe acha que só porque cresci eu não posso sair. Acho que ela não confia em mim.

Fonte: Elaborado pela autora

O Quadro 9 apresenta a questão 2 (Quais são os sonhos e expectativas em relação à própria vida?) e as respectivas respostas dos alunos

Quadro 9 - Questão 2 - Quais são os sonhos e expectativas em relação à própria vida?

Nome	Resposta
João	São vários sonhos: ser bonito ao ponto da sociedade gostar de você, ser alguém na vida.
Danilo	Nada escreveu sobre os sonhos e expectativas. Não abordou esta questão
Samuel	Nada escreveu sobre os sonhos e expectativas. Não abordou esta questão
Igor	Nada escreveu sobre os sonhos e expectativas. Não abordou esta questão
Kauã	Nada escreveu sobre os sonhos e expectativas. Não abordou esta questão
Rafael	Nada escreveu sobre os sonhos e expectativas. Não abordou esta questão
Túlio	Nada escreveu sobre os sonhos e expectativas. Não abordou esta questão
Yago	Nada escreveu sobre os sonhos e expectativas. Não abordou esta questão
Valentina	Eu me considero uma menina sonhadora. Tenho vários sonhos: conhecer o Justin Bieber; virar bióloga marinha; criar corpo entre outros. Então eu sou muito sonhadora e adoro essa fase de adolescência e não me arrependo de ter crescido.
Nicole	Meus sonhos são ser jogadora de basquete da seleção, viver sempre bem, conhecer pelo menos alguém da minha banda favorita. Eu tenho vários desejos que nem consigo contar. Queria experimentar de tudo. Bom tudo que eu tenho vontade desde beijo na chuva até sei lá, sexo no avião.
Helena	Meu sonho é ser modelo.
Ester	Nada escreveu sobre os sonhos e expectativas. Não abordou esta questão
Ágata	Meu sonho é de conhecer minha cantora favorita que é a Dulce Maria. Tenho muita expectativa de conhecê-la, mas a verdade é que eu não vou conhecê-la.
Pietra	Nada escreveu sobre os sonhos e expectativas. Não abordou esta questão
Clara	Meu sonho é ser alguém na vida, ter um trabalho digno e dar o melhor ao meu pai, minha mãe e irmã.
Ludimila	Meu sonho é conhecer mais pessoas diferentes para eu ser um pouco popular; conhecer

	uma pessoa bastante especial que saiba me entender nos momentos mais difíceis e os outros bons momentos para me acompanhar nos lugares que eu gosto, conversar muito comigo. A minha expectativa de vida é no futuro eu ser bailarina, veterinária, astronauta e com toda certeza ter uma ONG de cães e animais, ajudar minha família toda e todos que eu puder.
Betina	Eu sonho em ter um namorado.
Fernanda	Nada escreveu sobre os sonhos e expectativas. Não abordou esta questão.
Gilda	Nada escreveu sobre os sonhos e espera ficar de maior logo para cuidar da própria vida. Se sente criança perto da mãe e acha que a mãe também a vê assim.
Marlene	Meu sonho é ir pra Disney. Meu desejo é ser mágica e ser muito rica. Minha vontade é sair no mundo. Eu quero ser criança porque é bom, é legal e (ser) adulto é muito chato porque tem que pagar conta, cuidar de crianças, etc.

Fonte: Elaborado pela autora

O Quadro 10 apresenta a questão 3 (Como eu me vejo?) e a questão 4 (Como sou visto?). Os alunos responderam estas questões agrupando em uma única resposta. As respostas dos respectivos alunos são apresentadas a seguir:

Quadro 10 - Questões 3 e 4: Como me vejo? Como sou visto?

Nome	Resposta
João	Eu me sinto uma pessoa normal num mundo cheio de pervertidos e me sinto mal por ser diferente deles. Eles me veem como um anormal que não sabe nada disso.
Danilo	Eu me sinto um menino excluído e me sinto gordo. As meninas geralmente falam que sou feio e me olham com cara de nojo.
Samuel	Quando eu olho no espelho eu me acho um cara mais ou menos magro mas eu fico feliz com o meu corpo.
Igor	Eu me vejo uma pessoa legal que gosta de brincar com tudo, extrovertido e adoro ficar de bem com a vida mas me sinto feio mas tento me achar bonito o máximo possível. Acho também que sou muito magro e luto bastante para ganhar peso.
Kauã	Eu me vejo como um garoto muito magro e feio mas não ligo para isso.
Rafael	Eu me vejo um garoto um pouco gordo. Os outros acham que sou gay (o porquê eu não sei).
Túlio	Eu me vejo como uma pessoa normal. Não reparo muito. Não ligo para aparência.
Yago	Eu me acho feio e gordo. Acho que todas as pessoas me olham assim.
Valentina	Eu me acho bonita mas sei que poderia me valorizar mais um pouco. Não me acho nem gorda e nem magra para minha idade. As pessoas me veem sempre feliz mas por dentro as vezes estou muito triste.
Nicole	Acho meu corpo muito desenvolvido. As pessoas reparam e comentam pois meus peitos são muito grandes e com isso eu me sinto gorda.
Helena	Eu me acho bonitinha e sou meio triste pois tenho muitas brigas com amigos e família. Sou apegada a poucas coisas. Coisas pequenas me fazem feliz. Os outros falam mal de mim, dizem que sou feia e tal mas eu não ligo muito. Me acho feia, estranha e triste mas ao mesmo tempo feliz. Me sinto bem. Sou tímida com as pessoas. As vezes tenho vergonha até de mim. Minha vida é complicada. Amo minha família mas me sinto mal porque sou desgosto para ela do jeito que eu sou mas acho que não mudo. Gosto de um garoto mas já deu muita confusão envolvendo ele porque fiquei escondido, descobriram e não deu muito certo.
Ester	Eu me vejo magra pois a maioria das meninas com 12, 13 anos já está se desenvolvendo. As pessoas me zoam, as vezes fico triste mas de rosto algumas pessoas me acham bonita.
Ágata	Quando me olho no espelho me acho muito magra. Tenho um rosto bonito mas odeio o meu

	corpo. As pessoas dizem que sou bonita e que tenho um corpo ideal para mim mas não me vejo assim. Queria ter um corpo definido. Não sofro de nada exemplo: anemia, anorexia, nem bulimia.
Pietra	Eu me vejo bonita, feliz e sempre sorridente. As vezes sou chata mas também sou legal.
Clara	Eu me sinto legal, bonita, maravilhosa, sem palavras. Trato as pessoas bem. Minha mãe me olha com carinha desconfiada e sempre me dá conselhos para eu me cuidar e não fazer burradas com o namorado, meus irmãos me olham, as pessoas na rua me olham e já pensam que eu faço coisa errada com o meu namorado, que eu já dormi com ele, um monte de coisa, etc... eu sou virgem.
Ludimila	Eu me percebo uma menina que parece confiante consigo e que brinca com tudo e com todos mas não é bem assim.
Betina	Eu me sinto gorda, feia, rosto cheio de espinhas. Uma pessoa diferente das outras. Meus amigos me veem totalmente diferente de como eu me vejo. Me veem bonita, engraçada com corpo bonito, cabelo e unha bonita.
Fernanda	Não me acho bonita pois eu morro de vergonha do meu corpo porque eu me acho muito magra. Tem algumas pessoas que falam que eu não sou magra e nem feia mas não adianta eu ainda me acho muito magra e com isso eu me sinto muito triste. Tem vezes que eu até choro.
Gilda	Gosto um pouco do que vejo no espelho mas me acho muito magra. Queria ter um pouco mais de corpo.
Marlene	Eu me sinto amada mas me sinto muito insegura em algumas ocasiões. Não me sinto tão bonita.

Fonte: Elaborado pela autora

Com estes relatos pode-se perceber conflitos que são característicos da própria fase da adolescência e, neste grupo específico, há visão positiva e negativa da mesma. Há uma fase de descoberta em evidência. Em relação ao que é ser adolescente, o grupo de meninos abarcam aspectos mais positivos enquanto o, de meninas, mais negativo. Neste ponto já se acentua questões de gênero, pois apenas os garotos trazem a vontade da habilitação (seja esta de carro ou moto) quando relacionado à vida adulta enquanto as garotas trazem os afazeres domésticos como cotidiano da mesma fase e relacionada há algo ruim. Ainda no aspecto da transformação do ser infantil em adulto, garotas citam mudanças hormonais tais como menarca e menstruação como aspecto negativo.

Em relação aos sonhos e expectativas, apenas um garoto (João) relata essa questão. Já o grupo feminino destaca as profissões que querem seguir como parte dos sonhos além da possibilidade de conhecer os próprios ídolos, sendo estes famosos e, na visão de uma das jovens como longe do seu próprio alcance e realidade (“mas a verdade é que eu não vou conhecê-la”- Ágata). Observa-se ainda uma adolescência já “sexualizada”, a partir da escrita dos sonhos relacionados à “beijo na chuva” e “sexo no avião” (Nicole) e a presença do conflito característico da adolescência “meu desejo é ser muito rica...quero ser criança... adulto é muito chato porque tem que pagar conta” (Marlene) e fases de transição na escolha da própria formação profissional “quero ser bailarina, veterinária e astronauta” (Ludimila).

Sobre como se veem e como são vistos: percebeu-se um desagrado com a própria imagem (principalmente a corporal) sendo que todo o grupo masculino apresenta conotação negativa na sua própria descrição (“me sinto... excluído e me sinto gordo” (Danilo), “Eu me acho feio e gordo” (Yago) e “Eu me vejo como um garoto muito magro e feio” (Kauã)). Já no grupo feminino observou-se uma melhor aceitação de si mesma com conotações positivas: “Eu me vejo bonita, feliz e sempre sorridente” (Pietra); ainda que tenha ocorrido, em alguns casos, uma visão distorcida de si mesma como no caso de Betina que se descreveu como alguém “gorda, feia e com rosto cheia de espinhas”, mas que no processo da escrita do questionário, ao perguntar para as colegas como era vista a visão das mesmas foi de alguém “bonita, engraçada, com corpo bonito, cabelo e unha bonita”.

A vida sexual se faz presente nos relatos destes jovens, porém sendo ignorada por estes pais ou arraigada de conotações negativas ou algo proibido como por exemplo, Helena citar ser o desgosto da família por ter “ficado” com um garoto às escondidas (sem ato sexual neste caso) e Clara relacionar o ato sexual com as palavras “fazer besteira” na visão da família e “coisa errada” na visão das pessoas da rua, supostamente desconhecidas.

Becker (1994), cita as questões de conflitos internos como marcas próprias da adolescência, sendo esta uma fase marcada pela complexidade dos sentimentos e das novas sensações com presença de confusões e angústias. É neste período que há o desenvolvimento da própria identidade e a instabilidade de não saber se vivencia no mundo da criança ou do adulto (Frison, 2000; Senna & Dessen, 2012). Freitas, Viana e Dias (2010) sugerem que é nesta fase que há a perda da onipotência infantil sendo assim, o jovem torna-se autocrítico e se descobre como sujeito com defeitos. Mussen, Congor, Kagan e Huston (1995) referem que autoestima é o conjunto de juízos e valores que um indivíduo atribui a aspectos de sua personalidade, de suas habilidades e de sua autoimagem além de referir que citar as próprias qualidades é considerado um indicador de autoestima saudável.

Cano, Ferriane e Gomes (2000) definem a adolescência como uma fase da vida de construção final da própria personalidade e refere que a sexualidade se insere nesse processo como um elemento estruturador da identidade do adolescente. Arraes et al. (2013) citam esta fase como um período considerado crítico, pois os jovens estão em constante busca pela própria identidade em conjunto com afirmação individual e/ou grupal, ou seja, pelo grupo de pares. Alencar, Silva, Silva e Diniz (2008) consideram o diálogo acerca da sexualidade um fator importante no desenvolvimento dos adolescentes, na determinação de sua autoestima bem como um auxílio para as relações afetivas saudáveis.

Desta forma, a roda de conversa vem para colaborar com este processo, sendo esta considerada um espaço para que o grupo realize troca de diálogos e reflexões (Warschauer, 2001). Segundo Oliveira, Carvalho e Silva (2008) cabe ao profissional, que coordena a roda de conversa, desenvolver ações educativas a partir das necessidades identificadas pelo próprio grupo, considerando o contexto histórico, político, econômico e sociocultural da região. Carvalho, Rodrigues e Medrado (2005) referem que o grupo pode auxiliar na criação e reconstrução de significados, além de evidenciar situações e relações marcantes. É possível o desenvolvimento de atividade de educação, de maneira descontraída e criativa, estimulando a participação efetiva do público-alvo e tratando-os como sujeitos históricos, e não como “caixas vazias”. A participação destes jovens é uma estratégia eficaz de promoção do desenvolvimento, uma vez que fortalece a autoestima, a assertividade e a construção do próprio projeto de vida (Nogueira, Barcelos, Barros & Schall, 2011).

Durante esta roda de conversa percebeu-se muitas curiosidades e perguntas a respeito da sexualidade surgindo assim a necessidade de uma caixinha de dúvidas para que pudessem escrever e depositarem todas as questões (apêndice IV) de forma que mantivessem o anonimato e posteriormente estas dúvidas seriam sanadas, sem medo da exposição.

Nos primeiros encontros, a caixinha de dúvidas voltava lotada sendo as mesmas semelhantes. Meados da pesquisa, a caixinha já não fazia tanta diferença assim, pois a liberdade que sentiam para falar sobre assuntos envolvendo tudo que fosse sexualidade, ou seja, o comportamento do ser humano soava natural. Grande parte das dúvidas abarcava a questão do ato sexual. Todas as perguntas foram respondidas ao longo das rodas e, na maioria das vezes, encaixadas no momento mais adequado e as respostas foram construídas ou pensadas em grupo.

4.3 Roda de Conversa 2: Ser homem e/ou ser mulher

O objetivo desta roda teve por finalidade levantar os dados sobre os conceitos do que é ser homem ou estar categorizado como sendo membro da categoria masculina e o que é ser mulher ou estar na categoria feminina, na visão destes jovens.

Neste encontro citou-se a existência de fronteiras e nuances entre os sexos binários (masculino e feminino) e um exemplo seria alguns países tais como Alemanha, Austrália, Nova Zelândia, Índia e Nepal adotarem o gênero não especificado (ou terceiro sexo) em seus documentos (Alemanha cria terceiro gênero, 2013; Alemanha é o primeiro país, 2013; Borja-

Santos, 2014; Leick, 2014), porém para efeito didático, durante a aula aprofundou-se apenas o masculino e o feminino.

Os adolescentes, durante esta roda de conversa, foram divididos em 3 grupos: sendo um deles composto apenas por pessoas do sexo feminino (6 alunas – Helena; Ester; Betina; Fernanda; Pietra e Gilda), chamado de Grupo A; outro formado apenas pelo sexo masculino (5 alunos – Danilo; Yago; Samuel; Igor e João), chamado de Grupo B e um grupo mesclado com alunos tanto do sexo masculino (3 alunos – Kauã; Rafael e Túlio) quanto do sexo feminino (6 alunas – Valentina; Nicole; Ágata; Clara; Ludimila e Marlene) totalizando 9 pessoas neste grupo, denominado de Grupo C.

Para a formação dos grupos foi dado a regra da composição dos mesmos e os próprios alunos se agruparam por afinidade.

Foi solicitado aos participantes a realização de frases sobre o que é ser homem e o que é ser mulher bem como a realização de um desenho com figuras que representassem tanto um sexo quanto o outro. Surgiram dúvidas, pelos adolescentes, sobre se os desenhos deveriam estar vestidos ou despidos e o acordo foi que fosse livre, o grupo escolheria com ou sem roupa.

As frases dos alunos do grupo A, com participantes apenas do sexo feminino, são apresentadas no Quadro 11.

Quadro 11 - Frases do grupo A sobre o que é ser homem e o que é ser mulher

Grupo	O que é ser homem? O que é ser mulher?
Grupo A (apenas participantes do sexo feminino)	Ser mulher é cuidar da casa, cuidar dos filhos, etc...
	Ser mulher é ter o gosto de passar creme no corpo, passar a mão nos seios que a cada dia vai crescendo mais. É ter vontade de viver. Ser mulher é se cuidar, sonhar e é isso!!!
	Ser homem é ter responsabilidades, ser sincero, assumir seus erros.
	Um homem tem que ser maduro, não mentir, ser fiel, ter seu trabalho e não depender de ninguém.

Fonte: Elaborado pela autora com base nas respostas dos alunos.

Além das frases o grupo A também elaborou um desenho livre representando o sexo feminino e o sexo masculino. O desenho é apresentado na Figura 1.

Figura 1 - Desenho de homem e mulher realizado pelo grupo A



Fonte: Elaborado pelos alunos do grupo A (com participantes do sexo feminino)

O grupo B, com participantes apenas do sexo masculino, elaborou frases sobre o que é ser homem e o que é ser mulher. As frases do grupo B são apresentadas no Quadro 12.

Quadro 12 - Frases do grupo B sobre o que é ser homem e o que é ser mulher

Grupo	O que é ser homem? O que é ser mulher?
Grupo B (apenas participantes do sexo masculino)	Mulher é mãe, é santa, é a mãe de Jesus, é a obra mais perfeita criada por Deus. (Palavras de homens que adoram as mulheres)
	Ser homem é ser valente. É ser o dono da casa. É ser um trabalhador. É cuidar da família.
	Ser homem não tem nada a ver com ser agressivo ou machista. É ser alguém de bom coração. A maioria tem esse jeito machista, mas por dentro se balança todo quando acontece algo, tenta ser superior a qualquer custo, mas sempre acaba sofrendo.

Fonte: Elaborado pela autora com base nas respostas dos alunos.

O grupo B elaborou um desenho livre representando o sexo masculino e o sexo feminino. Por terem feito desenhos de tamanho pequeno, as representações dos alunos são apresentadas em formato de recorte para que os desenhos possam ser vistos em detalhes. O desenho livre dos alunos do grupo B são apresentados na Figura 2.

Figura 2 - Desenhos de homem e mulher realizado pelo grupo B



Fonte: Elaborado pelos alunos do grupo B (com participantes do sexo masculino)

O grupo C, com participantes tanto do sexo masculino quanto do sexo feminino, elaborou frases sobre o que é ser homem e o que é ser mulher, além de apresentar o desenho. As frases do grupo C são apresentadas no Quadro 13.

Quadro 13 - Frases do grupo C sobre o que é ser homem e o que é ser mulher

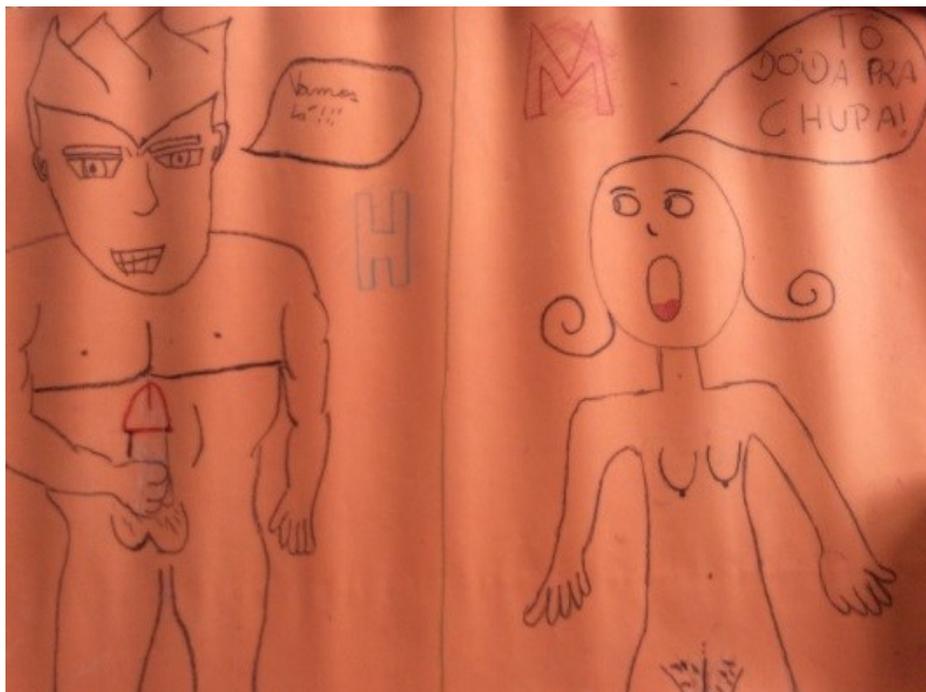
Grupo	O que é ser homem? O que é ser mulher?
Grupo C (participantes do sexo masculino e feminino)	Ser mulher tem seus prós e contras, como o preconceito de alguns machistas que ainda existem por aí, porém também tem um papel muito importante na sociedade
	Ser mulher é se cuidar direito, se dar valor, ser vaidosa, saber tolerar e compreender os homens; não ultrapassar os limites, etc. É ser fiel, responsável e saber ser mulher.
	Uma mulher primeiramente tem que ter amadurecimento, tem que ser ela, não querer passar em cima das outras, ser melhor que as outras. Ela tem que ser ela, e principalmente não depender de homem nenhum, não deixar homem mandar em sua vida.
	Ser homem é um cara que tenha responsabilidades não só com sua família, mas com tudo.

Ser homem é ser ligado com as coisas. É aquele que liga para os outros. Ser um homem maduro que segue o seu rumo derrubando os que o impedem disso.

Fonte: Elaborado pela autora com base nas respostas dos alunos.

O desenho da representação do sexo masculino e do sexo feminino do grupo C são apresentados na Figura 3.

Figura 3 - Desenho de homem e mulher realizado pelo grupo C



Fonte: Elaborado pelos alunos do grupo C (grupo misto, com participantes do sexo masculino e feminino)

Durante a realização da dinâmica, percebeu-se muita agitação e euforia dos jovens com presença de muitas risadas e sussurros diante a verbalização de vários vulgos nomes para definir os órgãos genitais. Desta forma, houve uma terceira atividade e já com o grupo sendo um único e novamente numa roda: listar nomes para os órgãos sexuais tanto o masculino quanto feminino (Quadro 14).

Quadro 14 - Vulgo nome dos órgãos sexuais masculinos e femininos

Órgão	Nome vulgar
Órgão sexual masculino	Pau, cobra, bilau, caralho, pepeu, rola, cacete, piroca, vara, bengala, minhoca, passarinho, pingolim, pingola, pinto, pirulito e pistola.
Órgão sexual feminino	Pepeca, boceta, xana, siririca, xoxota, aranha, periquita, perereca, pomba e bacalhau.

Fonte: Elaborado pela autora com base nas respostas dos alunos

Na análise das frases nota-se ainda uma ligação do papel feminino com o cuidado para consigo mesma ou para com o outro e a figura masculina aparece como autor principal da responsabilidade familiar em especial ao que tange a questão financeira, aquele que nutre a prole. Percebe-se ainda que há uma dificuldade em descrever o que é ser homem e o que é ser mulher bem como desvencilhar a descrição ao papel social que estes representam.

Ao observar os três grupos separadamente, observa-se um comportamento geralmente associado ao machismo mais acentuado nas frases do grupo A, composto exclusivamente por meninas, onde relaciona a figura feminina com os afazeres domésticos e essa relação se torna menos acentuada no grupo B, exclusivo de meninos, que inclusive coloca a mulher como um ser sagrado.

O grupo misto refere que a mulher apresenta um papel importante na sociedade e quando questionados sobre qual é este papel, a resposta é “o cuidado com a casa e a educação dos filhos”. Neste mesmo grupo a questão do machismo tenta ser reduzida, porém o homem aparece como um ser forte “que segue o seu rumo derrubando os que o impedem disso” e a mulher como alguém que precisa “se dar valor”.

Em relação aos desenhos, observa-se um forte apelo do ato sexual em qualquer um dos grupos e curiosamente no meio da roda de conversa quase todos referem não ter tido a experiência da primeira relação do ato sexual com outra pessoa. Nota-se novamente que são adolescentes “sexualizados”, apesar de serem vistos muitas vezes como seres sexualmente inocentes, tanto por pais quanto por professores (Sousa, Fernandes, & Barroso, 2006; Saugo, 2012).

Ao analisar os grupos separadamente, percebe-se que os grupos com presença feminina em suas composições apresentam frases nos desenhos em que o homem se encontra como único foco do prazer feminino. Nos desenhos, a mulher aparentemente sente prazer ao oferecer prazer para tais homens além do tamanho do pênis, nestes dois desenhos (grupo A e C) serem mais exaltados.

O grupo B, composto apenas por garotos, apesar de realizar desenhos com corpos nus, primeiramente apresentou desenhos sem conotação sexual e foi o único grupo a desenhar o clitóris junto ao corpo feminino. Após o grupo B terminar o desenho da figura masculina e feminina, anterior aos outros grupos e por influência destes é que realizou outros dois desenhos onde a mulher estava em atos sexuais com outros homens. Foi o único grupo que apresentou sexo oral e anal na mulher, pode-se pensar em estar oferecendo prazer ao ser

feminino como também atribuindo à mulher a figura de ser passivo ou submisso na relação (Silveira, 2014).

Ao final do encontro, já na saída do espaço da atividade, em meios a risadas, celulares eram acessados a filmes pornográficos e apontou-se essa ser uma realidade da vida destes jovens, ou seja, os meios de comunicação (mídia, internet, televisão) em que estes jovens estão expostos atuam como mediadores da atuação destes adolescentes em relação à sexualidade, porém nem sempre são informações reais, saudáveis; livres de preconceitos, medos e/ou tabus.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) referem que adolescentes adquirem em casa, nas próprias vivências e relações pessoais, noções e emoções sobre sexo. No entanto, também sofrem a influência dos meios de comunicação. Desta forma, é preciso haver espaço para possibilidade de reflexão e debate para que os jovens possam construir suas próprias opiniões e assim concretizar suas adequadas escolhas. Deste modo, Alencar, Silva, Silva e Diniz (2008) referem que no processo de busca dos sentidos da sexualidade, o adolescente sofre influências diretas da cultura da sociedade o qual está inserido reproduzindo, desta forma, o “modo de pensar” advindo do modelo familiar, meios de comunicação, religião e escola.

Arraes et al. (2013) afirmam que papéis sociais são culturalmente construídos e que em relação à sexualidade, a cultura em que estes jovens estão inseridos, impõe à mulher o não pertencimento de seu próprio corpo permitindo ao homem a sua propriedade, sendo este último considerado o sexo forte.

Segundo Knobel (1992), em nossa sociedade a questão de gênero sofre influência determinante por parte da família que diferencia os seus membros sexualmente através de roupas, brinquedos, cores e objetos, onde pais sutilmente impõem o que é relacionado ao feminino e o que faz parte do mundo masculino auxiliando uma sociedade que acentua tais comportamentos.

Nogueira, Barcelos, Barros e Schall (2011) apontam ainda que a clássica divisão de papéis é marcada no processo de socialização seguindo o gênero onde estas questões são primordiais para o entendimento das relações de poder na sociedade, inclusive na sexualidade e Arraes et al. (2013) referem ainda que a adolescência é o período em que o indivíduo procura estabelecer sua identidade e planejar mais concretamente o futuro consolidando o aprendizado destes papéis sociais.

4.4 Roda de Conversa 3: Sistemas Reprodutores

Na terceira roda foram abordados os sistemas reprodutores e órgãos sexuais tanto masculinos quanto femininos através de aulas expositivas, porém numa visão holística e não apenas biologicista. Houve apresentação dos nomes corretos dado aos órgãos sexuais tais como pênis e vulva, não sendo apenas a vagina e realizou-se uma pesquisa no dicionário sobre o real significado de cada palavra que foi “vulgarmente” utilizada para definir estes órgãos durante o encontro anterior.

Elencou-se cada órgão e glândula ligada ao prazer sexual e/ou fecundação bem como suas funções e localizações tanto no sistema reprodutor feminino quanto no masculino. Apontou-se o processo relacionado à menstruação e quando ocorre a menarca (início da menstruação ou ciclo reprodutivo) assim como ocorre a polução noturna e maturação dos espermatozoides bem como a importância da localização dos testículos para a temperatura adequada destes espermatozoides; o que são e como são realizadas cirurgias para evitar gravidez (laqueadura e vasectomia), para mudanças de sexos (quando ocorre incompatibilidade entre sexo e gênero) e partos cesariana e normal; abordou-se o hímen bem como tipos, rompimento e ausência do mesmo.

Durante a apresentação dos órgãos sexuais, a masturbação foi um tema levantado pelos jovens (inicialmente com entonação de piadas em meio a risadas) e o conhecimento da necessidade de se masturbar para “alívio” em alguns casos masculinos foi motivo de alvoroço por todos os adolescentes com vários comentários de que “morariam no banheiro”. Literatura baseada em pesquisas científicas aponta a masturbação frequente como medidas preventivas de tumores na próstata (Giles et al. 2003; Balazero López e Gunther, 2008). Ainda sobre esta temática, abordou a masturbação como forma de autoconhecimento do próprio corpo e maneira saudável de se obter prazer, por ambos os sexos.

Percebeu-se uma maturidade maior por parte das meninas do que dos meninos em relação às perguntas e envolvimento com o assunto, com exceção da masturbação. As adolescentes estavam ansiosas por mais informações enquanto os garotos citavam comentários, em sua maioria, com risadas e sussurros envolvendo os vulgos nomes para os órgãos sexuais e com ênfase no pênis, apenas.

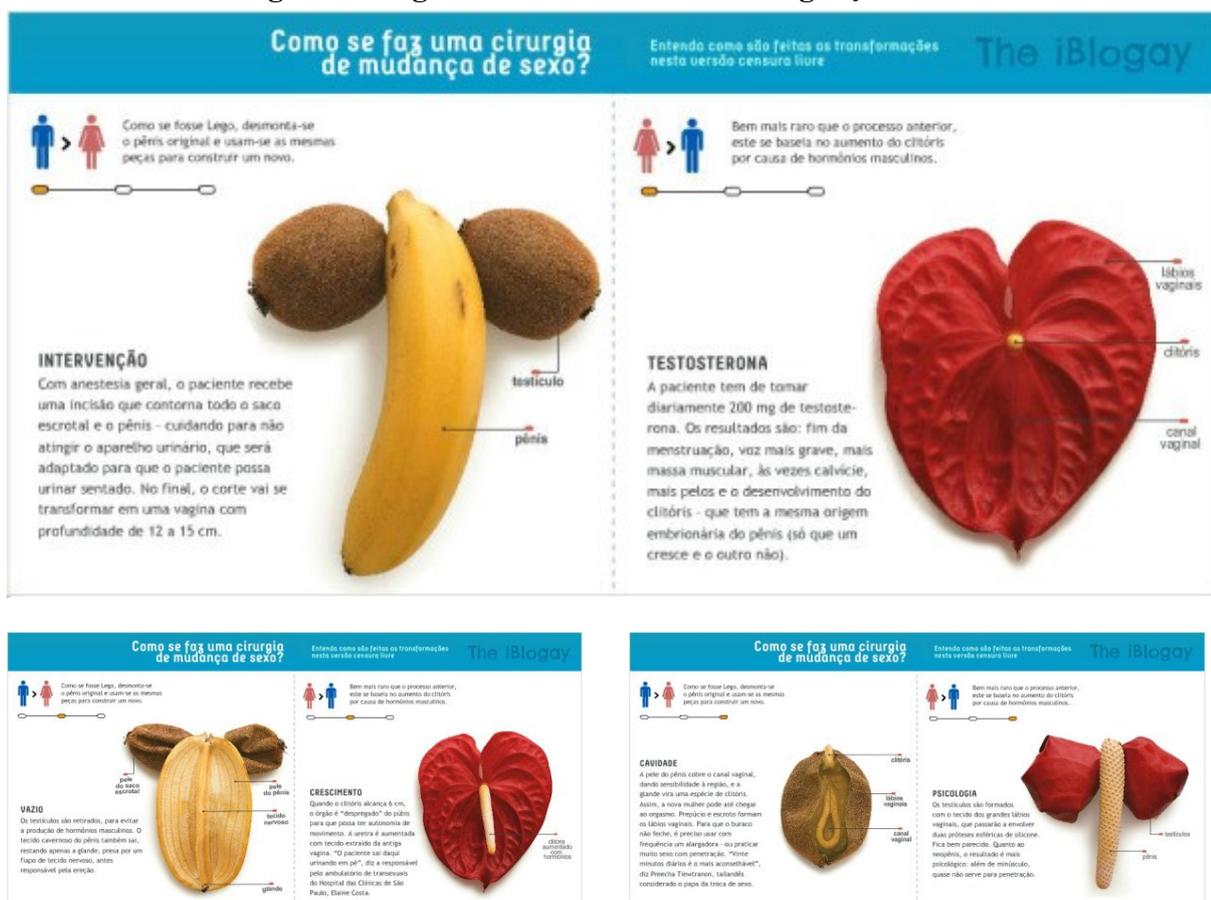
Grande parte das questões, realizadas pelas garotas, envolvia parto: “Como um bebê consegue passar pela vagina tão pequena?” (Nicole); “A mulher consegue não sentir dor durante o parto?” (Helena); “Por que existe o cordão umbilical?” (Betina) e o rompimento

do hímen (“Dói quando rompido?” (Betina), “Por que sangrar quando rompido? E quando o sangue não ocorre?” (Valentina)).

A dinâmica desta roda utilizou recursos audiovisuais (vídeos de parto normal e parto cesariana), esqueleto humano (para demonstração de um parto normal), bonecos de pano (utilizados apropriadamente para aulas de educação sexual) e desenhos em slides que demonstrassem os órgãos internos e externos (em maiores detalhes) bem como a visualização de desenhos didáticos que demonstrassem a realização de transgenitalização ou cirurgia de redesignação sexual (cirurgias de mudança de sexo).

Os *links* de cirurgias reais foram oferecidos aos alunos que quisessem se aprofundar no assunto, porém não foi demonstrado em sala de aula por conter cenas fortes (com presença de sangue).

Figura 4 - Figura ilustrativa sobre redesignação sexual



Fonte: Revista Superinteressante (2012)

Houve a proposta de uma “tarefa de casa”, porém apenas para as garotas: levar um espelho durante o banho e/ou algum lugar onde pudessem ter liberdade para um momento íntimo e, de preferência, individual para conhecer a vulva bem como encontrar tanto vagina, uretra quanto clitóris.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) indicam como objeto da escola que o aluno seja capaz, ao término do ensino fundamental, de ter conhecimento do próprio corpo e dele cuidar com a valorização e adoção de hábitos saudáveis com aspecto básico da qualidade de vida e com responsabilidade em relação a própria saúde, além de que o estudo do corpo humano não deve se restringir apenas à dimensão biológica.

No entanto, Borges, Nichiata e Schor (2006) destacam que professores e profissionais de saúde necessitam ainda de uma maior capacitação para realizar intervenções com os adolescentes, com uma visão ampliada, além do modelo biológico, para iniciar discussões e incitar reflexões acerca da sexualidade enquanto uma dimensão socialmente construída. Murakami, Petrilli Filho e Telles Filho (2007) relacionam a roda de conversa, ou a noção de grupo, como papel importante neste aprendizado com uma maior pertinência de promoção para uma saúde integral, pois é um espaço continente em que há escuta, vínculo e acolhimento.

Assim, para que o adolescente se torne agente na promoção de sua própria saúde, Carvalho, Rodrigues e Medrado (2005) referem ser necessário o conhecimento do próprio corpo bem como as formas de se obter prazer além de se conhecer quais são os riscos de determinados comportamentos para que o adolescente possa elaborar para sua própria vida projetos que visem lidar com a sexualidade de forma ética, saudável e responsável.

Ao final do encontro, os jovens participantes mencionaram a vontade de conhecer um pênis de borracha (silicone).

4.5 Roda de Conversa 4: Sexualidade e Família

Iniciamos este encontro com uma roda de conversa onde os adolescentes puderam tocar um pênis de silicone para título de curiosidade e abordamos a questão do tamanho do “pênis ideal”. Na aula anterior eles tiveram o conhecimento de que a distância da vagina até o colo do útero varia de 6 a 9 cm de comprimento na mulher adulta e de que a média brasileira, segundo dados da Sociedade Brasileira de Urologia (2013), é de 7cm em repouso e 13,5cm

em estado de ereção para que pudessem com isso desmitificar a ideologia de um pênis enorme o que é muito evidenciado nos filmes pornô e citado em aula anterior pelos adolescentes.

Após a satisfação em relação a curiosidade de conhecer um pênis de silicone, comentou-se sobre o espelho e se havia sido fácil ou difícil a visualização de todo o órgão externo sexual e da genitália feminina. Apenas três alunas haviam se olhado no espelho (Clara, Helena e Ludimila) e nenhuma havia conseguido visualizar a uretra. Citou-se a dificuldade em se encontrar a uretra inclusive por profissionais da saúde ao realizar o procedimento de sondagem vesical (urinária) e logo em seguida Samuel se manifestou em relação à invenção de uma nova cantada: “E aí, quer ajuda para encontrar sua uretra?!”, em meio a risadas.

Retomadas as atividades anteriores, recomeçamos a roda pontuando a temática em foco: sexualidade. Com auxílio áudio visual, os jovens tiveram uma breve introdução sobre sexualidade e para pontos didáticos houve a separação da palavra e a ideia de que tudo que fosse relacionado ao sufixo “dade” estaria relacionado a comportamento ou modo de agir (ex. felicidade: comportamento de quem é feliz; lealdade: comportamento de quem é leal) e a palavra sexo estaria ligado ao masculino e feminino. Para uma definição mais corretamente didática, houve a construção de que sexualidade seria o comportamento do ser humano tanto em suas necessidades fisiológicas quanto psicossociais bem como as afetivas tendo uma visão biopsicossocial e de que a sexualidade está presente desde antes a concepção quando os pais já criam uma expectativa para a vida de seus próprios filhos.

Carvalho, Rodrigues e Medrado (2005) descrevem a sexualidade como algo constituinte do ser humano e das relações sociais estabelecidas entre as pessoas no decorrer de suas vidas. Macedo, Miranda, Pessoa Junior e Nobrega (2013) complementam que a sexualidade envolve práticas e desejos ligados à satisfação, à afetividade, ao prazer, aos sentimentos, ao exercício da liberdade e à saúde; sendo a sexualidade uma construção histórica, cultural e social e que se transforma conforme mudam as relações sociais.

Trabalharam-se conceitos de família, sexo e gênero bem como se adicionaram novas palavras ao cotidiano destes jovens com significados livres de preconceitos tais como: homossexuais, heterossexuais e bissexuais quando relacionados às questões amorosas e escolhas de seus pares; e transexuais, transgêneros e travestis quando envolvendo o gênero correspondente e que o envolvimento afetivo não se relaciona com o gênero. Temas como transfobia e homofobia foram abordados (sendo este último abordado menos, pois havia duas pesquisas paralelas a essa, na escola, onde homofobia, aborto e gravidez eram focados).

Ao trabalhar o conceito de família pensou-se nas próprias estruturas familiares e que em muitas vezes já fugia do modelo tido anteriormente como padrão (pai, mãe e filho), pois alguns pais e mães já haviam se separado e casado com nova pessoa ou simplesmente nunca se casou e/ou cada filho ser com um pai diferente. Desta forma, percebeu-se que o conceito de família tida como normativa já não se encaixava no encontrado cotidianamente. Aceitou-se a ideia de que família poderia ser um único ser junto com o cachorro, bem como pessoas do mesmo sexo (exemplo: avó, mãe e filha morando na mesma casa e sem figura masculina na construção desta família) e muitas outras formações familiares.

Durante a roda de conversa, os jovens se sentiram à vontade para apresentarem suas próprias famílias e perceberam que havia similaridades de uma família para outra, bem como também existiam diversidades e que ainda assim eles se respeitavam. As famílias, embora não sejam homoafetivas, fugiam do padrão tido como “aceitável” ou o modelo tradicional, pois dos 20 participantes, apenas três destes havia presença materna e paterna na mesma casa. O mais encontrado neste grupo eram pais separados ou mães solteiras, ponto que nos possibilitou o estudo sobre se existiria um único modelo familiar aceitável como lei ou se há um leque de possibilidades e diversidades nos dando o prazer do respeito ao próximo.

4.6 Roda de Conversa 5: Sexo, gênero e atração sexual

No clima ainda da diversidade familiar e o respeito pelas mesmas é que se realizou a abertura desta roda com a desmitificação dos conceitos e preconceitos envolvendo sexo e gênero.

Através de recursos áudio visuais, avaliou-se o despertar da atração sexual nestes jovens participantes onde imagens (tanto de homens quanto de mulheres) eram apresentadas e a partir disso comentadas pelos jovens em relação ao desejo pelas imagens compartilhadas, dentre estas imagens, haviam pessoas transexuais em que estas foram identificadas, por parte deste grupo, como atraente na exposição das fotos. Com isso abriu-se uma discussão sobre a relação entre sexo (definição biológica marcada pelos genitais que o caracteriza como macho ou fêmea além do código genético pertencente ao grupo XY ou XX) e gênero (definição social que independe do sexo biológico marcada como a forma que alguém se apresenta e se sente perante à sociedade).

Após a descoberta da presença dos transexuais, houve uma surpresa por parte dos alunos, pois não havia possibilidade alguma de identificar diferenças entre sexo e gênero. No

entanto, alguns alunos (João, Kauã, Danilo e Rafael) verbalizaram que não se envolveriam com pessoas que nasceram com sexo incompatível ao gênero em que pertencem, ainda que anterior à identificação tenham julgado as mulheres transgêneras como belas. Todas as alunas se encantaram com as imagens apresentadas e juntas, trabalharam a questão do respeito e da tolerância com as diversidades.

Apresentou-se algumas nuances entre o sexo binário homem e mulher, inclusive em termos biológicos como o intersexual que é o caso dos hermafroditas, por exemplo, que nascem tanto com partes femininas quanto masculinas compondo sua genitália e repensaram, em grupo, se seria justo ter preconceito com alguém que biologicamente pode ser diferenciado.

Após traçadas a diferença entre sexo e gênero apresentou-se algumas biografias de transexuais tais como a modelo Lea T. e João W. Nery; além de definições e diferenciações entre transexuais, transgêneros e travestis através de utilização de recursos de multimídia com fotos exemplificando a roda e descrevendo os dois personagens reais (Nery, 2011; Oliveira, 2013). Trabalhou-se ainda a questão social e sofrimento psíquico em que os transgêneros e transexuais estão expostos.

Na tentativa de reduzir o sofrimento psíquico e os constrangimentos que dão espaço para uma transfobia, no Brasil criou-se um projeto de lei que autoriza o nome social para pessoas que realizaram mudança de sexo com ausência de qualquer exposição e referência à antiga identidade nos documentos (Portaria 5002, 2013). Denomina-se esta lei de João W. Nery, o primeiro transexual homem do Brasil.

Sobre as cirurgias que oferecem uma identidade de gênero, ainda há uma carência nos serviços hospitalares e as agendas dos poucos locais que oferecem a cirurgia, de redesignação sexual, estão completas. Para a realização da intervenção cirúrgica no Brasil é necessário um acompanhamento psicológico por, no mínimo, dois anos o que reduz a possibilidade de arrependimento ou remorso.

No entanto, há uma crítica a respeito desta cirurgia devido, principalmente, alguns países terem leis menos rigorosas para o procedimento, praticamente irreversível, ocasionando um posterior arrependimento. Este fator é determinante no preconceito das pessoas e culturalmente há como se justificar os pesares pós cirúrgicos. Como exemplo tem a Tailândia, considerada o país número um neste procedimento da redesignação sexual (Bernsteinm, & Shih, 2014; Chokrungrvaranont et al., 2014).

Voltando a questão da atração sexual, apresentou-se novas imagens em relação à imagem corporal com modelos *plus size* e pintura renascentista em que o padrão de beleza era

de mulheres um pouco acima do peso, porém saudáveis e outras fotos com padrão de beleza também atual em que há modelos magras, com presença de uma boa saúde. Da mesma forma mostraram-se homens com obesidade mórbida que sofrem problemas de saúde devido a alimentação inadequada e meninos com carência nutricional encontrando-se muito abaixo do peso corpóreo esperado. Buscou-se com essas imagens, permitir reflexão sobre os dois extremos e o que atraíam estes jovens, além de possibilitá-los a se observarem como pessoas saudáveis com possibilidade de moldar seu próprio corpo para a maneira que mais agrada a si e desta forma melhorarem a autoestima (que foi marcada pela conotação negativa durante a primeira roda).

Danilo e Yago referiram que se matriculariam na academia assim que terminasse a roda. Igor compartilhou a dificuldade em ganhar peso, sendo o contrário dos colegas e o tanto de suplemento com acompanhamento médico e sem efeito aparente (na visão dele). Gilda se gabou em perceber que poderia ser modelo e Betina disse que a acompanharia, mas se enquadraria como *plus size*. O brilho nos olhos surgia ao término desta roda, uma maturidade foi ocorrendo, um clima de reflexão em relação à própria imagem e a maneira como percebiam o outro. Nesta roda de conversa, a caixinha de dúvida ficou pela primeira vez vazia.

Uma questão para repensar foi dada como tarefa da semana: se estes jovens participantes, algumas vezes, sofrem com a insatisfação relacionada a própria imagem corporal sendo que sexo e gênero são compatíveis, como seria a angústia e o sofrimento de quem vivencia esta incompatibilidade?

4.7 Roda de Conversa 6: Puberdade e Adolescência

Neste encontro, trabalhou-se a puberdade e as mudanças vindas desta época bem como adolescência e onde estes jovens estão inseridos. Durante as questões iniciais; "definição" de quem são e/ou como se percebiam, alguns alunos demonstraram fortes críticas a si mesmo sendo a maioria em relação ao próprio corpo:

“Tenho um rosto bonito mas odeio o meu corpo” (Ágata)

“Eu me sinto um menino excluído e me sinto gordo. As meninas geralmente falam que sou feio e me olham com cara de nojo.” (Danilo)

“Me vejo como um garoto muito magro e feio mas não ligo para isso.” (Kauã)

“Eu me acho muito magra e com isso eu me sinto muito triste. Tem vezes que eu até choro.” (Fernanda)

Desta forma, fez-se necessário, nesta roda, reforçar a beleza dos seres humanos e a flexibilidade de ser moldável, juntamente com conceito de que corpos são mutáveis e de que a concepção do que é belo se modifica culturalmente além da importância em adquirir hábitos alimentares saudáveis associado à necessidade de uma prática esportiva desde que um acompanhamento clínico comprovasse boa saúde e possibilitasse esta prática.

Após a exposição da diversidade dos seres, é que se trabalhou o conceito de puberdade e tudo que os alunos percebiam de modificações em seus próprios corpos; a percepção de uma não idade correta para estas modificações (não há uma única idade para estas mudanças) e sim um intervalo entre idades onde ocorrem toda a transição do corpo infantil para o corpo adulto. A puberdade e adolescência carregam consigo os conflitos dessa transição após o não encaixe nem no ser infantil e muito menos no, adulto.

Percebe-se na escrita desses jovens, durante a primeira roda de conversa, o conflito da adolescência: “Às vezes sou chata, mas também sou legal.” (Pietra); a destruição da autoimagem: “Me sinto gorda, feia, rosto cheio de espinhas... (porém) meus amigos me veem totalmente diferente de como eu me vejo. Me veem bonita, engraçada com corpo bonito, cabelo e unha bonita”. (Betina); a relação sexual como algo pecaminoso: “Minha mãe me olha com carinho desconfiada e sempre me dá conselhos para eu me cuidar e não fazer burradas com o namorado, meus irmãos me olham, as pessoas na rua me olham e já pensam que eu faço coisa errada com o meu namorado, que eu já dormi com ele, um monte de coisa, etc... eu sou virgem.” (Clara); além da cobrança perante as expectativas depositadas neles mesmos: “Amo minha família, mas me sinto mal porque sou desgosto para ela do jeito que eu sou mas acho que não mudo. Gosto de um garoto, mas já deu muita confusão envolvendo ele porque fiquei escondido, descobriram e não deu muito certo. ” (Helena).

As modificações percebidas nos próprios corpos nesta fase de transição, apontadas pelos jovens foram: aumento das mamas e do tamanho do pênis, surgimento de pelos por todo o corpo, principalmente nas axilas e nos genitais; odores fortes nas axilas, a voz que engrossa, a menstruação e as cólicas menstruais além da presença de acne. Poluição noturna (ejaculação involuntária durante o sono) e a dor do estirão (dor comum nos testículos, por exemplo, que se encontra em fase de crescimento) eram desconhecidas por este grupo de adolescentes. Temas estes que chamaram a atenção de todos os jovens participantes.

Durante os comentários da roda, Éster aponta sobre a “vida fácil” dos meninos que não menstruam e muito menos sofrem com as cólicas menstruais e neste momento citou-se

essa dor do estirão bem como o aprendizado do controle da própria ereção, motivo este que muitas vezes os faziam passar vergonha, afirmados por Igor e Túlio; e desconhecidos por todo o grupo de meninas que acreditava ser “sem-vergonhice os garotos ficar ereto quando elas passavam na sua frente’

Uma crença muito forte neste grupo era de que relação sexual favorecia o desenvolvimento corpóreo, pois se acreditava que a partir do momento em que iniciassem as relações sexuais com outras pessoas, as mamas e os quadris femininos se desenvolveriam. Já os mitos envolvendo masturbação (pelos nas mãos, acnes, aumento de um único braço) não eram de conhecimento destes jovens.

Durante a exposição do conteúdo, obtiveram conhecimentos sobre conceitos biológicos a respeito de espermatozoides, óvulos e concepção; bem como que durante a gestação na adolescência há um preparo hormonal do corpo, mas existe um despreparo nutricional e de estrutura óssea que ainda estão em formação, além da imaturidade emocional e financeira, em muitos casos.

Eisenstein (2005) define puberdade como fenômeno biológico em que modificações morfológicas e fisiológicas utilizam os sistemas neuro-hormonais com eixos do hipotálamo, da hipófise, adrenal e das gônadas (glândulas estas responsáveis por liberações dos hormônios que dão o estalo às transformações desta etapa) para as modificações desta fase da vida. Já a mesma autora refere que adolescência é o período de transição entre a infância e a vida adulta, caracterizada pelos impulsos do desenvolvimento físico, mental, emocional, sexual e social e pelos esforços do indivíduo em alcançar os objetivos relacionados às expectativas culturais da sociedade em que vive. Relata ainda que é neste momento que o indivíduo consolida sua personalidade.

Carvalho, Rodrigues e Medrado (2005) compreendem a adolescência como um processo universal circunscrito a uma "fase" de crises psicológicas e hormonais passageiras. Sendo este período o encontro de estabilidade em si mesmo, denominado por Alencar, Silva, Silva e Diniz (2008) como identidade e a busca por esta, por parte dos adolescentes, pode produzir manifestações inquietantes, entre elas relacionadas ao exercício da sexualidade.

O processo de adolescer inclui ainda influências dos conhecimentos adquiridos por meio das experiências de vida que ocorrem nas instâncias socializadoras do indivíduo, representadas muitas vezes pela família, escola e, mais recentemente, pela mídia. No âmbito emocional e social, o adolescente também passa por transições desencadeadoras de conflitos internos e externos, que o expõem a possibilidade de experimentar situações que pode o levar à vulnerabilidade (Lima e Pedro, 2008).

4.8 Roda de Conversa 7: Relações Sexuais e Mídia

Os alunos participantes desta pesquisa pertencem à geração Y (nascidos após o ano de 2000) constituída por jovens mais “antenados” com forte influência das mídias e redes sociais. Durante a segunda roda de conversa, ficou nítida essa mídia nas relações sexuais destes adolescentes, pois os mesmos utilizavam-se de celulares com acesso à internet e informações em livre demanda. No entanto, nem sempre essas informações são livres de preconceito ou com embasamento de realidade.

Cipriano (2007) cita que apesar da escola e a família serem as instituições que deveriam ser responsáveis pela educação sexual dos jovens, há um despreparo das mesmas e sendo assim, jovens buscam informações a respeito da sexualidade e principalmente quanto às relações sexuais em fontes não seguras e em grande maioria baseada nas experiências dos amigos.

Filmes pornográficos de ficção científica descrevem atos sexuais com orgasmos gritados, pênis com tamanhos desproporcionais e sempre maiores do que a média da população, ejaculações de longa distância. Nas novelas, adolescentes possuem filhos com gravidez tranquila e final sempre feliz. Não há falta de dinheiro no sustento da casa, na criação dos filhos e muito menos problemas e riscos de saúde devido a gravidez prematura. Arraes et al. (2013) ressaltam o apelo sexual encontrado nos meios de comunicação como fatores de influência sob os jovens o que dificulta a associação da sexualidade com o afeto e desta forma bloqueia a promoção da saúde. A mídia, segundo Silva e Ribeiro (2011), tem desempenhado um papel pedagógico cultural, atuando como um meio de produção e divulgação de discursos acerca da sexualidade adolescente.

Sites como o “*Kiwi*” recebem fotos nuas; imagens estas que um dia podem ter sido trocadas durante um momento mais íntimos e que possivelmente foram vazadas pela internet ou compartilhadas indevidamente. Exposição do perfil de muitos jovens em *Facebook* se apresenta com fotos sedutoras e exibição excessiva do próprio corpo. Durante estes diálogos, Clara refere que já fez “fotos nuas para o namorado e enviou via internet, mas que saiba só o namorado quem tem acesso”. Rafael relata que já recebeu mais de dez fotos de alunas da escola que se fotografam nuas ou seminuas e diz que “é legal ver, mas que não namoraria com estas garotas “rodadas”. ”

Abarcando esses rótulos dados às pessoas que possuem sua intimidade exposta, muitas vezes contra a própria vontade, é que se discutiu, em grupo, notícias sobre pessoas que

cometeram suicídio após uma exposição excessiva (e nem sempre consentida) e mais noticiários sobre pedofilia, violência e abuso sexual.

Ainda nas questões das fotos mais despidas e os *selfs* (foto de si mesmo) com destinos desviados realizou-se uma dinâmica. Em roda, punhado de grãos de arroz foram colocados nas mãos direitas de todos os adolescentes que ao som de uma música agitada repassariam o punhado para a mão esquerda do colega e assim sucessivamente e com todos realizando a atividade ao mesmo tempo. Após 2 minutos de música recolocou-se os grãos de arroz, presentes nas mãos, em uma caixa; no entanto havia alguns espalhados pelo chão da sala. Concluiu-se que a informação repassada por meios digitais é como os grãos de arroz, por mais que se tente passar para um alguém específico (a mão do colega ao lado), há sempre a possibilidade de “vazar” e se perder pelo mundo virtual (chão da sala) podendo causar estragos (um escorregão, por exemplo nesta dinâmica específica). Rafael refere que tomará mais cuidado ao repassar as próximas fotos e/ou não repassar. Clara não diz nada. Yago brinca dizendo que fará uma montagem com um corpo atlético e nu para se promover com as garotas da escola, o clima é de euforia.

Discutiu-se ainda a questão de marcar ou não encontro com um estranho pela internet ou alguém que já deixou de ser um estranho após um longo período de diálogo, porém sempre virtualmente. Romances virtuais que deram certo e casos em que não tiveram final feliz foram citados pelos jovens bem como lidos durante a roda de conversa.

Juntos, estes jovens chegaram à conclusão de que encontros virtuais poderiam ser marcados desde que alguém soubesse, fosse junto e se mantivesse mais distante, além da possibilidade em oferecer uma maior segurança quando marcados em locais públicos. Rafael, João e Nicole disseram que possuem amigos que se conheceram virtualmente e eram amigos de amigos, anteriormente. Fator este que, segundo a roda, oferecia uma maior segurança.

Após a roda, houve uma tarefa de casa: entrega de preservativos (solicitados na Unidade Básica de Saúde pela pesquisadora e entregue aos participantes) e a solicitação de utilização do método em algum momento íntimo, de preferência individualmente, por parte dos meninos para posterior compartilhamento da experiência, na próxima roda. O intuito foi avaliar o conhecimento destes jovens em relação ao uso do contraceptivo.

4.9 Roda de Conversa 8: Saúde Sexual e Métodos Contraceptivos

Esta roda teve o início com a descrição da experiência vivenciada pelos garotos sobre o uso do preservativo, pois os mesmos receberam o preservativo, porém não receberam orientações de como utilizar e daí um aspecto merece destaque: muito embora soubessem da importância do preservativo, a maioria desconhecia sua correta colocação.

Todos os garotos fizeram a experiência da colocação do método de anticoncepção no próprio corpo, em momento íntimo e sozinho. Foi unânime a dificuldade na colocação. As frases citadas foram de que “o pênis tinha vida própria” (Túlio) e de que o preservativo era de um tamanho muito menor do que o pênis, não sendo possível desta forma a colocação correta do mesmo (Rafael). Igor comentou que não conseguiu colocar o preservativo em todo o corpo do pênis e quando foi descrever o procedimento realizado, primeiramente desenrolou todo o preservativo para posteriormente o vestir no órgão sexual. Lima e Pedro (2008) citam que o índice de HIV tem aumentado na população jovem e após a narração das experiências destes jovens, talvez possa se pensar que este aumento é reflexo da ausência da educação sexual nas escolas, pelo simples fato destes adolescentes ignorarem o correto uso do preservativo em vez de simplesmente a não adesão ao método.

Concluiu-se que a experiência de se colocar o preservativo sozinho para aprender como fazer foi algo positivo, pois muitas vezes a opção de não utilizar esse método de proteção vem exatamente da dificuldade em colocá-lo, principalmente se levar em conta a ansiedade da primeira relação com a/o parceira (o) o que desencadeia uma ansiedade e/ou nervosismo que acarreta numa flacidez peniana. Tornar-se o momento da introdução do método de anticoncepção divertido e inclui-lo ao clima da relação em meio a brincadeiras pode ser uma boa opção para a adesão da proteção.

Posterior aos relatos de vivência dos garotos, houve uma apresentação de alguns métodos contraceptivos: métodos de barreira (preservativos femininos, masculinos e diafragma); hormonais ou químicos (pílulas orais e injetáveis, implantes, adesivos, espermicidas, DIU ou dispositivos intrauterino); comportamentais (tabelinha, abstinência sexual, avaliação do muco cervical ou da temperatura) e cirúrgicos (laqueadura e vasectomia); bem como os mais eficazes e quais que também protegiam contra as infecções sexualmente transmissíveis (apenas os de barreira ou a abstinência sexual).

Realizou-se uma dinâmica com o grupo em que todos participaram da colocação correta, após exemplificado, dos preservativos masculino e feminino em pênis e vagina de silicone. Anterior a roda de conversa, os únicos métodos conhecidos pelos jovens

participantes eram os preservativos masculinos, as pílulas orais e emergenciais (do dia seguinte), além dos anticoncepcionais injetáveis.

Após a exposição dos outros métodos, Betina, Fernanda e Pietra relataram também conhecer o preservativo feminino e o DIU, no entanto o restante do grupo os desconheciam. Cirurgias de laqueadura e vasectomia eram conhecidas por todos os participantes, apesar de desconhecerem os nomes das mesmas.

Muitos adolescentes, durante o diálogo na roda, relataram não ter conhecimento adequado ou suficiente a respeito dos comportamentos sexuais específicos de risco, por exemplo, não saber que podiam se infectar por sexo oral/anal, ou durante o período menstrual ou que os vírus poderiam ser transmitidos durante a gestação ou parto (transmissão vertical).

Percebeu-se ainda um descontrole no uso de anticoncepcionais hormonais orais (pílulas) e o emergencial já havia sido usada seis vezes em menos de um ano por uma única jovem, irmã de 17 anos da participante Pietra, e sem receituário médico, pois o método de escolha foi por orientação da amiga que já havia feito uso. Os adolescentes, a respeito dos anticoncepcionais hormonais, receberam informações sobre a quantidade de hormônios que estavam inserindo no próprio corpo e o quão prejudicial isso poderia ser em questões de saúde (trombozes, acidentes vasculares encefálicos, além de auxiliar no surgimento do câncer de mama para quem tem a predisposição); além da pouca eficácia ou possível ineficácia deste método quando utilizado juntamente com bebida alcóolica, antibiótico, horários diversificados, ingestão com alimentos muito gordurosos ou utilizações próximas de grandes refeições.

Ao citar a importância de trocar ideia com um profissional da saúde e de preferência um médico especialista em saúde sexual e transformações ocorridas com a puberdade, sendo principalmente as hormonais, apenas duas adolescentes haviam se consultado com ginecologistas e por assuntos não envolvendo saúde sexual. Nenhum garoto havia se consultado com urologista.

Apontou-se a necessidade de um olhar para a saúde sexual e a importância de uma visita ao médico inclusive anterior ao ato sexual para receber informações sobre o próprio corpo, sanar possíveis dúvidas e curiosidades sobre todas as mudanças que ocorrem nesta fase de puberdade e adolescência bem como fazer a escolha, junto ao médico, da melhor proteção em termos de infecções sexualmente transmissíveis e concepções (em relação à gravidez quando não planejada) inclusive podendo ser anterior ao momento da relação e a conscientização de que para o primeiro envolvimento sexual não possui a idade certa, mas sim quando o corpo e a mente entram em sintonia e concordam que estão preparados e que a

pessoa, independente de qual sexo ou gênero pertence, seja o par adequado para aquele momento.

Trabalhar educação sexual com adolescentes não atua apenas na minimização de contaminação por HIV ou gestação não planejada, mas sobretudo na promoção da saúde integral desses jovens (Levandowski & Schimidt, 2010). Toledo, Takahashi e De-La-Torre-Ugarte-Guanillo, (2011) aponta que uma vez que nem todas as infecções sexualmente transmissíveis, principalmente o HIV não é percebida como uma consequência imediata da relação sexual desprotegida; os adolescentes passam a considerá-las uma ameaça distante de seu cotidiano deixando a prevenção em segundo plano.

Alencar, Silva, Silva e Diniz (2008) refere que jovens estão iniciando sua vida sexual adotando práticas e comportamentos que os deixam vulneráveis às contaminações. Oliveira, Carvalho e Silva (2008) apontam que gravidez na adolescência bem como o aumento das infecções sexuais pode ocorrer devido a desinformação sobre as maneiras de prevenção, a desagregação familiar, urbanização acelerada, condições de vida mais precárias e influência dos meios de comunicação.

Educação Sexual, segundo Toledo, Takahashi e De-La-Torre-Ugarte-Guanillo, (2011), promove mudanças no comportamento que levam às práticas sexuais seguras. Alencar, Silva, Silva e Diniz (2008) ainda aponta a importância de se abordar questões de sexualidade antes mesmo de iniciar qualquer discussão sobre IST.

A partir desta roda, Éster, que já não esteve presente, deixa de fazer parte do grupo, pois mudou de escola.

4.10 Roda de Conversa 9: Infecções sexualmente transmissíveis

Retomando o tema dos métodos contraceptivos, reforçou-se a ideia do uso dessa prática, tanto feminina quanto masculina, como a única forma de se ter relações sexuais de maneira segura e livre de contaminações.

Para a didática desta roda, apresentou-se teoria e exibição de fotos e vídeos para exemplificações de algumas patologias, tais como: Herpes Genital, Gonorreia, Sífilis, HIV, Tricomoniase, Hepatite B e C, Cancro Mole, Escabiose Pubiana e HPV (Vírus do Papiloma Humano, causador este de muitos cânceres atuais). Além da explicação sobre infecções e

doenças sexuais, houve o compartilhamento de que é possível transmissão vertical de mãe para filho durante a gravidez e da possibilidade de câncer após infecção com HPV.

Definiu-se a diferença entre utilizar a denominação de infecção sexualmente transmissível em substituição à doença sexualmente transmissível, pois há possibilidade de infecção como por exemplo do vírus HIV sem a possibilidade do desenvolvimento da patologia (doença) SIDA (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida), também conhecida como AIDS. Houve muito questionamento por parte das alunas sobre o HPV e a vacina de imunização a este vírus. A vacinação presente no calendário do SUS (contra o HPV) é recente e a administração desta vacina, nas garotas participantes da pesquisa, se realizou em ambiente escolar.

Fernanda relatou que a mãe precisou comprar essa vacina e que pagou um valor alto por, na época, não ser oferecida pelo posto de saúde e por isso, a mãe da mesma precisou fazer uso do décimo terceiro salário como um todo. Helena refere ter medo de agulha, mas que após explicação sobre a vacina e os benefícios que a mesma oferecia acreditava ser uma vantagem muito boa esta vacina ser fornecida no ambiente escolar. Igor resmungou o fato de ser apenas para as garotas e, após a explicação sobre o HPV se diz “discriminado por ser homem”. Betina não concorda com a vacinação ser imposta e refere que se recusará a receber a dose de proteção, ainda após a explicação na roda de conversa.

Após demonstrações de figuras de pênis, vulvas e peles lesionadas percebeu-se faces de nojo e comentários negativos em relação ao ato sexual (Ágata e Nicole disseram não quererem ter relações sexuais). No entanto, reforçou-se a necessidade de cuidar da saúde sexual através de visitas rotineiras aos médicos especializados no assunto bem como o uso do preservativo durante o ato sexual, única forma de prevenção da doença no caso da não opção pela abstinência sexual e de que relação sexual com proteção e com pessoas que nos fazem bem é algo prazeroso.

Carradore e Ribeiro (2004) referem que receber e trocar informações na escola são uma grande oportunidade, pois esta é o local privilegiado para educação preventiva além de desenvolver uma cultura que favorece a adequação do comportamento dos jovens à prevenção, pois a escola é um espaço para divulgação de informações, promoção de debates democráticos, conversas e trocas de informações sobre práticas e comportamentos adequados para reduzir o risco de infecções além da possibilidade de oferecer opções e criar condições para que as informações sejam interiorizadas e utilizadas pelos indivíduos, jovens, sempre que necessário.

Alencar, Silva, Silva e Diniz (2008) referem que ações em saúde relacionadas à prevenção das infecções sexualmente transmissíveis, implementadas de forma coerente e adaptadas para cada comunidade, têm sido uma das medidas positivas para redução das contaminações. No Brasil, nesses mais de 20 anos de epidemia de AIDS, verificaram-se profundas mudanças no que diz respeito à dinâmica de transmissão do HIV.

A adolescência constitui uma fase de maior vulnerabilidade à infecção pelo HIV não só pelas modificações biopsicossociais que ocorrem, mas também pela necessidade que o adolescente possui de explorar o novo e experimentar riscos (Toledo, Takahashi & De-La-Torre-Ugarte-Guanillo, 2011). Apesar dos jovens apresentarem melhoria no nível de conhecimento sobre as infecções sexualmente transmissíveis e sobre o uso do preservativo, a adesão ao método ainda é relativamente pequeno (Brum e Carrara, 2012).

Clara ao final da roda, em particular com a pesquisadora, relatou a presença de várias verrugas na região da vulva caracterizadas como as do HPV. Após receber orientações, a mesma marcou consulta com um ginecologista para a realização do diagnóstico bem como o acompanhamento clínico do caso.

4.11 Roda de Conversa 10: Aula Final

O último dia de realização das rodas de conversa contou com um momento avaliativo (as mesmas questões realizadas na primeira roda com a finalidade de comparação) e terminou com um lanche coletivo, como forma de confraternização.

A finalidade das questões propostas no início e no final da pesquisa, escrita pelos alunos participantes, foi de suma importância para verificar o grau de conhecimento dos alunos em relação a temática e para avaliar o quanto as rodas de conversa acrescentaram a este conhecimento acerca de sua própria sexualidade, o que pensam e como lidam com essa sexualidade nesta faixa etária.

A seguir, são apresentados quadros com respostas para cada questão específica. O Quadro 15 apresenta a questão 1 (Como é ser adolescente?) e as respectivas respostas dos alunos.

Quadro 15 - Como é ser adolescente?

Nome	Resposta
João	Ser adolescente é fazer descobertas para ganhar experiência para a idade adulta. A parte ruim é quando a descoberta é fracassada
Danilo	Ser adolescente pra mim é fazer muitas besteiras, é quando os pais ficam mais medrosos.
Samuel	Ser adolescente é uma coisa de muita responsabilidade
Igor	É se divertir e viver a vida
Kauã	Adolescente é uma parte legal da vida. É ser quase adulto. Eu adoro ser adolescente
Rafael	É muito bom ser adolescente e gosto muito. Não vejo parte ruim.
Túlio	É ser jovem e viver muitas mudanças no corpo
Yago	É ser feliz e ter amigos.
Valentina	Ser adolescente é aprender a lidar com outra fase da minha vida, crescendo e amadurecendo a infância, conhecendo novas coisas, descobrindo limites, aprendendo a me cuidar e tudo mais. Parte ruim, acho que não tem.
Nicole	Adolescente para mim é se divertir e ter aventuras. A parte ruim é ser dependente dos pais
Helena	Eu amo ser adolescente.
Ágata	Ser adolescente é querer ser independente, querer chamar um pouco de atenção, fazer o que pensa e ser rebelde. Adultos pensam diferente de mim e se faço algo meio de errado para os meus pais já é um grande erro.
Pietra	É uma idade onde tudo não parece passar rápido, é sofrer por amor platônico. É esperar dias e dias pra poder ser de maior e independente. A parte ruim é meus pais não deixam eu sair.
Clara	Ser adolescente é uma fase onde deixa de ser criança para se tornar pessoas mais responsáveis; é onde acontece sentimentos e sensações novas e onde descobrimos um mundo em que precisa ter mais responsabilidade e maturidade, porém também é a fase da curtição. A parte ruim é não ter liberdade suficiente.
Ludimila	Adolescente é poder aproveitar a vida mas saber aproveitar. É ter tempo de estudo, brincadeira, festa, essas coisas. É uma parte da vida que nunca voltará e que sempre vou sentir saudades. Hoje eu não vejo nada ruim em ser adolescente.
Betina	Adolescente para mim é ser livre, viver coisas doidas com algumas responsabilidades. Só vejo ruim a parte das espinhas.
Fernanda	É diversão. A parte ruim é que tem muita responsabilidade como cuidar dos irmãos e da casa
Gilda	Ser adolescente é uma tarefa fácil e difícil. Fácil por que podemos ter nossos momentos de loucura e difícil por que sempre teremos alguém para nos “espionar”. Ser adolescente nos dá oportunidades na vida.
Marlene	Não sei responder o que é. É uma coisa onde ninguém consegue te entender

Fonte: Elaborado pela autora

O Quadro 16 apresenta a questão 2 (Quais são os sonhos e expectativas em relação à própria vida?) e as respectivas respostas dos alunos

Quadro 16 - Sonhos e expectativas em relação à própria vida

Nome	Resposta
João	Não tenho muitos sonhos. Sonho em não deixar meus amigos de verdade na mão. E sempre ajudá-los. Minha expectativa de vida não sei muito o que é. Minha vida é boa e ruim ao mesmo tempo.
Danilo	Meu sonho é aproveitar a vida antes que não possa mais.
Samuel	Tenho dois sonhos. Primeiro é ser skatista e segundo ser jogador de futebol. Minha vida hoje está muito boa, estou ajudando minha coroa e indo para a igreja com ela.
Igor	Sonho em ser jogador de futebol
Kauã	Sonho com um mundo feliz.
Rafael	Não abordou o assunto.
Túlio	Não abordou o assunto.
Yago	Sonho em ser alguém na vida.
Valentina	Tenho o sonho de morar em Los Angeles e formar em cinema. Hoje minha vida é um tanto chata e sem graça.
Nicole	Tenho o sonho de ser médica e que meu pai aceite minha opção sexual. Minha expectativa de vida é terminar os estudos. Minha vida hoje é complicada pelo fato que meu pai tem um certo preconceito
Helena	Eu sonho em ser corpuda, ter peito grande, coxa grande, pouco pelo na vulva e bunda não tão grande.
Ágata	Quero conquistar tudo o que quero e que seja fácil alcançar os meus sonhos.
Pietra	Sonhos tenho muitos, mas o que eu mais quero realizar é ser alguém na vida e ter um futuro muito bom para poder orgulhar meus pais. Minha expectativa de vida é aprender cada vez mais com a vida, ser uma pessoa realizada e poder fazer as coisas que desejo. Não sei responder como me veem. Minha vida hoje tem seu lado bom e o lado ruim, mas é vivida intensamente.
Clara	Morar nos EUA por alguns anos, me formar em jornalismo e ser bem-sucedida, formar uma família com quem amo.
Ludimila	Meu sonho é ser advogada ou juíza e que eu seja sempre feliz e realizar todos os meus desejos. Minha vida hoje é maravilhosa, não posso falar que é perfeita porque sempre tem algo que impede, mas fora isso está ótima.
Betina	Meu sonho é chegar na seleção de basquete. Minha expectativa é ter sucesso ou pelo menos tentar ter
Fernanda	Meu sonho é ser alguém na vida.
Gilda	Sonho de conquistar algo, de ir a algum show, cantar, dançar, ter experiência própria
Marlene	Tenho o sonho de viajar o mundo. Minha expectativa é de ter uma vida feliz

Fonte: Elaborado pela autora

O Quadro 17 apresenta a questão 3 (Como eu me vejo?) e a questão 4 (Como sou visto?). As respostas dos respectivos alunos são apresentadas a seguir:

Quadro 17 - Como me vejo? Como sou visto?

Nome	Resposta
João	Não sei responder como sou visto. Acho que sou visto como alguém legal
Danilo	Sou um cara legal com responsabilidade. Não abordou como é visto.
Samuel	Sou normal. Não abordou como é visto.
Igor	Sou foda. As pessoas sentem inveja quando passo.
Kauã	Sou um menino forte, de olhos claros, bonito e um pouco narcisista. Os outros me veem como um garoto simpático e bonito.
Rafael	Sou moreno, de cabelo enrolado, baixo e com coração aberto para o mundo. Sou visto como um qualquer.
Túlio	Sou feliz. Me veem como metrosssexual.
Yago	Sou gordo e cabeludo. Sou visto como simpático e batalhador.
Valentina	Me olham como sonhadora e não sei como sou.
Nicole	Sou responsável e sou vista como uma pessoa madura.
Helena	Me veem como uma ótima pessoa e acho que sou mesmo.
Ágata	Me veem como chata e legal de vez em quando, não sei explicar.
Pietra	Não sei responder
Clara	Não abordou como se vê. Sou vista como qualquer outro adolescente normal, que tem as obrigações em casa, tem que estudar, ser sincera, assumir os erros.
Ludimila	Não abordou como se vê. Meus pais esperam que eu seja uma pessoa formada e bem de vida sem depender de ninguém.
Betina	Minha vida hoje é muito boa e sou feliz. Me veem como uma pessoa tranquila.
Fernanda	Me veem normal e sou normal.
Gilda	Que sou muito nova e não posso fazer nada. Não me vejo assim.
Marlene	Me vejo e sou vista pelos outros como alguém normal.

Fonte: Elaborado pela autora

Percebeu-se pelos questionários dos adolescentes, uma maturidade maior após as rodas de conversa e uma mudança quando relacionada aos sonhos e a visão de como são em que a autocrítica e a percepção de sujeitos com defeitos, citado por Freitas e Dias (2010) já não se encontra em tanta evidência. As respostas em relação ao que é ser adolescente carregam mais leveza do que as da roda inicial. Gilda que não havia abordado a questão sobre o que é ser adolescente durante a primeira roda nesta a abordou.

Em relação aos sonhos e expectativas, Danilo, Samuel, Igor, Kauã, Yago e Pietra que não haviam abordado a temática na primeira roda de conversa, passaram a responder neste momento. Observa-se ainda, nas frases destes jovens, que eles esperam atingir a expectativa de alguém como observado nas escritas de João, Samuel, Nicole e Ludimila, mas de uma forma menos sofrida, aparentemente.

Ainda se percebe o conflito característico da adolescência nas falas destes jovens, como é o exemplo do Rafael que cita ter “coração aberto para o mundo”, porém refere ser “visto como um qualquer.”.

Percebeu-se mudanças na autoestima de parte destes jovens. Túlio na primeira roda relata não ligar para a aparência e nesta última roda refere ser visto como metrosssexual.

Desta forma, notou-se através das rodas de conversa que a sexualidade pode ser positiva quando há oferta de educação sexual junto aos jovens. Sendo assim, a educação sexual na escola, que é prática defendida e prescrita nos Parâmetros Curriculares Nacionais como eixo transversal ao currículo, pode contribuir para transformações vivenciadas na fase de adolescência.

Durante o questionário, três alunos (Igor, Betina e Yago, respectivamente), por vontade própria, realizaram um desenho de si mesmo. O que chama a atenção para os desenhos é que individualmente, ainda que essas figuras estejam nuas e seminuas, não há apelo sexual como o encontrado no comportamento em grupo (como percebido durante a roda de conversa 2). Ainda que no primeiro desenho, Igor tenha desenhado um pênis, este não apresenta uma conotação sexual tão latente quanto o apresentado na segunda roda de conversa.

Figura 5 - Desenho realizado pelos participantes



Fonte: Participantes da pesquisa

O tema da sexualidade e educação sexual é complexo e a proposta expressa demandas específicas, como a formação dos professores e materiais educativos adequados (Alencar, Silva, Silva & Diniz, 2008), no entanto entende-se que professores podem contribuir para que a sexualidade seja discutida nas diversas áreas do saber, uma vez que estes desempenham, nas instituições de ensino, o papel de mediadores do processo de ensino-aprendizagem e formadores de opinião (Arraes et al., 2013). Educar significa formar alguém, proporcionando condições para que este cresça consciente e responsável pelos seus atos. Entende-se que esse ponto de vista é fundamental para estabelecer uma prática dialógica entre todos os envolvidos

no processo da adolescência: colegas, família, comunidade, escola e serviço de saúde (Alencar, Silva, Silva & Diniz, 2008).

4.12 Atividades na escola em paralelo com a pesquisa

Paralelamente às rodas de conversa, houve o desenvolvimento de algumas atividades realizadas no cenário escolar com o foco na gravidez durante a adolescência (tema este pouco abordado nesta dissertação devido esta atividade paralela).

Realizou-se ainda uma feira interdisciplinar do conhecimento (antiga feira de ciências) em parceria com professores de outras disciplinas, em que esse grupo de alunos, juntamente com os professores responsáveis pelas disciplinas de ciências e matemática desenvolveu uma pesquisa focando o gasto financeiro com um filho até os três anos de idade.

Nesta feira do conhecimento, trabalhou-se educação sexual criando uma sala específica para a temática, que além de abranger os cartazes sobre os gastos com uma criança nos primeiros três anos de vida, realizaram cartazes e compartilhamento de informações a respeito de preservativos, tanto feminino quanto masculino em que havia a possibilidade de vestir pênis e vagina de silicone (material didático e de apoio) com preservativos sob a supervisão dos participantes das rodas de conversa que já possuíam conhecimento correto da prática durante esta vivência. Na mesma sala, uma oportunidade de “jogo da vida” era ofertada aos visitantes com tabuleiro realizado pelos próprios alunos em que cartas levava a uma determinada escolha envolvendo educação sexual (usar ou não preservativo; “ficar” ou não com alguém e a mesma situação para alguém que possuía alguma IST; vacinar-se ou não contra o HPV; visitar ou não o ginecologista/urologista, etc).

Havia neste grupo mais de um jovem que se denominava homoafetivo e essa “terminologia” era muito bem aceita e recebida por todo o grupo, por isso o assunto foi pouco abordado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola é um ambiente em que os adolescentes interagem socialmente entre si, em uma fase de mudanças físicas, insegurança em relação a própria imagem e autocrítica e é nesse mesmo local que possivelmente encontrarão os seus pares para sanar curiosidades e dúvidas. Em relação a sexualidade, esta é a fase em que as transformações estão latentes e onde são feitas as primeiras escolhas e opções envolvendo vida sexual. Neste sentido, a implementação de educação sexual auxilia os adolescentes na construção de uma autoimagem positiva, orienta sobre os cuidados relacionados a saúde na prevenção de infecções e nos casos de gravidez não-planejadas além de desenvolver tolerância e respeito em relação as diversidades.

Dada a importância e responsabilidade da escola na formação do adolescente, a educação sexual deve ser transmitida de maneira clara e objetiva, desmitificando tabus e esta deve ser realizada por profissionais devidamente preparados. No entanto, apesar da existência de um documento educacional (PCN) oferecer suporte e embasamento para o educador trabalhar a sexualidade no contexto escolar, a mesma é abordada de maneira enviesada, quando abordada

Neste sentido, é preciso trabalhar com profissionais da educação para que estes assimilem conhecimento sobre a temática em foco, desconstruindo para posteriormente reconstruir os próprios valores e conceitos relacionados a prática de educação sexual para que os rótulos possam ser deixados de lado.

Ao realizar levantamento bibliográfico com a temática referida, o foco poucas vezes se encontra nos adolescentes, pois boa parte dos trabalhos pontua a necessidade do preparo do docente, (o que também sugiro como tema de futuros estudos, porém com a finalidade de se elencar quais os possíveis preconceitos (conceitos preestabelecidos) destes profissionais que serão repassados aos seus possíveis alunos) o que realça a necessidade de mais pesquisas voltadas para a categoria dos participantes aqui presentes.

Durante a realização desta pesquisa, a sexualidade destes jovens, principalmente relacionadas aos aspectos envolvendo relações sexuais, demonstrou-se latente. Observa-se um acesso às tecnologias móveis que permitem rápida busca de informações, em especial imagens e vídeos, sendo estes responsáveis pelo conhecimento em determinados assuntos envolvendo jovens. Entretanto, esses dados surgem de fontes não confiáveis ou corretas.

Notou-se ao longo das rodas de conversa que o comportamento desses jovens é diferente quando em grupo e individualmente, bem como diferenciado quando separados por

femininos e masculinos como observado na segunda roda em que desenhos realizados em conjunto tem forte apelo sexual e desenhos realizados individualmente (como apresentado na décima roda) não se remete ao ato. A mesma diferença de comportamento pode se acentuar no grupo composto apenas por garotos ao descrever a mulher como algo sagrado, possivelmente baseado na figura materna. Observa-se ainda garotas relacionando a mulher com os afazeres domésticos dando a ideia de um possível machismo repassado por elas mesmas.

No início da pesquisa percebe-se esses jovens como sujeitos com defeito e autocríticos, ao passo que modificações são marcadas no decorrer das rodas de conversa quando abordam a sexualidade como algo natural, sem tanta timidez ou tabu. Fica evidente aspectos positivos, descritos por esses jovens, marcados nos relatos de suas próprias imagens e autoestima.

Esta pesquisa sugere como tema de estudos a modificação da faixa etária para poder avaliar como jovens de outras etárias manifestam e vivenciam sua própria sexualidade, bem como realizar o mesmo estudo em outra categoria socioeconômica como por exemplo, em escolas particulares que abarcam classe social A e B. Sugere ainda abordagens futuras com o foco na saúde sexual destes jovens como melhor orientação sobre o cuidado com próprio corpo, utilização de anticoncepcionais (o que tem chamado a atenção de profissionais relacionados à saúde pública), além de enfatizar a necessidade de visita ao ginecologista e urologista bem como novos estudos focando os pais dos adolescentes e uma investigação de como estes pais enxergam e lidam com a sexualidade e experiência de vida sexual dos próprios filhos.

Curiosidades pós pesquisa

Nas rodas iniciais a pesquisadora era rotulada pelos alunos, em meio a risadas e com euforia, como “a tia do sexo”, no entanto, em meados da pesquisa (aproximadamente na mesma época em que ocorreu o desuso da “caixinha de dúvidas”), se transformou em “professora de sexualidade”.

Um ano após a conclusão da pesquisa, Danilo e Yago modificaram o próprio corpo, levando a sério o propósito da roda 5, com acompanhamento nutricional na dieta alimentar e presença de atividade física frequente, com a nítida percepção de modificações na

autoimagem e auto estima destes dois jovens adolescentes. Danilo neste período reduziu 32kg da sua massa corpórea.

Éster deixou de participar das rodas após se mudar de escola (para uma mais próxima de sua nova residência). O motivo da mudança se deu ao fato da mesma ir morar na casa da avó após ser expulsa da casa da própria mãe. Ao decorrer da pesquisa, Éster denunciou o padrasto que abusava sexualmente da mesma com presença de ameaça caso comentasse o caso. Éster suspeitou de gravidez e esse foi o motivo inicial de toda a delação. A diretora da escola, bem como a mãe e avó da participante foram comunicadas sobre o caso que recebeu denúncia judicial.

Nicole que durante a pesquisa namorava uma garota atualmente namora um garoto nos mostrando que faz parte do processo da adolescência (quijá do ser humano como um todo) as curiosidades e experimentações, sem rótulo ou colocação em caixas como simples objetos.

REFERÊNCIAS

- 101 perguntas curiosas sobre sexo (2012, agosto). *Revista Superinteressante*, 307a (Ed. Especial).
- Alemanha cria terceiro gênero para registro de recém-nascidos: além de masculino e feminino, crianças hermafroditas podem ser declaradas indefinidas. (2013). *BBC Brasil*. Recuperado em 21 agosto, 2013, de <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/08/alemanha-cria-terceiro-genero-para-registro-de-recem-nascidos.html>.
- Alemanha é o primeiro país europeu a reconhecer terceiro gênero. (2013). *Terra*. Recuperado em 30 outubro, 2013, de <http://noticias.terra.com.br/mundo/europa/alemanha-e-o-primeiro-pais-europeu-a-reconhecer-terceiro-genero,8ac268fadb402410VgnCLD2000000dc6eb0aRCRD.html>
- Alencar, R. A., Silva, L., Silva, F. A., & Diniz, R. E. S. (2008). Desenvolvimento de uma proposta de educação sexual para adolescentes. *Ciência & Educação*, 14 (1), 159-168.
- Altmann, H. (2001). Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais. *Estudos Feministas*, 9 (2), 575-585.
- Altmann, H. (2007). Educação Sexual e primeira relação sexual: entre expectativas e prescrições. *Estudos feministas*, 15 (2), 333-356.
- Altmann, H. (2009). Educação Sexual em uma escola: da reprodução à prevenção. *Cadernos de Pesquisa*, 136 (39), 175-200.
- Araujo, C., & Oliveira, M. (2010). Significações sobre desenvolvimento humano e adolescência em um projeto socioeducativo. *Educação em Revista*, 26 (03), 169-194.
- Arraes, C. O., Palos, M. A. P., Barbosa, M. A., Teles, S. A., Souza, M. M., & Matos, M. A. (2013). Masculinidade, vulnerabilidade e prevenção relacionadas às doenças sexualmente transmissíveis/HIV/Aids entre adolescentes do sexo masculino: representações sociais em assentamento da reforma agrária. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 21 (6), 1266-1273.
- Balarezo López, & Gunther. (2008) Creencias acerca de la masturbación. Hontanar. *Revista del Departamento de Estadística, Demografía, Humanidades y Ciencias Sociales*, 1, 65-74.
- Baltes, P. B. (1979). *Life-span developmental psychology*. Stuttgart: Klett - Cotta.
- Barcelos, N. N. S., & Jacobucci, D. F. C. (2011). Estratégias didáticas de educação sexual na formação de professores de Ciências e Biologia. *Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias*, 10 (2), 334-345.
- Becker, D. (1994). *O que é adolescência?* (13a ed.). São Paulo: Brasiliense.
- Bernstein, E.; Shih, E. (2014). The erotics of authenticity: sex trafficking and “Reality Tourism” in Thailand. *International Studies in Gender, State and Society*, 21(3), 430-460.

- Borges, A. L. V., Nichiata, L. Y. I., & Schor, N. (2006). Conversando sobre sexo: a rede sociofamiliar como base de promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 14 (3), 422-427.
- Borja-Santos, R. (2014, abril 2). Justiça australiana reconhece terceira opção no registro do gênero. Público. Recuperado em 2 abril, 2014, de <http://www.publico.pt/mundo/noticia/justica-australiana-reconhece-terceira-opcao-no-registo-do-sexo-1630691>.
- Brasil, K. T., Alves, P. B., Amparo, D. M., & Frajorge, K. C. (2006). Fatores de risco na adolescência: discutindo dados do DF. *Paidéia*, 16(35), 377-384.
- Bretas, J. R. S.; Ohara, C. V. S.; Jardim, D. P.; Aguiar Junior, W., & Oliveira, J. R. (2011). Aspectos da Sexualidade na adolescência. *Ciências Saúde Coletiva*, 16(7), 3221-3228.
- Bretas, J. R., & Silva, C. (2005). Orientação sexual para adolescentes: relato de experiência. *Acta Paulista de Enfermagem*, 18 (3), 326-33.
- Bronfenbrenner, U. (1977). Toward an experimental ecology of human development. *American Psychologist*, 32 (7), 513-531.
- Bronfenbrenner, U. (1989) *Ecological systems theory*. *Annals of Child Development*, 6, 185-246.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados* (M. A. Veríssimo, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1979).
- Bronfenbrenner, U. (1999). *Environments in developmental perspective: Theoretical and operational models*. In S. L. Friedman & T. D. Wachs (Eds.), *Measuring environment across the life span: Emerging methods and concepts*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Bronfenbrenner, U. (2005). *Making human beings human*. Thousand Oaks, CA: Sage. 336 p.
- Bronfenbrenner, U., & Morris, P. A. (2006). *The bioecological model of human development*. In R. M. Lerner. *Handbook of child development: Vol. 1. Theoretical models of human development* (6th ed., pp. 793 – 828). Hoboken, NJ: Wiley
- Brum, M. M., & Carrara, K. (2012). História individual e práticas culturais: efeitos no uso de preservativos por adolescentes. *Estudos de Psicologia (PUC-Campinas)*, 29 (1), 689-697.
- Cano, M., Ferriani, M., & Gomes, R. (2000). Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. *Revista Latino-americana de enfermagem*, 8(2), 18-24.
- Carradore, V. M., & Ribeiro, P. R. M. (2004). AIDS e educação escolar: algumas reflexões sobre a necessidade da orientação sexual na escola. *Revista do Departamento de Psicologia (UFF)*, 16 (2), 63-84.
- Carvalho, A. M., Rodrigues, C. S., & Medrado, K. S. (2005). Oficinas em sexualidade humana com adolescentes. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 10 (3), 377-384.

- Cerqueira, C., & Guia, F. (2007). *Jovem Informação: protagonismo juvenil e leitura crítica da mídia*. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF, Brasil.
- Cervo, A. L., Bervian, P. A., & Silva, R. (2007). *Metodologia Científica*. (6a ed.). São Paulo: Pearson Prentice Hall.
- Chokrungvaranont, P., Selvaggi, G., Jindarak, S, Angspatt, A.;Pungrasmi, P.; Suwajo, P.; Tiewtranon, P. (2014) *The Development of Sex Reassignment Surgery in Thailand: A Social Perspective*. The Scientific World Journal, 5 p.
- Conselho Federal de Educação. (1974). *Parecer no 2.264/74 - Ensino (1º e 2º graus)*, 165, 163-81.
- Coralina, C. (2007). *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*, 9. ed., São Paulo: Global, 236p
- Cortela, J. J. C. (2013) *Engenharia social no Facebook*. Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR.
- Denari, F. E. (2002). Sexualidade & Deficiência: reflexões sobre conceitos. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 8 (1), 9-14.
- Denari, F. E. (2010). Adolescência, afetividade, sexualidade e deficiência intelectual; o direito ao ser/estar. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 5, 125-136.
- Dias, A. C. G., & Teixeira, M. A. P. (2010) Gravidez na adolescência: um olhar sobre um fenômeno complexo. *Paidéia*, 20(45), 123-131.
- Duque, T. (2012) Reflexões teóricas, políticas e metodológicas sobre um morrer, virar e nascer travesti na adolescência. *Estudos Feministas*, 20(2), 489-500.
- Eisenstein, E. (2005). Adolescência: definições, conceitos e critérios. *Adolescência & Saúde*, 2 (2), 6-7p
- Engles, F. (2002). *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. In. Estágios pré-históricos de cultura; A família; tradução de Leandro Konder. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, (16a ed), 21-91.
- Facchini, G. B.; Maia, A. C. B., & Maia, A. F. (2004). *Análise de Aspectos relacionados à sexualidade em um site para adolescentes*. Interação, Curitiba.
- Ferreira; D. C. S.; Pimentel, C. E.; Cirino, C. S.; Santos, H. S.; Oliveira, M. C. (2008). Psicologia da era virtual: Atitudes de estudantes adolescentes frente ao Orkut. *Psicologia Argumento*. 26(55), 305-317.
- Figueiró, M. (2009). Educação sexual: como ensinar no espaço da escola. In Figueiró, M. N. D. (1996). A produção teórica no Brasil sobre Educação Sexual. *Caderno de Pesquisas*, 98, 50-63.
- Figueiró, M. N. D. (2013). *Educação sexual no dia-a-dia*. Londrina: EDUEL

- Foucault, M. (2009). *História da sexualidade I: A vontade de saber*. (19a. ed.) Tradução de: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Freitas, K. R.; Viana, F.R.K., & Dias, S. M. Z. (2010). Percepções dos adolescentes sobre sua sexualidade. *Texto & Contexto Enfermagem*, 19, 351-57.
- Frison, L. M. B. (2000). *Percorrendo os caminhos na construção da sexualidade adolescente: significado do mundo vivido*. III Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul. Porto Alegre.
- Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). (2011a). *Adolescência: uma fase de oportunidades: Situação Mundial da Infância 2011*. New York: UNICEF.
- Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). (2011b). *O direito de ser adolescente: oportunidade para reduzir vulnerabilidades e superar desigualdades. Situação adolescência brasileira 2011*. Brasília: UNICEF
- Furlani, J. (2007). Sexos, sexualidades e gêneros: monstruosidades no currículo da Educação Sexual. *Educação em Revista*, 46, 269-285.
- Giles, G. G.; Severi, G.; English, D. R.; McCredie, M. R.; Borland, R.; Boyle, P.; & Hopper, J. L. (2003). Sexual factors and prostate cancer. *BJU International*, 92(3), 211-216.
- Giami, A. (2008). A experiência da sexualidade em jovens adultos na França: entre errância e vida conjugal. *Paidéia*, 18 (40), 289-304.
- Guirado, M. (1997). *Sexualidade, isto é, intimidade: redefinindo limites e alcances para a escola*. In: Aquino, J. G. (Org.). *Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus.
- Knobel, M. *Orientação familiar*. Campinas: Papyrus, 1992.
- Lei 5.692 (1971). Lei 5.692/71, *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira* (Institui o Ensino de 1º e 2º grau). Planalto, Distrito Federal.
- Lei nº 8.069 (1990). Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Câmara dos Deputados, Brasília, Distrito Federal.
- Leick, R. (2014) *Alemanha, Austrália e Índia já reconhecem o terceiro gênero*. Recuperado em 05 dezembro, 2014, de <http://viajabi.com.br/alemanha-australia-india-nepal-nova-zelandia-ja-reconhecem-o-3-genero/>
- Levandowski, D. C., & Schmidt, M. M. (2010). Oficina sobre sexualidade e namoro para pré-adolescentes. *Paidéia*, 20 (47), 431-436.
- Lima, A. A. A., & Pedro, E. N. R. (2008). Crescendo com HIV/AIDS: estudo com adolescentes portadoras de HIV/AIDS e suas cuidadoras-familiares. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 16(3), 348-354.
- Louro, G. L. (2007). Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. *Educação em Revista*, 46, 201-218.

- Louro, G. L. (2008). Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-Posições*, 19 (2), 17-23.
- Macedo, S.; Miranda, F.; Pessoa Junior, J., & Nobrega, V. (2013). Adolescência e sexualidade: scripts sexuais a partir das representações sociais. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, 66 (1), 103-109.
- Maia, A. C. B., & Ribeiro, P. R.M. (2011). Educação sexual: princípios para ação. In: DOXA – *Revista Brasileira de Psicologia e Educação*, 15 (1), 75-84.
- Maia, A. C. B.; Demonic, B. B. & Ferrari, J. S. (2012). Educação Sexual para educadores de crianças: um relato de experiência. *ELO Revista do Centro de Formação Francisco de Holanda*, 19, 47-54.
- Mano, S. M. F.; Gouveia, F. C., & Schall, V. T. (2009). "Amor e sexo: mitos, verdades e fantasias": jovens avaliam potencial de material multimídia educativo em saúde. *Ciências e Educação*, 15(3), 647-658.
- Ministério da Saúde (1996). *Programa Saúde do Adolescente. Bases Programáticas*. Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Coordenação da Saúde da Criança e do Adolescente. 2ª Edição. Brasília; Ministério da Saúde.
- Ministério da Saúde. (2006). *Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Marco teórico e referencial: saúde sexual e saúde reprodutiva de adolescentes e jovens*. Brasília. (DF). Ministério da Saúde.
- Ministério da Saúde (2010). Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Boletim epidemiológico de HIV/AIDS. Brasília (DF): Ministério da Saúde.
- Monteiro, C. F. S.; Costa, N. S. S.; Nascimento, P. S. V., & Aguiar, Y. M. (2007). A violência intra-familiar contra adolescentes grávidas. *Revista brasileira de enfermagem*, 60(4), 373-376.
- Moscheta, M.; Macnamee, S. & Santos, J. (2011). Dialogue and transformation: embracing sexual diversity in the educational context. *Educar em Revista*, 39, 103-122.
- Moura, G. R., & Pedro, E. V. R. (2006). Adolescentes portadores de deficiência visual: percepções sobre sexualidade. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 14(2), 220-226.
- Murakami, J. K.; Petrilli Filho, J. F., & Telles Filho, P. C. D. (2007). Conversando sobre sexualidade, IST e AIDS com adolescentes pobres. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 15, 864-866.
- Mussen, P. H., Conger, J. J., Kagan, J. & Huston, A. C. (1995). *Desenvolvimento e personalidade da criança* (M. L. G. L. Rosa, Trad.). São Paulo: Harbra. (Original publicado em 1990).
- Nery, J. (2011). *Viagem solitária - memórias de um transexual 30 anos depois*. Editora Leya Brasil, 336 p.

- Nogueira, M. J.; Barcelos, S.; Barros, H., & Schall, V. T. (2011). Criação compartilhada de um jogo: um instrumento para o diálogo sobre sexualidade desenvolvido com adolescentes. *Ciências e Educação*, 17(4), 941-956.
- Nunes, C. A. (2005). *Desvendando a sexualidade* (7ª. ed). Campinas: Papirus.
- Oliveira, T.C.; Carvalho, L.P.; & Silva, M.A. (2008). O enfermeiro na atenção á saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 61(3), 306-311.
- Oliveira, Monteiro, R. H. e Rocha, C. (Orgs.). (2013). *Anais do VI Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual Goiânia-GO*: UFG, FAV. Recuperado em 15 de janeiro, 2015 em <http://www.fav.ufg.br/seminariodeculturavisual/Arquivos/2013/117-eixo3.pdf> . Acesso em 15/06/2015
- Paiva, V. (2000). *Fazendo arte com camisinha: sexualidades jovens em tempo de Aids*. São Paulo: Summus.
- Peres, C. A.; Gonçalves, E. M. V.; Bessa, C.; Silva, R. C. & Paiva, V. (2000). *Fala Educadora! Fala Educador!* São Paulo: Laboratório Organon.
- Picazio, C. (1999). *Sexo secreto: temas polêmicos de sexualidade* (2a ed.). São Paulo: Summus.
- Portaria Interministerial nº 796, de 29 de maio de 1992. (1992, 29 de maio). *Veda práticas discriminatórias, no âmbito da educação, a pessoas portadoras de HIV*. Diário Oficial da União. Brasília: Presidência da República.
- Projeto de Lei 5002/2013.(2013). *Projeto de Lei 5002*. Câmara dos Deputados, Brasília, DF. Recuperado em 22 de janeiro, 2014 de <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=565315>
- Quirino, G. S. & Rocha, J. B. T. (2012). Sexualidade e educação sexual na percepção docente. *Educar em Revista*, 43, 205-224.
- Ribeiro, A. M. (2005). *Curso de Formação Profissional em Educação Infantil*. Rio de Janeiro: EPSJV / Creche Fiocruz.
- Ribeiro, M.O. (1999). A sexualidade segundo Michel Foucault: uma contribuição para a enfermagem. *Revista da Escola de Enfermagem*, 33 (4), 358-63.
- Richardson, R. J. (2007). *Pesquisa Social: Métodos e Técnicas*. (3a ed.). São Paulo: Atlas.
- Rocha, L. A.(2011). *Scientia sexualis versus ars erotica*: Foucault, van Gulik, Needham. *Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences*, 42, 328-343.
- Rodrigues, J. L.; Brino, R. F. & Williams, L. C. A. (2006). Concepções de sexualidade entre adolescentes com e sem histórico de violência sexual. *Paidéia*, 16 (34), 229-240.
- Rodrigues, S.T.; Amaral, C.B.; Guizio, M.F. & Maia, A. C. B. (2011). O despreparo de professores diante da educação sexual e diversidade sexual na escola. *Psicopedagogia*

- Rosemberg, F.; Piza, E. P., & Montenegro, T. (1990). *Mulher e educação formal no Brasil: estado da arte e bibliografia*. Brasília: INEP.
- Saugo, K. S. (2012). *A sexualidade na adolescência: uma perspectiva dos pais*. 2ª Mostra nacional de práticas em psicologia, São Paulo, 2012 Recuperado em 12 fevereiro, 2014, de <http://www.redepsi.com.br/2012/08/30/a-sexualidade-na-adolescencia-uma-perspectiva-dos-pais/>
- Secretaria de Educação Fundamental (1998). *Parâmetros Curriculares Nacionais (5ª a 8ª séries)*/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 436p..
- Senna, S. & Dessen, M. (2012). Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para a concepção contemporânea da adolescência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(1), 101-108.
- Serrano, J. (2007). *The whipping girl: a transsexual woman on sexism and the scapegotting of femininity*. Emervyle: Seal Press.
- Silva, B. O. & Ribeiro, P. R. C. (2011). Sexualidade na sala de aula: tecendo aprendizagens a partir de um artefato pedagógico. *Revista Estudos Feministas*, 19(2), 521-533.
- Silva, P. B. G. E. & Bernardes, N. M. G. (2007). Roda de conversas: excelência acadêmica é a diversidade. *Revista Educação*, 30, 53-92.
- Silva, R. & Megid Neto, J. (2006). Formação de professores e educadores para abordagem da educação sexual na escola: o que mostram as pesquisas. *Ciência e Educação*, 12 (2), 185-197.
- Silveira, R. M. (2014). *Nem tudo é possível, e muita coisa é obrigatória: um estudo da prática do swing em Goiânia*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Goiás – UFG, Goiânia, GO, Brasil.
- Sociedade Brasileira de Urologia (2013). Tamanho do pênis [vídeo]. Recuperado em 8 agosto, 2013 de, www.sbu.org.br/publico/tvsbu/player.swf?url=video/tamanho_do_penis.flv&volume=100.
- Sousa, L. B.; Fernandes, J. F. P.; & Barroso, M. G. T. (2006). Sexualidade na adolescência: análise da influência de fatores culturais presentes no contexto familiar. *Acta paulista de enfermagem*, 19(4), 408-413
- Souza, M. C. (2012). *A “roda da vida” no ambiente escolar: uma vivência intergeracional em Educação Musical*. Dissertação de Mestrado, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil.
- Souza, T.; Branco, A. & Oliveira, M. (2008). Pesquisa qualitativa e desenvolvimento humano: aspectos históricos e tendências atuais. *Fractal: Revista de Psicologia*, 20(2), 357-376.
- Spitzner, R. (2005). *Sexualidade e adolescência: reflexões acerca da educação sexual na escola*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, Brasil.

- Toledo, M. M. ; Takahashi, R. F. & De-La-Torre-Ugarte-Guanilo, M. C.. (2011). Elementos de vulnerabilidade individual de adolescentes ao HIV/AIDS. *Revista brasileira de enfermagem*, 64(2), 370-375.
- United Nations Youth (UN). (2014). *Definition of Youth*. Recuperado em 10 de dezembro, 2014, de <http://www.un.org/esa/socdev/documents/youth/fact-sheets/youth-definition.pdf>.
- Vidal, E. I. & Ribeiro, P. R. M. (2008). Algumas reflexões sobre relacionamentos afetivos e relações sexuais na adolescência. *Fractal: Revista de Psicologia*, 20 (2), 519-532.
- Vilar, D. (2012). Educação sexual e masculinidade. *Elo: Revista do Centro de Formação Francisco de Holanda*, 19, 41-45.
- Warschauer, C. (2001). *Rodas em rede: oportunidades formativas na escola e fora dela*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- WHO - World Health Organization (2007). *The WHO strategic approach to strengthening sexual and reproductive health policies and programme*. Geneva: WHO.
- WHO - World Health Organization (2010). *Social determinants of sexual and reproductive health: informing future research and programme implementation; edited by Shawn Malarcher*. Geneva: WHO.
- WHO - World Health Organization (2011). *World Health Statistics 2011*. France: WHO
- World Health Organization (WHO). (2004). *Sexually transmitted infections in adolescence. (Issues in adolescent health and development)*. Geneva: WHO.
- Wüsthof, R. (1996). *Descobrir o sexo*. (5a ed.). São Paulo: Editora Ática.
- Xavier Filha, C. (2011). Era uma vez uma princesa e um príncipe...: representações de gênero nas narrativas de crianças. *Estudos Feministas*, 19(2), 591-603.

Apêndice I – Carta Convite de Reunião

Convite de Reunião

Srs. Pais, Mães e/ou Responsáveis:

Venho por meio desta convidar Vossa Senhoria para uma reunião a realizar-se na data do dia _____, às 19:30h, na Escola _____.

O intuito da reunião é esclarecer um projeto que será realizado nesta instituição bem como solicitar autorização para a participação de vosso (a) filho (a) e/ou de vossa responsabilidade.

Sou enfermeira e pesquisadora na área da educação sexual. A sexualidade está presente diariamente na mídia, porém de forma distorcida. Crianças estão engravidando precocemente por falta de orientações e o índice de doenças sexualmente transmissíveis está crescendo na população jovem. Estes são alguns dos fatores de escolha da pesquisa a realizar-se nesta instituição.

Anexo a este convite, encaminho um Termo de Consentimento que deverá ser assinado por você; pai, mãe e/ou responsável legal; que gostaria da participação do seu (sua) filho (a) junto a este projeto que será totalmente gratuito e oferecido na própria escola.

Na reunião do dia _____ explicarei o projeto em mais detalhes e estarei à disposição para esclarecimentos de dúvidas.

Conto com a vossa presença!!!

Eu _____ responsável pelo (a) aluno
(a) _____ da série _____ informo à coordenação da escola que
() comparecerei () não comparecerei a reunião designada.

Assinatura do pai, mãe e/ou responsável

Apêndice II - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, _____ portador do RG _____ declaro ser pai/mãe ou responsável pelo (a) aluno (a) _____ e autorizo sua participação no projeto de pesquisa intitulado “*Sexualidade e adolescência: estudo descritivo-analítico a partir de vivências em uma escola de ensino fundamental*” realizado na própria escola, sob a responsabilidade da pós-graduanda e enfermeira Débora Brandão Bertolini e sob a orientação da Professora Doutora Fátima Elisabeth Denari.

É de meu conhecimento que este estudo será desenvolvido em caráter de pesquisa científica, objetivando investigar o quais são as transformações que ocorrem na adolescência bem como o conhecimento que os alunos possuem sobre essas transformações.

Estou ciente de que serão realizadas filmagens dos alunos. Todavia, os alunos aparecerão nestas filmagens; porém como não são o foco da pesquisa e conforme prega o Artigo 17 do Estatuto da Criança e Adolescente, suas identidades e imagens serão preservadas; ou seja, na projeção da filmagem as imagens dos alunos serão desfocadas para que não seja possível a identificação dos mesmos.

Li e entendi as informações precedentes, sendo que fui informada (o) que quaisquer dúvidas que venha a ocorrer, serão prontamente esclarecidas pela direção, coordenação da escola, enfermeira - pesquisadora responsável e, em caso de possíveis denúncias de descumprimento deste termo poderei recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” localizada na Rodovia Araraquara-Jaú Km1, Caixa Postal 174, CEP: 14800-901, Araraquara- SP, Brasil, Telefone (16) 3334.6224 ou (16) 3334.6466, Endereço eletrônico: comitedeetica@fclar.unesp.br

Informações da escola:

Escola Estadual _____

Endereço: _____

Telefones para contato: _____

Endereço eletrônico: _____

Diretor (a): _____

Supervisor (a): _____

Informações da Pesquisadora:

Enfermeira graduada pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (EERP-USP) e pós graduanda da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP- ARARAQUARA).

Apêndice III - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

Destinado aos Participantes da Pesquisa

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa “Sexualidade e adolescência: estudo descritivo-analítico a partir de vivências em uma escola de ensino fundamental”. Neste estudo pretendemos investigar junto a um grupo de adolescentes na faixa etária de 11 a 13 anos, de ambos os sexos, como vocês se manifestam a respeito da própria sexualidade e como a vivenciam.

O motivo que nos leva a estudar esse assunto é identificar o que jovens pensam e sentem sobre sexualidade e propiciar a vocês, jovens participantes, conhecimentos sobre o assunto para que possam vivenciar uma sexualidade saudável, segura e emancipatória.

Para este estudo adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): serão encontros com rodas de conversa (algumas em formato de aulas expositivas dialogadas) e uma redação inicial e final. Nestas rodas de conversa abordaremos diversos temas envolvendo a sexualidade. A avaliação do grau de conhecimento proporcionado aos alunos será por meio da comparação da redação inicial e final.

Para participar deste estudo, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido(a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Este estudo apresenta risco mínimo, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, tomar banho, ler etc. Apesar disso, você tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você, deixando claro que sua identidade será sempre mantida em sigilo. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, _____, portador(a) do documento de Identidade _____ (se já tiver documento), fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações junto à pesquisadora responsável Débora Brandão Bertolini ou ainda com o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” localizada na Rodovia Araraquara-Jaú Km1, Caixa Postal 174, CEP: 14800-901, Araraquara-SP, Brasil, Telefone (16) 3334.6224 ou (16) 3334.6466, Endereço eletrônico: comitedeetica@fclar.unesp.br. Estou ciente que o meu responsável poderá modificar a decisão da minha participação na pesquisa, se assim desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

_____, ____ de _____ de 2014

Assinatura do(a) participante da pesquisa:

Nome legível: _____

Assinatura: _____

Débora Brandão Bertolini

(Pesquisadora Responsável)

Apêndice IV - Dúvidas e curiosidades depositadas na caixinha

1. Como a mulher demonstra prazer?
2. O orgasmo é o ponto final do sexo?
3. O que fazer se a camisinha estourar?
4. Não usar preservativo causa AIDS e filhos?
5. Posso engravidar na primeira transa?
6. A mulher menstrua e carrega um filho por 09 meses, o homem não sofre em nada com o sexo?
7. Usar fantasia esquenta a relação?
8. O que é masturbação?
9. Como demonstrar que gosta de alguém e como chegar em alguém?
10. Como fazer para se sentir mais bonita?
11. Depois da relação sexual, o corpo começa a se desenvolver?
12. O que é 69? O que é posição de 4? O que é posição de 8? O que é 66? O que é posição papai e mamãe? Quais são as melhores posições para dar?
13. Como se deve ter e dar prazer?
14. Quais são as vantagens e desvantagens do sexo lésbico?
15. Existe prazer no sexo lésbico?
16. Como é praticado o 69 entre lésbicas?
17. Tem diferença no prazer do sexo lésbico, gay e hetero?
18. O que dá mais prazer sexo anal, vaginal ou oral?
19. Quais são os prazeres da suruba?
20. Sexo diário causa problemas?
21. Mulher goza e por onde?
22. Posso usar pílula do dia seguinte?
23. Qual é o momento certo para transar?
24. Sexo é algo que todos gostam de fazer?
25. Sexo dá doença?
26. Como engravidar e como criar os filhos? Como faz para ter um filho? Como faz para engravidar?
27. Porque demora a engravidar? É na primeira vez ou não? Pode transar menstruada?
28. A mulher engravida quando vai rápido ou devagar?
29. Pode transar na gravidez?
30. Quais são os sintomas da gravidez? Como a mulher sabe que está grávida?
31. É normal a mulher menstruar depois dos 13 anos?
32. Porque quando a menina fica com o menino fica saindo um líquido?
33. Porque a hora que a gente está ficando, a periquita pisca? Quando a mulher fica com a periquita piscando?
34. Porque a pessoa grita quando faz sexo?
35. O que é punheta? O que é siririca?
36. É verdade que a menina só perde a virgindade sem camisinha?
37. É verdade que quando a menina perde a virgindade estoura uma pelinha?
38. Quando você dá mais de uma vez na noite dói?
39. Porque quando os meninos estão com roupa o pênis fica de lado e quando estão pelados o pênis fica reto?

Anexo I - Aprovação do Comitê de Ética

 MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS			
1. Projeto de Pesquisa: Sexualidade e adolescência: estudo descritivo-analítico a partir de vivências em uma escola de ensino fundamental		2. Número de Sujeitos de Pesquisa: 20	
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 4. Ciências da Saúde, Grande Área 6. Ciências Sociais Aplicadas, Educação Sexual			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: Débora Brandão Bartolini			
6. CPF: [REDACTED]		7. Endereço (Rua, n.º): [REDACTED]	
8. Nacionalidade: BRASILEIRA	9. Telefone: [REDACTED]	10. Outro Telefone: -	11. Email: [REDACTED]
12. Cargo:			
Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 196/96 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.			
Data: 01 / 07 / 2013		[REDACTED] Assinatura	
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
13. Nome: Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - Campus Araraquara		14. CNPJ: 48.031.918/0026-82	15. Unidade/Orgão:
16. Telefone: (16) 3301-6224		17. Outro Telefone:	
Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 196/96 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.			
Responsável: <u>Cláudio Cesar de Paiva</u>		CPF: [REDACTED]	
Cargo/Função: <u>Vice Diretor</u>		[REDACTED]	
Data: 01 / 07 / 2013		<u>Prof. Dr. Cláudio Cesar de Paiva</u> Vice-Diretor no exercício da Diretoria	
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Não se aplica.			

FACULDADE DE CIÊNCIAS E
LETRAS - UNESP - CAMPUS
ARARAQUARA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Sexualidade e adolescência: estudo descritivo-analítico a partir de vivências em uma escola de ensino fundamental

Pesquisador: Débora Brandão Bertolini

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 19339613.5.0000.5400

Instituição Proponente: Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - Campus Araraquara

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 532.197

Data da Relatoria: 07/02/2014

Apresentação do Projeto:

Adequada

Objetivo da Pesquisa:

Adequado

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Adequada

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Adequada

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A pesquisadora incorporou à documentação do Projeto a autorização da escola na qual a pesquisa será desenvolvida.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Recomenda-se a aprovação do projeto de pesquisa.

Endereço: Rod. Araraquara- Jaú Km1

Bairro:

CEP: 14.800-901

UF: SP

Município: ARARAQUARA

Telefone: (163)301-6224

Fax: (163)332-0698

E-mail: sta@fclar.unesp.br

FACULDADE DE CIÊNCIAS E
LETRAS - UNESP - CAMPUS
ARARAQUARA



Continuação do Parecer: 532.197

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Considerando que os itens mencionados no parecer foram objeto de apreciação pelo parecer anterior em reunião recente

ARARAQUARA, 17 de Fevereiro de 2014

Assinador por:
Alexandre Rossi
(Coordenador)

Endereço: Rod. Araraquara- Jaú Km1
Bairro: CEP: 14.800-901
UF: SP Município: ARARAQUARA
Telefone: (163)301-6224 Fax: (163)332-0698 E-mail: sta@fclar.unesp.br

Anexo II – Autorização da Escola



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
COORDENADORIA DO ENSINO DO INTERIOR
DIRETORIA DE ENSINO –



Ribeirão Preto, 13 de setembro de 2013

DECLARAÇÃO

A direção da [REDACTED], vem através deste informar que aceita receber o projeto Sexualidade e Adolescência: Estudo descritivo-analítico a partir de vivências em uma escola de ensino fundamental, desenvolvido por Débora Brandão Bertolini.

Atenciosamente,



Diretor de Escola Designado